UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

NOVA ABORDAGEM METODOLÓGICA DE MODELAGEM COMPUTACIONAL E DETERMINAÇÃO DE ÁREAS PRIORITÁRIAS PARA PROSPECÇÃO DE FÓSSEIS DA MEGAFAUNA QUATERNÁRIA

Wilcilene Santos de Aragão

Orientador: Dr. Alexandre Liparini Campos

Coorientador: Dr. Anderson Aires Eduardo

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Programa de Pós-Graduação em Geociências e Análise de Bacias

São Cristóvão - SE
2020

Wilcilene Santos de Aragão

NOVA ABORDAGEM METODOLÓGICA DE MODELAGEM COMPUTACIONAL E DETERMINAÇÃO DE ÁREAS PRIORITÁRIAS PARA PROSPECÇÃO DE FÓSSEIS DA MEGAFAUNA QUATERNÁRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geociências e Análise de Bacias da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geociências.

Orientador: Dr. Alexandre Liparini Campos

Coorientador: Dr. Anderson Aires Eduardo

São Cristóvão–SE
2020

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

A659n

Aragão, Wilcilene Santos de

Nova abordagem metodológica de modelagem computacional e determinação de áreas prioritárias para prospecção de fósseis da megafauna quaternária / Wilcilene Santos de Aragão ; orientador Alexandre Liparini Campos. – São Cristóvão, SE, 2020.

108 f. : il.

Dissertação (mestrado em Geociências e Análise de Bacias) – Universidade Federal de Sergipe, 2020.

1. Geociências. 2. Paleontologia – Quaternário. 3. Bacias (Geologia) – Sergipe. 4. Zoogeografia. 5. Software. I. Campos, Alexandre Liparini, orient. II. Título.

CDU 551.79:56:004.4(813.7)

NOVA ABORDAGEM METODOLÓGICA DE MODELAGEM COMPUTACIONAL E DETERMINAÇÃO DE ÁREAS PRIORITÁRIAS PARA PROSPECÇÃO DE FÓSSEIS DA MEGAFAUNA QUATERNÁRIA

por:

Wilcilene Santos de Aragão
(Bióloga, Universidade Federal de Sergipe – 2017)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Submetida em satisfação parcial dos requisitos ao grau de:

MESTRE EM GEOCIÊNCIAS

BANCA EXAMINADORA:

Dr. Alexandre Liparini Campos [Orientador – UFS]

Dr. Mário André Trindade Dantas [Membro Externo – UFBA]

Dra. Cynthia Lara de Castro Manso [Membro Interno – UFS]

Dr. Luiz Alberto Vedana [Membro Interno – UFS]

Data Defesa: 24/11/2020

Resumo

As descobertas fósseis da megafauna quaternária em Sergipe tiveram início em 1884, com ocorrência predominantemente em afloramentos do tipo tanque. Atualmente há registros de ocorrências de herbívoros das espécies *Catonyx cuvieri*, *Equus neogeus*, *Eremotherium laurillardi*, *Notiomastodon platensis*, *Pachyarmatherium brasiliense*, *Paleolama major*, *Toxodon platensis*, além de registros indeterminados de *Glyptotherium* e *Mylodontidae*. No grupo dos carnívoros, a única espécie com ocorrência para o estado é *Smilodon populator*. Modelos de paleodistribuição podem auxiliar na identificação de regiões com maiores chances de ocorrência pretérita das espécies e a combinação de projeções desses modelos com algoritmos de priorização de áreas como o *Zonation*, pode constituir um *framework* metodológico aplicável à prospecção fóssil. O objetivo deste trabalho é determinar regiões com maior potencial fossilífero em Sergipe, através do uso de dados de paleodistribuição das espécies, vieses tafonômicos, informações geomorfológicas e uso dos espaços geográficos adicionados ao *software Zonation,* e comparar com o que é conhecido na literatura para o Estado. A construção dos modelos de paleodistribuição foi realizada utilizando o Maxent, algoritmo que combina registros de ocorrências com dados climáticos especializados para a confecção de mapas de adequabilidade climáticas. A validação desses mapas foi feita através da análise dos valores da métrica AUC (AUC - *Area Under the ROC Curve*). Na etapa de determinação de áreas prioritárias foi utilizado o *Zonation*, que combina os mapas de adequabilidade gerados com dados espaciais de registros de cavernas, variação da elevação e densidade rural do Brasil. As 14 espécies estudadas apresentaram modelos com boa performance preditiva (AUC > 0,75) possibilitando o uso dos mapas obtidos no *Zonation*. Como resultado, obtivemos um mapa único com as áreas de maior probabilidade de ocorrência fossilífera para todo o conjunto de espécies analisadas. Utilizando o estado de Sergipe como referência, as áreas mapeadas com alta prioridade fossilífera para o estado corroboram com as regiões já conhecidas com ocorrência fossilífera e que estão disponíveis na literatura. Outras áreas onde ainda não se conhece ocorrência de fósseis se mostraram potencialmente fossilíferas, podendo ser alvo de futuros esforços de prospecção, inclusive como forma de validação para o modelo apresentado. Diante dos resultados positivos obtidos, pode-se considerar que essa metodologia é válida para outros estudos que tiverem o mesmo objetivo, podendo servir como um arcabouço metodológico consistente para o mapeamento de áreas de priorização para prospecção fóssil. Futuros estudos empíricos serão importantes para refinar os resultados da metodologia proposta, bem como possibilitar uma validação mais abrangente da mesma.

Palavras-chave: *Maxent.* Modelagem de nicho. Potencial fossilífero. *Zonation*

Abstract

The fossil discoveries of the quaternary megafauna in Sergipe began in 1884, occurring predominantly in outcrops of the tank type. Currently there are records of occurrences of herbivores of the species *Catonyx cuvieri*, *Equus neogeus*, *Eremotherium laurillardi*, *Notiomastodon platensis*, *Pachyarmatherium brasiliense*, *Paleolama major*, *Toxodon platensis*, in addition to indeterminate records of *Glyptotherium* and *Mylodontidae*. In the group of carnivores, the only species with occurrence for the state is *Smilodon populator*. Paleodistribution models can assist in the identification of regions with greater chances of past species occurrence and the combination of projections of these models with algorithms for prioritizing areas such as *Zonation*, can constitute a methodological framework applicable to fossil prospecting. The objective of this work is to determine regions with greater fossiliferous potential in Sergipe, through the use of species paleodistribution data, taphonomic biases, geomorphological information and use of the geographical spaces added to the *Zonation* software, and to compare with what is known in the literature for the State. The construction of paleodistribution models was performed using Maxent, an algorithm that combines occurrence records with spatialized climatic data for the preparation of climate suitability maps. The validation of these maps was done by analyzing the values of the AUC (AUC - *Area Under the* ROC *Curve*) metric. In the step of determining priority areas, Zonation was used, which combines the generated suitability maps with spatial data from cave records, elevation variation and rural density in Brazil. The 14 species studied presented models with good predictive performance (AUC> 0.75) enabling the use of maps obtained in Zonation. As a result, we obtained a single map with the areas most likely to occur fossiliferous for the entire set of species analyzed. Using the state of Sergipe as a reference, the areas mapped with high fossiliferous priority for the state corroborate the regions already known to have fossiliferous occurrences and which are available in the literature. Other areas where the occurrence of fossils is still unknown are potentially fossiliferous, and may be the target of future prospecting efforts, including as a means of validating the model presented. In view of the positive results obtained, it can be considered that this methodology is valid for other studies that have the same objective, and can serve as a consistent methodological framework for mapping priority areas for fossil prospecting. Future empirical studies will be important to refine the results of the proposed methodology, as well as to enable a more comprehensive validation of it.

Keywords: *Maxent*. Niche modeling. Fossiliferous potential. *Zonation*

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

1.1 - Apresentação

Os padrões de distribuição de espécies podem sofrer mudanças com o tempo, sendo capaz de expandir-se, retrair-se ou deslocar-se de acordo com as variações ambientais, suas características ecológicas e suas interações com outras espécies. Uma das formas para determinar o potencial de distribuição de uma espécie é inferir o espaço geográfico que contém condições ambientais onde sabe-se que a espécie ocorreu e que, portanto, podem ser consideradas adequadas para o estabelecimento de suas populações. Atualmente, esse potencial de distribuição é inferido através da modelagem de distribuição de espécies (SDM - *Species distribution modeling*) e são utilizadas na Paleontologia em conjunto com modelos paleoclimáticos para projetar distribuições de espécie de animais e plantas do passado, conhecidas como paleodistribuição ou paleo-SDM (Jakob *et al*., 2009; Varela *et al*., 2010; Franklin *et al*., 2015).

As projeções de paleodistribuição têm sido preferencialmente utilizadas na indicação de potenciais áreas de distribuição de espécies extintas do Quaternário (Varela *et al*., 2010; Lima-Ribeiro *et al*., 2012; Varela *et al*., 2018). As alterações em suas áreas de distribuição potencial são avaliadas especialmente em momentos climáticos críticos, como o último máximo glacial há ~ 21 mil anos (ka) e o ótimo climático do Holoceno (~ 6 ka) (Svenning *et al*., 2011; Lima-Ribeiro *et al*., 2012; Maguire *et al*., 2015; Varela e Fariña, 2015; Varela *et al*., 2018). Um uso menos recorrente é a aplicação da paleodistribuição para auxiliar a identificação taxonômica de fósseis incompletos (França *et al*., 2014; Eduardo *et al*., 2018).

Até o momento, modelos de paleodistribuição têm sido pouco explorados como ferramentas preditivas em Paleontologia. Entretanto, considerando a natureza desafiadora e incerta da atividade de prospecção fóssil, modelos de paleodistribuição podem auxiliar na identificação de regiões com maiores chances de ocorrência da espécie ou grupo focal.

O nicho ecológico refere-se a um conjunto de condições e recursos disponíveis que permitem a sobrevivência e reprodução da espécie no ambiente e é formado por diversos aspectos ou condições de existência para as espécies no ambiente (*e.g.*, temperatura, solo, umidade, pH) e esses aspectos são classificados como diferentes tipos de nicho: nicho espacial que representa o espaço físico ocupado por um organismo; nicho trófico refere-se ao papel que o organismo desempenha na comunidade e nicho multidimensional que permite ao indivíduo sobreviver (Hutchinson, 1957; Odum, 2001; Soberon e Nakamura, 2009). Esse tipo de nicho,

multidimensional, é susceptível de medição, manipulação matemática e é subdividido em nicho fundamental referente a todas as condições e recursos disponíveis sem restrição, como por exemplo, restrição por competição e nicho realizado que é a faixa ambiental que a espécie realmente ocupa e recursos que utiliza sob restrições bióticas como predação, parasitismo, competição e disponibilidade de alimento (Hutchinson, 1957; Odum, 2001; Soberon e Nakamura, 2009).

A prática da Modelagem de Nicho Ecológico (ENMs - *Ecological Niche Models*) apresenta duas vertentes, de acordo com os aspectos ecológicos considerados: (i) nicho Grinnelliano definido por variáveis ambientais abióticas e condições ambientais em larga escala, como clima e geomorfologia; (ii) nicho Eltoniano realizado principalmente em escala local, é aplicado com interações bióticas e dinâmica recurso-consumidor (Soberón, 2007). No presente trabalho será adotado a ideia de nicho Grinnelliano, assim como na maioria dos trabalhos de paleodistribuição a partir da ENM, já que as interações bióticas e as relações entre recursos e consumidores ainda são esparsos e escassos para espécies extintas (porém ver Domingo *et al*., 2012; Pérez-Crespo *et al*., 2012; Bocherens, 2015; Dantas e Cozzuol, 2016; Bocherens *et al*., 2017; Dantas *et al*., 2017; Omena *et al*., 2020 para o recente avanço no entendimento da dinâmica recurso-consumidor).

Tradicionalmente, as pesquisas feitas com saídas de campo para prospecção fóssil, são realizadas em áreas onde já foram encontrados registros fósseis e identificadas a partir dos históricos dessas localidades. Outra alternativa são as buscas a partir das informações dos tipos e das idades das rochas expostas de certa região, que poderão ou não conter organismos fossilizados daquele período.

A combinação das projeções dos ENM's com algoritmos de priorização de áreas, tradicionalmente empregados em Biologia da Conservação para o ranqueamento ou priorização de áreas para criação de Unidades de Conservação (Moilanen, Leathwick e Elith, 2008), pode constituir um framework metodológico que permita otimizar os investimentos relacionados à prospecção fóssil.

Até a presente data, não foram encontrados na literatura trabalhos paleontológicos com o uso de metodologias de priorização de áreas para conservação ou combinando priorização de áreas e modelagem de distribuição, como uma ferramenta de determinação de áreas para prospecção de fósseis. Visto que uma das etapas da metodologia de priorização de áreas para conservação

baseia-se na distribuição das espécies, foi pensado no uso das modelagens de espécies extintas como uma potencial metodologia complementar para otimizar e auxiliar a busca por fósseis.

Diante disso, essa pesquisa tem como principal proposta uma nova abordagem que desenviesaria a tendência de retorno apenas à localidades já tidas como fossilíferas ampliando as possibilidades de áreas para prospecção, empregando a megafauna sul-americana como modelo de estudo. Assim, a relevância dessa pesquisa se dá por estudar uma nova forma de determinar regiões com grande potencial fossilífero, possibilitando a descoberta de novos sítios paleontológicos.

Esse trabalho está dividido em dois artigos apresentados nos capítulos 2 e 3, de maneira que o capítulo 2 (artigo 1) apresenta a modelagem de 14 espécies de animais da megafauna que viveram durante o Quaternário, com utilização de dados de registros de ocorrência dessas espécies para a América do Sul e camadas climáticas de mil em mil anos dentro de um intervalo temporal compreendido entre 23 mil anos até a idade mais recente que se tem registro datado dessas espécies. Já no capítulo 3 (artigo 2) apresenta o teste de uma metodologia para inferir possíveis áreas para prospecção fóssil. Foram utilizados os mapas das espécies gerados no artigo 1 com acréscimo de mapas de feições geológicas, geomorfológicas e sociais, para tentar prever as localidades potenciais para prospecção e comparar com as informações que já constam na literatura. O primeiro artigo será submetido à revista *Nature Communications* e o segundo artigo será submetido à revista *Quaternary Science Reviews*. As normas de submissão das revistas encontram-se nos anexos 1 e 2, respectivamente.

1.2 - Objetivos

Geral

Determinar regiões com potencial fossilífero, através do uso de dados de paleodistribuição das espécies e mapas físicos diversos da região de interesse, para indicar áreas prioritárias para busca de fósseis da megafauna.

Específicos

- Modelar nicho ecológico e gerar mapas de adequabilidade para espécies da megafauna quaternária na América do Sul, que serão tidos, grosso modo, como mapas de paleodistribuição das espécies.
- Elencar áreas prioritárias para prospecção de fósseis.

1.3 - Localização da área

Área de estudo

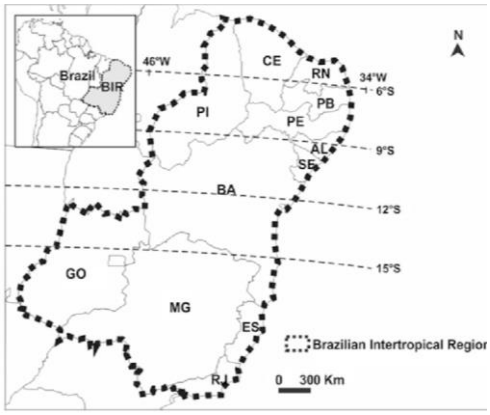
A América do Sul era composta por uma grande diversidade de espécies denominadas genericamente de megafauna quaternária, com ampla distribuição por boa parte do continente (Coltorti *et al.*, 2012; Ficcarelli *et al.*, 2003; França, 2014; Gallo *et al.*, 2013; González-Guarda *et al.*, 2017; Gutiérrez e Martínez, 2008; Varela *et al.*, 2018; Varela e Fariña, 2015). Grande parte da megafauna quaternária ocorreu na época Pleistoceno (2,58 – 0,011 Ma) e foi durante o Pleistoceno tardio que muitas espécies desse grupo se extinguiram no continente Sul Americano (Lima-Ribeiro e Diniz-Filho, 2013).

No Brasil, esse grupo esteve presente em todas as regiões do país, com destaque para a região Nordeste como uma região de maior concentração e diversidade. A Região Intertropical Brasileira (RIB) (FIGURA 1) é formada pelos estados do Nordeste (exceto Maranhão) juntamente com Goiás e os estados do Sudeste (exceto São Paulo). Cartelle (1999) definiu essa região como um domínio zoogeográfico com base na co-ocorrência de espécies de herbívoros e carnívoros nesta região. A maior parte dos registros fósseis nesses estados provêm de tanques naturais e cavernas (Dantas e Cozzuol, 2016).

Em Sergipe, um dos estados que fazem parte da RIB, há registros de ocorrências de diversos grupos paleontológicos de vertebrados da megafauna (Dantas, 2010; Dantas, 2012; Dantas *et al*., 2013; França *et al.*, 2011; França *et al*., 2013; França *et al.*, 2014; Dantas e Cozzuol, 2016; Dantas *et al.*,2017; Omena *et al*., 2020). Também nesse estado, tais registros são provenientes de municípios que apresentam feições geológicas naturais distintivas chamadas de tanques e também de cavernas (FIGURA 2). Os tanques naturais são recorrentes no Nordeste, se desenvolvem principalmente em rochas metamórficas tipo granitoides, em clima semiárido e são formados por meio de intemperismo físico-químico (Ximenes, 2009; Araújo-Júnior *et al.*, 2013; Araújo-Júnior, 2016).

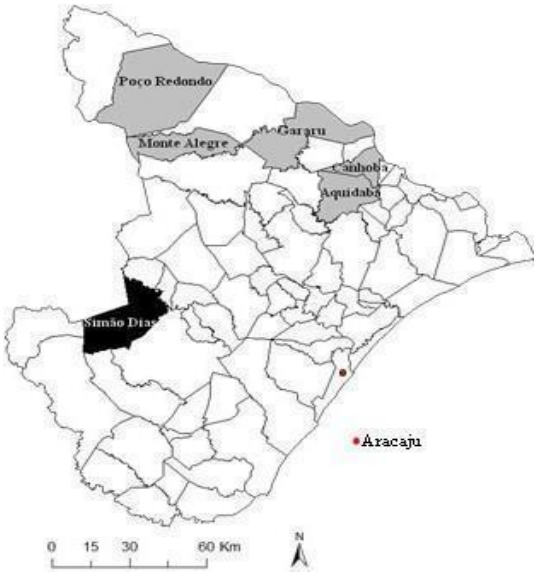
Neste trabalho a área de estudo pode ser dividida em duas porções. A primeira, em escala continental, onde serão modeladas as potenciais áreas de paleodistribuição da megafauna quaternária sul americana. A segunda, será delimitada em nível regional uma área dentro do estado de Sergipe, para um refinamento e definição das áreas prioritárias para prospecção.

FIGURA 1 – Localização da Região Intertropical Brasileira.



Fonte: Dantas e Cozzuol (2016) modificada de Cartelle (1999).

FIGURA 2 – Mapa de Sergipe com destaque para os municípios onde há registros de fósseis da megafauna. Em cinza os municípios com registros em tanques e em preto o município onde foram encontrados fósseis em caverna.



Fonte: Modificado de base cartográfica do IBGE.

1.4 - Métodos de trabalho

Mapas de adequabilidade:

Para modelagem de nicho e construção dos mapas de adequabilidade foram utilizados registros de ocorrências (coordenadas geográficas) de 14 espécies de herbívoros extintos da megafauna quaternária. Os dados de ocorrências utilizados para modelagem foram obtidos a partir da base de dados *The paleobiology database* (https://paleobiodb.org) e da literatura disponível. Além das informações sobre as espécies, foram utilizadas camadas climáticas a cada mil anos no intervalo de tempo de 23 mil anos até o recente (0 ka) e as informações sobre essas camadas foram obtidas no artigo de Carnaval *et al.* (2014).

As espécies consideradas para a modelagem foram: *Catonyx chiliensis* (=*Scelidodon chilensis*), *Catonyx cuvieri*, *Eremotherium laurillardi*, *Glossotherium robustum*, *Lestodon armatus*, *Megatherium americanum* e *Mylodon darwini* representativas de preguiças extintas; *Doedicurus clavicaudatus*, *Glyptodon clavipes*, *Holmesina occidentalis*, *Holmesina paulacoutoi*, *Neosclerocalyptus paskoensis* e *Pampatherium typus* entre os representantes de tatus e gliptodontes extintos; e *Notiomastodon platensis* representante de proboscídeo quaternário sulamericano extinto.

Os mapas de adequabilidade foram construídos com o *software Maxent* (versão 3.4.1) que se trata, basicamente, de um algoritmo de *Machine Learning*, capaz de relacionar dados de ocorrências das espécies com os conjuntos de variáveis climáticas para criar uma representação do nicho da(s) espécie(s) de interesse. Esse programa possui uma interface gráfica implementada em *JAVA* (Phillips, Anderson e Schapire, 2006) e, também, pode ser usado através de pacotes para o ambiente de programação *R* - por exemplo, *ENMeval* (Muscarella *et al.*, 2014) ou *biomod2* (Thuiller *et al.*, 2020). Os modelos gerados podem ser validados a partir de diferentes métricas de performance preditiva para modelos de *Machine Learning*, sendo que a mais usada é o AUC *(Area Under the* ROC *Curve*) (Jiménez-Valverde, 2012; Robin *et al*., 2011).

Para a avaliação dos modelos foi utilizado o método de Elith (2000), que considera os valores de AUCs maiores que 0,75 como potencialmente úteis para as análises ecológicas. Os modelos do *Maxent* foram gerados a partir da combinação de um conjunto de rotinas computacionais, implementadas com o auxílio de pacotes executados no ambiente de programação R (versão 3.4.4), com funções específicas para modelagem de dados geográficos, modelagem de distribuição das espécies, calibração, validação e análise de sensibilidade e incertezas dos modelos gerados.

Áreas prioritárias:

O *Zonation* (versão 4.0) — *software* que utilizamos para determinar as áreas prioritárias para prospecção — é um programa estatístico que analisa um conjunto de dados espaciais ou mapas digitais com informações associadas em cada pixel, produzindo uma classificação de prioridades regionais e descartando locais que levam à menor perda de diversidade, mantendo um grau de conectividade estrutural da área restante de acordo com as prioridades especificadas pelo pesquisador. Essa classificação das áreas é feita considerando a distribuição total e restante dos recursos utilizados nos dados de entrada para o programa e dos pesos dados a esses recursos

durante a etapa de configuração dos dados da análise (Di Minin, *et al.*, 2013; Moilanen *et al.*, 2005).

De acordo com Di Minin, *et al.*, 2014 são necessários três tipos de arquivos obrigatórios em todas as análises, que são: Arquivo de projeto (formato .bat); uma lista de recursos de biodiversidade e um arquivo de configurações de execução (formato .dat) que define os recursos analíticos que serão usados na classificação de prioridade. Com esse conjunto de arquivos para execução do *Zonation*, obtêm-se arquivos *outputs* com um mapa indicando melhores áreas para conservação das espécies estudadas (Kukkala e Moilanen, 2017; Lehtomäki e Moilanen, 2013; Tognelli *et al.*, 2011; Williams *et al.*, 2012), que são as denominadas "áreas quentes do mapa".

Neste estudo foram utilizados como arquivos de *input* para o programa, os mapas resultantes da modelagem de nicho de cada espécie, gerados com o *Maxent* que são apresentados em formato (TIFF), além de mapas geomorfológicos do Brasil com informações sobre desníveis, densidade rural e registros de cavernas no país.

Para definir quais áreas do mapa gerado seriam reconhecidas como prioritárias para prospecção, foi utilizada uma escala de cores que o próprio *Zonation* possui e gera para cada análise. Seguindo o padrão de cores "*Classic Zonation*" disponível nas configurações do programa, as áreas do mapa com as cores rosa, vermelho escuro e vermelho claro, dentro da área estudada, foram as regiões analisadas como sugestivas para prospecção e potencialmente fossilífera. Em seguida foi feito um recorte do mapa final na região do estado de Sergipe por ser uma área já conhecida com grande potencial fossilífero, para uma análise mais detalhada da região.

Por fim, as áreas indicadas como potencialmente fossilíferas foram sobrepostas a imagens de satélites a fim de se pontuar localidades com possíveis exposições rochosas para prospecção futura.

Bibliografia

ARAÚJO-JÚNIOR, H. I. DE. Classifying vertebrate assemblages preserved in Quaternary tank deposits: Implications for vertebrate taphonomy and paleoecology. **Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology**, v. 445, p. 147–152, 2016.

ARAÚJO-JÚNIOR, H. I. DE; PORPINO, K. DE O.; XIMENES, C. L.; BERGQVIST, L. P. Unveiling the taphonomy of elusive natural tank deposits: A study case in the Pleistocene of northeastern Brazil. **Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology**, v. 378, p. 52–74, 2013.

BOCHERENS, H. Isotopic tracking of large carnivore palaeoecology in the mammoth steppe. **Quaternary Science Reviews**, v. 117, n. April, p. 42–71, 2015.

BOCHERENS, H.; COTTE, M.; BONINI, R. A.; STRACCIA, P.; SCIAN, D.; SOIBELZON, L.; PREVOSTI, F. J. Isotopic insight on paleodiet of extinct Pleistocene megafaunal Xenarthrans from Argentina. **Gondwana Research**, v. 48, p. 7–14, 2017.

CARNAVAL, A. C. *et al.* Prediction of phylogeographic endemism in an environmentally complex biome. **Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences**, v. 281, n. 1792, 2014.

CARTELLE, C. **Pleistocene mammals of the Cerrado and Caatinga of Brazil Mammals of the Neotropics: The Central Neotropics: Ecuador, Peru, Bolivia, Brazil**, 1999.

COLTORTI, M.; FAZIA, J. DELLA; PAREDES RIOS, F.; TITO, G. Ñuagapua (Chaco, Bolivia): Evidence for the latest occurrence of megafauna in association with human remains in South America. **Journal of South American Earth Sciences**, v. 33, n. 1, p. 56–67, 2012.

DANTAS, M. A. T. MEGAFAUNA PLEISTOCÊNICA DA FAZENDA CHARCO, POÇO REDONDO, SERGIPE – INTERPRETAÇÕES PALEOAMBIENTAIS. **Dissertação de Mestrado**, p. 61, 2010.

DANTAS, M. A. T. Contribuição Ao Conhecimento Da Megafauna Pleistocênica Da Região Intertropical Brasileira. **Tese de Doutorado**, p. 103, 2012.

DANTAS, M. A. T.; CHERKINSKY, A.; BOCHERENS, H.; DREFAHL, M.; BERNARDES, C.; FRANÇA, L. DE M. Isotopic paleoecology of the Pleistocene megamammals from the Brazilian Intertropical Region: Feeding ecology (δ13C), niche breadth and overlap. **Quaternary Science Reviews**, v. 170, p. 152–163, 2017.

DANTAS, M. A. T.; COZZUOL, M. A. Marine Isotope Stage 3 in Southern South America, 60 KA B.P.-30 KA B.P. **Marine Isotope Stage 3 in Southern South America, 60 KA B.P.-30 KA B.P.**, v. 3, n. Mis 3, p. 207–226, 2016.

DANTAS, M. A. T.; DUTRA, R. P.; CHERKINSKY, A.; FORTIER, D. C.; KAMINO, L. H. Y.; COZZUOL, M. A.; RIBEIRO, A. DE S.; VIEIRA, F. S. Paleoecology and radiocarbon dating of the Pleistocene megafauna of the Brazilian Intertropical Region. **Quaternary Research (United States)**, v. 79, n. 1, p. 61–65, 2013.

DI MININ, E.; MACMILLAN, D. C.; GOODMAN, P. S.; ESCOTT, B.; SLOTOW, R.; MOILANEN, A. Conservation businesses and conservation planning in a biological diversity

hotspot. **Conservation Biology**, v. 27, n. 4, p. 808–820, 2013.

DI MININ, E.; VEACH, V.; LEHTOMÄKI, J.; POUZOLS, F. M.; MOILANEN, A. **A quick introduction to Zonation. Version 1 (for Zv4). User Manual.** [s.l: s.n.] 2014.

DOMINGO, L.; PRADO, J. L.; ALBERDI, M. T. The effect of paleoecology and paleobiogeography on stable isotopes of Quaternary mammals from South America. **Quaternary Science Reviews**, v. 55, p. 103–113, 2012.

EDUARDO, A. A.; MARTINEZ, P. A.; GOUVEIA, S. F.; SANTOS, F. DA S.; ARAGÃO, W. S. DE; MORALES-BARBERO, J.; KERBER, L.; LIPARINI, A. Extending the paleontology–biogeography reciprocity with SDMs: Exploring models and data in reducing fossil taxonomic uncertainty. **PLoS ONE**, v. 13, n. 3, p. 1–15, 2018.

ELITH, J. Quantitative Methods for Modeling Species Habitat: Comparative Performance and an Application to Australian Plants. **Quantitative Methods for Conservation Biology**, p. 39–58, 2000.

FICCARELLI, G.; COLTORTI, M.; MORENO-ESPINOSA, M.; PIERUCCINI, P. L.; ROOK, L.; TORRE, D. A model for the Holocene extinction of the mammal megafauna in Ecuador. **Journal of South American Earth Sciences**, v. 15, n. 8, p. 835–845, 2003.

FRANÇA, L. DE M.; DANTAS, M. A. T.; ZUCON, M. H.; COZZUOL, M. A. MEGAFAUNA DO PLEISTOCENO FINAL DA FAZENDA SÃO JOSÉ, POÇO REDONDO, SERGIPE, BRASIL. v. 21, n. 1, p. 95–104, 2011.

FRANÇA, L. DE M.; FORTIER, D. C.; BOCCHIGLIERI, A.; TRINDADE DANTAS, M. A.; LIPARINI, A.; CHERKINSKY, A.; SOUZA RIBEIRO, A. DE. Radiocarbon dating and stable isotopes analyses of Caiman latirostris (Daudin, 1801) (Crocodylia, Alligatoridae) from the late Pleistocene of Northeastern Brazil, with comments on spatial distribution of the species. **Quaternary International**, v. 352, n. C, p. 159–163, 2014 (a).

FRANÇA, L. DE M.; TRINDADE DANTAS, M. A.; BOCCHIGLIERI, A.; CHERCKINSKY, A.; SOUZA RIBEIRO, A. DE; BOCHERENS, H. Chronology and ancient feeding ecology of two upper Pleistocene megamammals from the Brazilian Intertropical Region. **Quaternary Science Reviews**, v. 99, p. 78–83, 2014 (b).

FRANKLIN, J.; POTTS, A. J.; FISHER, E. C.; COWLING, R. M.; MAREAN, C. W. Paleodistribution modeling in archaeology and paleoanthropology. **Quaternary Science Reviews**, v. 110, p. 1–14, 2015.

GALLO, V.; AVILLA, L. S.; PEREIRA, R. C. L.; ABSOLON, B. A. Distributional patterns of herbivore megamammals during the late Pleistocene of South America. **Anais da Academia Brasileira de Ciencias**, v. 85, n. 2, p. 533–546, 2013.

GONZÁLEZ-GUARDA, E.; DOMINGO, L.; TORNERO, C.; PINO, M.; HERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, M.; SEVILLA, P.; VILLAVICENCIO, N.; AGUSTÍ, J. Late Pleistocene ecological, environmental and climatic reconstruction based on megafauna stable isotopes from northwestern Chilean Patagonia. **Quaternary Science Reviews**, v. 170, p. 188–202, 2017.

GUTIÉRREZ, M. A.; MARTÍNEZ, G. A. Trends in the faunal human exploitation during the

Late Pleistocene and Early Holocene in the Pampean region (Argentina). **Quaternary International**, v. 191, n. 1, p. 53–68, 2008.

HUTCHINSON, G. E. Concluding Remarks. Cold Spring Harbor Symposia on Quantitative Biology, v. 22, n. 0, p. 415–427, 1957.

JAKOB, S. S.; MARTINEZ-MEYER, E.; BLATTNER, F. R. Phylogeographic analyses and paleodistribution modeling indicate Pleistocene in situ survival of Hordeum species (Poaceae) in southern Patagonia without genetic or spatial restriction. **Molecular Biology and Evolution**, v. 26, n. 4, p. 907–923, 2009.

JIMÉNEZ-VALVERDE, A. Insights into the area under the receiver operating characteristic curve (AUC) as a discrimination measure in species distribution modelling. **Global Ecology and Biogeography**, v. 21, n. 4, p. 498–507, 2012.

KUKKALA, A. S.; MOILANEN, A. Ecosystem services and connectivity in spatial conservation prioritization. **Landscape Ecology**, v. 32, n. 1, p. 5–14, 2017.

LEHTOMÄKI, J.; MOILANEN, A. Methods and workflow for spatial conservation prioritization using Zonation. **Environmental Modelling and Software**, v. 47, p. 128–137, 2013.

LIMA-RIBEIRO, M. S.; DINIZ-FILHO, J. A. F. **Modelos Ecológicos e a Extinção da Megafauna: Clima e Homem na America do Sul**. [s.l: s.n.]. v. 53, 2013.

LIMA-RIBEIRO, M. S.; VARELA, S.; NOGUÉS-BRAVO, D.; DINIZ-FILHO, J. A. F. Potential suitable areas of giant ground sloths dropped before its extinction in South America: The evidences from bioclimatic envelope modeling. **Natureza a Conservacao**, v. 10, n. 2, p. 145–151, 2012.

MAGUIRE, K. C.; NIETO-LUGILDE, D.; FITZPATRICK, M. C.; WILLIAMS, J. W.; BLOIS, J. L. Modeling Species and Community Responses to Past, Present, and Future Episodes of Climatic and Ecological Change. **Annual Review of Ecology, Evolution, and Systematics**, v. 46, n. October, p. 343–368, 2015.

MOILANEN, A.; FRANCO, A. M. A.; EARLY, R. I.; FOX, R.; WINTLE, B.; THOMAS, C. D. Prioritizing multiple-use landscapes for conservation: Methods for large multi-species planning problems. **Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences**, v. 272, n. 1575, p. 1885–1891, 2005.

MOILANEN, A.; LEATHWICK, J.; ELITH, J. A method for spatial freshwater conservation prioritization. **Freshwater Biology**, v. 53, n. 3, p. 577–592, 2008.

MUSCARELLA, R.; GALANTE, P. J.; SOLEY-GUARDIA, M.; BORIA, R. A.; KASS, J. M.; URIARTE, M.; ANDERSON, R. P. ENMeval: An R package for conducting spatially independent evaluations and estimating optimal model complexity for Maxent ecological niche models . **Methods in Ecology and Evolution**, v. 5, n. 11, p. 1198–1205, 2014.

ODUM, E. P. **Fundamentos Da Ecologia**, 2001.

OMENA, É. C.; SILVA, J. L. L. DA; SIAL, A. N.; CHERKINSKY, A.; DANTAS, M. A. T. Late Pleistocene meso-megaherbivores from Brazilian Intertropical Region: isotopic diet (δ

13C), niche differentiation, guilds and paleoenvironmental reconstruction (δ 13C, δ 18O). **Historical Biology**, v. 00, n. 00, p. 1–6, 2020.

PÉREZ-CRESPO, V. A.; ARROYO-CABRALES, J.; ALVA-VALDIVIA, L. M.; MORALES-PUENTE, P.; CIENFUEGOS-ALVARADO, E. Diet and habitat definitions for Mexican glyptodonts from Cedral (San Luis Potosí, México) based on stable isotope analysis. **Geological Magazine**, v. 149, n. 1, p. 153–157, 2012.

PHILLIPS, S. J.; ANDERSON, R. P.; SCHAPIRE, R. E. Maximum entropy modeling of species geographic distributions. **International Journal of Global Environmental Issues**, p. 231–252, 2006.

ROBIN, X.; TURCK, N.; HAINARD, A.; TIBERTI, N.; LISACEK, F.; SANCHEZ, J. C.; MÜLLER, M. pROC: An open-source package for R and S+ to analyze and compare ROC curves. **BMC Bioinformatics**, v. 12, 2011.

SOBERÓN, J.; NAKAMURA, M. Niches and distributional areas: Concepts, methods, and assumptions. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 106, n. SUPPL. 2, p. 19644–19650, 2009.

SOBERÓN, J. Grinnellian and Eltonian niches and geographic distributions of species. **Ecology Letters**, v. 10, n. 12, p. 1115–1123, 2007.

SVENNING, J. C.; FLØJGAARD, C.; MARSKE, K. A.; NÓGUES-BRAVO, D.; NORMAND, S. Applications of species distribution modeling to paleobiology. **Quaternary Science Reviews**, v. 30, n. 21–22, p. 2930–2947, 2011.

THUILLER, W.; GEORGES, D.; ENGLER, R.; BREINER, F. **Ensemble Platform for Species Distribution Modeling**, 2020.

TOGNELLI, M. F.; ABBA, A. M.; BENDER, J. B.; SEITZ, V. P. Assessing conservation priorities of xenarthrans in Argentina. **Biodiversity and Conservation**, v. 20, n. 1, p. 141–151, 2011.

VARELA, L.; FARIÑA, R. A. Co-occurrence of mylodontid sloths and insights on their potential distributions during the late Pleistocene. **Quaternary Research (United States)**, v. 85, n. 1, p. 66–74, 2015.

VARELA, L.; TAMBUSSO, P. S.; PATIÑO, S. J.; GIACOMO, M. DI; FARIÑA, R. A. Potential Distribution of Fossil Xenarthrans in South America during the Late Pleistocene: co-Occurrence and Provincialism. **Journal of Mammalian Evolution**, v. 25, n. 4, p. 539–550, 2018.

VARELA, S.; LOBO, J. M.; RODRÍGUEZ, J.; BATRA, P. Were the Late Pleistocene climatic changes responsible for the disappearance of the European spotted hyena populations? Hindcasting a species geographic distribution across time. **Quaternary Science Reviews**, v. 29, n. 17–18, p. 2027–2035, 2010.

WILLIAMS, J. W.; KHAROUBA, H. M.; VELOZ, S.; VELLEND, M.; MCLACHLAN, J.; LIU, Z.; OTTO-BLIESNER, B.; HE, F. The ice age ecologist: Testing methods for reserve prioritization during the last global warming. **Global Ecology and Biogeography**, 2012.

XIMENES, C. L. Tanques Fossilíferos de Itapipoca, CE. **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**, v. 2, n. October, p. 515, 2009.

CAPÍTULO 2 – “Mapping suitability patterns of the extinct Quaternary megafauna in South America: a new methodological approach”

Mapping suitability patterns of the extinct Quaternary megafauna in South America: a new methodological approach

Wilcilene S. Aragão* [a, c], Alexandre Liparini [a, c], Pablo A. Martinez [c], Mário André Trindade Dantas [b], Anderson A. Eduardo [c]

[a] Programa de Pós-Graduação em Geociências e Análise de Bacias, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão SE, Brasil.
[b] Laboratório de Ecologia e Geociências, Universidade Federal da Bahia, Vitória da Conquista, BA, Brazil
[c] Laboratório de Pesquisas Integrativas em Biodiversidade (PIBi), Departamento de Biologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão SE, Brasil.

Abstract

Works on extinct species distribution modeling is largely based on the assumption that the values for environmental variables at fossil occurrence points can be computed from data layers for restricted geological periods. This work, through a methodological innovation, aims to build models with environmental information for the ages of the de facto fossils and, thus, to understand more continuously how the paleodistribution of 14 species of the South American megafauna varied, close to the time interval of its extinction. Distribution patterns were obtained for each of the fourteen analyzed species, with good predictive capacity for possible areas of suitability and with valid AUC results for the analyzes. With this new methodology we could simulate potential distribution patterns of extinct species near to their disappearance datum around the Pleistocene/Holocene boundary. A larger number of chronological data of other species could significantly increase the number of groups with potential to be analyzed.

* Autor correspondente:
Wilcilene S Aragão, Programa de Pós-Graduação em Geociências e Análise de Bacias, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão SE, Brasil. E-mail: wilcilenedearagao@gmail.com

1 INTRODUCTION

The extinction events of the late Pleistocene diminished about 83% of the mammalian megafauna that lived in South America [1,2]. Therefore, South America is considered to have had the highest extinction index of these great animals. There is a great debate in relation to the extinction timing regarding this event, with some authors arguing that it occurred in specific regions and moments of the late Pleistocene [3], while others arguing that almost all as species simultaneously reduced on a continental scale [4].

The distribution of extinct species in specific time intervals is difficult to measure. The fossil records from collections, literature or databases show sparse and highly skewed occurrences in space and in time, since preservation depends on a combination of factors and specific environmental conditions conducive to preservation [5–8].

Distribution patterns can vary over time, expanding, retracting or moving according to the ecological characteristics of the species and environmental variations. One way to estimate the potential distribution of a species is to infer the geographic space that contains environmental conditions where it is known that the species occurred and that, therefore, are suitable for the establishment of its populations [9]. The mapping of these environmental conditions can be done through ecological niche modeling (ENM).

The research published so far, which worked with distribution modeling of extinct species (paleodistribution), focused on distributions in circumscribed periods such as Last Interglacial (130 - 115 ka) [10], Last Glacial Maximum (26,5 - 19 ka) [11] and Great Climate Holocene (8 - 5 ka) [12] or modeling only a few specific ages comprising one of these time intervals [13–18].

The present work, through a methodological innovation, aims to build data-driven models of extinct species considering estimates of the environmental variables for the ages actually registered for the fossil data and, thus, to understand in a more consistent way the dynamics of the paleodistribution of 14 species of the South American megafauna, close to the time interval of its extinction. We foresee a possibility where there is no relationship between

climatic variations and the absence of dated fossil records for each species (e.g., modeled paleodistribution of a species at a time whose fossil record indicates that it would be extinct). Another possibility will be considered when the paleodistribution - therefore, also the climatic variations - is in line with the physical records, geographically and temporally. Within this possibility, we predict two situations: a first in which each species will have an independent biogeographic behavior (e.g., regional species specific extinctions); and a second, when, at a given time, there is a sudden change in the paleodistribution of most of the species considered (e.g., extinction on a larger scale).

2 MATERIAL AND METHODS

2.1 Data collection

Fossil occurrence records from the entire South American continent, regarding 14 species of herbivores were used (Table 1). The occurrence records used herein were taken from the literature (see Supplementary Table 1 in Supplementary Table 1). In addition to these records, paleoclimatic simulations were also used dating every 1 ka, in a time interval between 23 ka until the age at which there is the most recent dated record assumed for each species (Table 1 and see Supplementary Table 2). The paleoclimatic layers were obtained from [19].

Table 1: **List of studied species, assumed time interval of existence and modeled interval that comprises the period of the modeled average map for each species.**

Species	Time interval (ka)	Modeled interval (ka)
Catonyx chilensis (=*Scelidodon chilensis*)	44 to 8	23 to 8
Catonyx cuvieri	42 to 11	23 to 11
Doedicurus clavicaudatus	30 to 6	23 to 6
Eremotherium laurillardi	48 to 8	23 to 8
Glossotherium robustum	42 to 11	23 to 11
Glyptodon clavipes	58 to 10	23 to 10
Holmesina occidentalis	41 to 13	23 to 13
Holmesina paulacoutoi	52 to 11	23 to 11
Lestodon armatus	120 to 10	23 to 10
Megatherium americanum	58 to 6	23 to 6
Mylodon darwini	80 to 13	23 to 13

Neosclerocalyptus paskoensis	58 to 8	23 to 8
Notiomastodon platensis	530 to 6	23 to 6
Pampatherium typum	58 to 6	23 to 6

Taxonomically, the studied species are mammalians comprised in three orders: Pilosa represented by the sloths *Catonyx cuvieri*, *Catonyx chilensis*, *Eremotherium laurillardi*, *Glossotherium robustum*, *Lestodon armatus, Megatheirum americanum* and *Mylodon Darwini*; Cingulata represented by armadillos and glyptodonts *Doedicurus clavicaudatus*, *Glyptodon clavipes*, *Holmesina occidentalis, Holmesina paulacoutoi*, *Neosclerocalyptus paskoensis* and *Pampatherium typus;* and Proboscidea represented by a single taxon, *Notiomastodon platensis*.

2.2 Suitability maps

Maxent was used for niche modeling. This software implements a machine learning algorithm derived from maximum entropy theory[20]. To implement models with Maxent, we rely on R language, through the packages ENMeval [21]. While using Maxent, it is possible to implement data-driven models from partial data (i.e., presence data only), by replacing true absence data with uniformly distributed background points [22]. This software is used for both modeling extant species [23,24] and through combining fossil and extant species records The latter is the most commonly used methodology when it involves fossil groups [25–28] together with environmental information, since studies integrating only fossil information with ENMs are still scarce (but see [29–31]).

Many authors have published work over the past decade using niche modeling to investigate the distribution of species [9,16,32]. Among the models used for niche modeling, such as General Linear Model (GLM), Random Forest and Maxent, the latter presented the best performance [33–36], justifying the use of this software, at present work. Thus, in this work Maxent (version 3.4.1) was used, combining species occurrence data and layers of climatic variables in order to obtain suitability models for the focal species. The entire modeling process was conduced with *biomod2* package in the R programming environment (version 3.4.4).

The generated models were validated using the analysis of the Area Under the ROC Curve, or AUC. The ROC curve is obtained from the sensitivity and specificity values computed for a sequence of decision thresholds. Values of AUC = 1 indicate perfect predictive performance, while AUC = 0.5 indicates that the model has a predictive performance no higher than a purely random classifier [2]. Values of AUC > 0.75 are potentially useful for ecological analyzes [37].

By using the obtained models, maps were produced for each species, using information from the climatic layers for South America. The Maxent software built minimum, average and maximum maps, so that the present work considered the average maps, as representative of areas of potential distribution of each of the analyzed species.

In order to avoid the exclusion of occurrence data whose ages were undetermined, instances were created with a set of hypothetical ages, sampled within the range of possible ages for the species (column "Time interval", in Table 1). For example, a record of the occurrence of *Eremotherium laurillardi* in a given location that has absolute dating is directly used in the model, whereas for another record of *E. laurillardi*, for which there is no known absolute age, a number instances were generated, each of which had an age inferred drawn within the plausible range known for the species (ie, between 48 and 8 thousand years, for *E. laurillardi*). For these records, hypothetical ages were assumed, comprising the time interval of existence reported in the literature for each species (Table 1). For each record with an unknown age, a set of instances was generated, each of which results in its own projection model. Subsequently, each point is analyzed in relation to the degree of uncertainty that its drawn age generates for the projection model. That is, some occurrences, even assuming ages as diverse as 8 thousand or 23 thousand years, do not generate major changes in the projected model. Points of this type were maintained, assuming that, regardless of what age they are, little variation brings to the final model. The number of instances (number of ages drawn, for

occurrences with unknown ages) was statistically defined so that it was 50% greater than the total number of occurrence points of each species.

The uncertainty of each instance was calculated based on a partial correlation between predictive performance metrics (here, AUC and TSS) and the age range drawn for a specific point. After eliminating the instances whose drawn ages generated a lot of uncertainty in their projections, it was then possible to create the suitability maps projected for the ages of interest from the average of the projection maps of all maintained instances. For example, to create a suitability map with a projection of interest in 12 thousand years, for *E. laurillardi*, projections for that age are generated with each of the instances that passed the uncertainty test, say 70 instances. In the present work, the average of these 70 individual projections generated was assumed as the final suitability map projected for 12 thousand years.

This procedure was done for all ages of interest to be projected (column "Modeled interval", in Table 1). Thus, a fossil record with no absolute age assigned was simulated as being able to present any of the ages within the range of occurrence listed in Table 1, as long as it did not generate too much noise in the modeling. Such a procedure generates greater robustness to the results for allowing the consideration of a greater number of occurrences, without at the same time bringing great uncertainties to the projections.

Individual maps for each millennium were projected within each range of existence close to the extinction of each species (Table 1). In addition, an average map for each species was also generated from these individual maps using the mean function of the raster package in software R (version 3.4.4). These average maps were assumed to represent the average potential area for the probable distribution of each species along each modeled interval.

3 RESULTS AND DISCUSSION

The performance of the models, estimated using the AUC values, was high for all species. All projections showed AUC with values above 0.75 (see supplementary Table 3), which can be considered as ecologically informative [37]. Figure 1 shows the average maps (see table 1 to

check the period of the average map) resulting for each species. The areas that have a green color pattern are the areas where the species would find better climatic conditions to exist. It can be seen that among the 14 herbivore species studied, 10 showed a trend towards more suitable areas similar to each other, with an adequacy pattern restricted mainly to the southern part of the continent.

When analyzing the maps separately, according to the mammalian orders, it was possible to observe that of the seven species of the order Pilosa, four of them (ie, *G. robustum* (Fig. 1f), *L. armatus* (Fig. 1i), *M. americanum* (Fig. 1j) and *M. darwini* (Fig. 1k)) showed similar areas of suitability in the southernmost portion of the continent.This pattern of distribution coincides with studies of occurrences of these species and available in the literature [17,38–41]. The other three species of Pilosa showed a different distribution pattern (C. chilensis (Fig. 1a), C. cuvieri (Fig. 1b), E. laurillardi (Fig. 1d)). It is worth highlighting the pattern presented for *C. cuvieri*, which was broader in practically the entire continent except the Northern region of Brazil (Fig. 1b), corroborating the pattern found by [42]. *Catonyx chilensis* showed a more restricted distribution pattern and predominantly in Chile and Peru (Fig. 1a) and according to [43] and [44] there are also records of occurrences of this species in Argentina and in Bolivia.

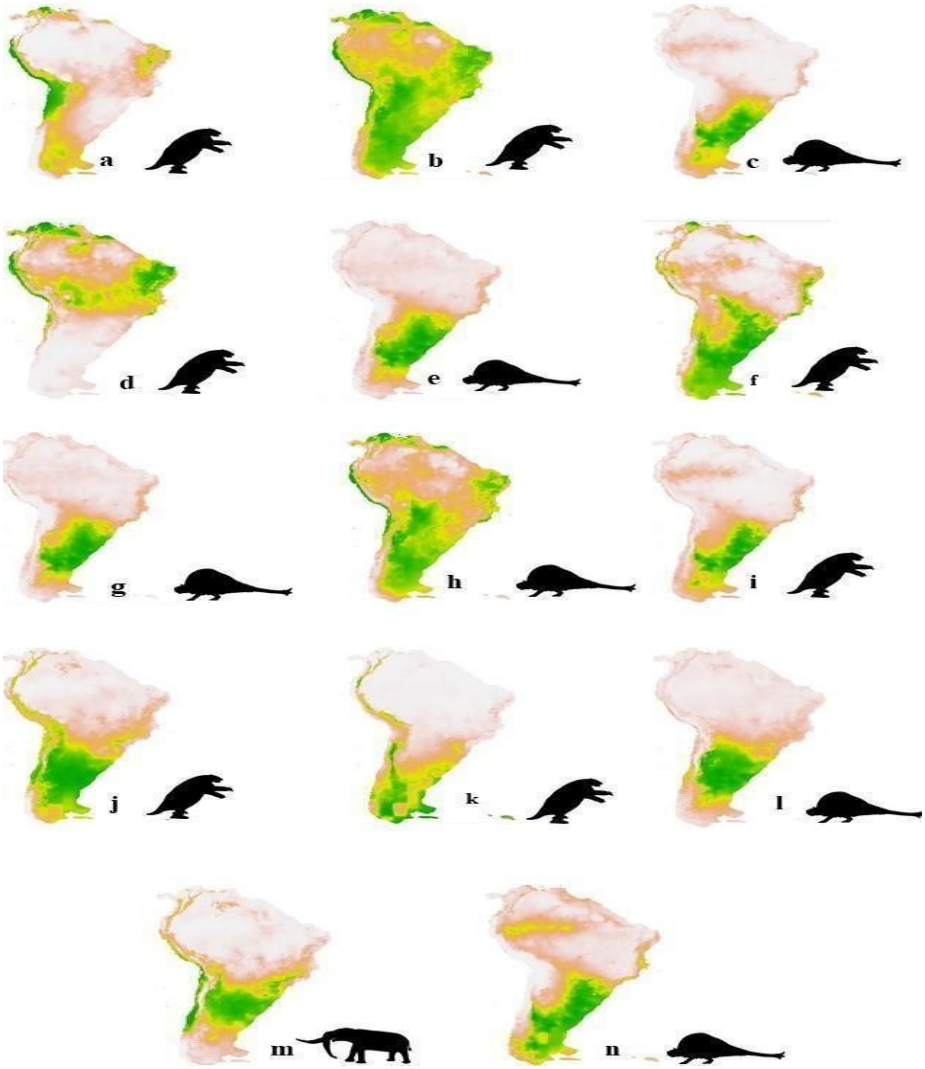


Figure 1 Average maps and suitability areas modeled for megafauna herbivores. Green regions represent the most suitable areas for the species. a- *Catonyx chiliensis*; b- *Catonyx cuvieri*; c- *Doedicurus clavicaudatus*; d- *Eremotherium laurillardi*; e- *Glyptodon clavipes*; f- *Glossotherium robustum*; g- *Holmesina occidentalis*; h- *Holmesina paulacoutoi*; i- *Lestodon armatus*; j- *Megatherium americanum*; k- *Mylodon darwini*; l- *Neosclerocalyptus paskoensis*; m- *Notiomastodon platensis*; n- *Pampatherium typus*.

For the Cingulata order in which six species were studied, almost all showed the same pattern of distribution prevalent in the south of the continent (Fig. 1c, 1e, 1g, 1h, 1l, 1n), but according to [45,40,46–48] these species also occur in other countries such as Brazil, Peru and Venezuela. The only Cingulata species that had a wider distribution was *H. paulacoutoi*, which besides being present in the southern part of the continent, also had a good distribution in the Northeast of Brazil and in the Andes region (Fig. 1h). This pattern is compatible with the data published by [39,47–49]. Interpreting the maps generated in the present work, all species

of the order Cingulata could co-occur in the South portion of South America if considering only climatic suitability.

Notiomastodon plantensis, representative of the order proboscidea, presented an average map of the suitability areas that showed that this species found better conditions for survival in the southernmost region of Brazil, northern Argentina, in addition to the countries of Uruguay and Chile (Fig.1m). This result differs from the geographic distribution found for this species in the literature. In studies that studied the distribution of this species, as well as other representatives of that order, *N. plantensis* is widely distributed across the continent, with occurrences in all South American countries [50–52]. However, it is worth noting that some records are referred to *N. platensis* even without presenting the diagnostic characteristics for the species, simply because it is the only species described for the genus (see discussion in [53]). One possibility we have raised is that more than one species of proboscid, in addition to *Notiomastodon platensis* and *Cuvieronius hyodon*, may have existed on the South American continent at the end of the Quaternary.

Catonyx cuvieri was the species that resulted in the largest area of suitability across the continent, indicating that it would possibly be the species that would best adapt in almost all regions of South America (Fig. 1b), this result corroborates the description of occurrences cited by [42]. The species *Lestodon armatus*, on the other hand, showed a more restricted suitability than the other species and predominantly in the southern portion of Brazil, in Uruguay and in part of Argentina (Fig. 1i), a result also found in the survey of occurrences made by [17].

The orders Pilosa and Cingulata are part of the superorder Xenarthra, which represents a group of placental mammals. The species *Doedicurus clavicaudatus*, *Megatherium americanum* and *Pampatherium typus*, may present fossil records dated as recent as 6 thousand years ago and observing the individual suitability maps of these species for this age,

it was observed that they may have coexisted in the moments close to their extinction, in the southern region of the continent, mainly in Uruguay, Argentina and the southern region of Brazil (Fig.2). [18] made a "unitemporal" analysis (where all occurrences of a certain fossil species are grouped at a single age, to obtain the values for the climatic variables of the modeling) and obtained similar results when modeling the niche of *D. clavicaudatus, M. americanum* and *P. typus* with data for the Holocene Optimal Climate (HCO) (compare Fig. 2 with Figs 1 and 2 from [18]).

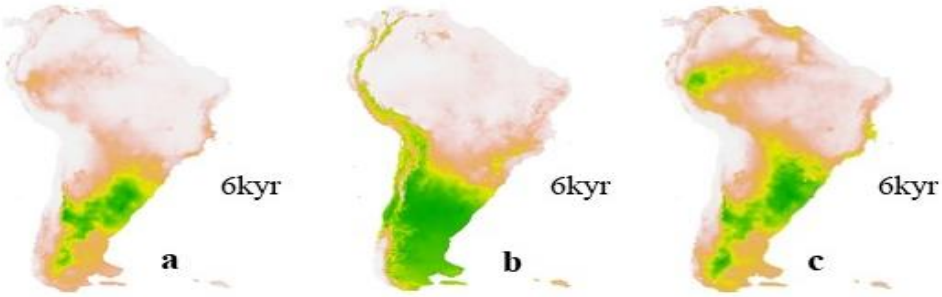


Figure 2 Individual maps of the species with the most recent record dated 6 thousand years ago. The darker-colored regions of the maps represent the most suitable areas for the species. a- *Doedicurus clavicaudatus*, b- *Megatherium americanum*, c- *Pampatherium typus*.

During the Pleistocene, the South American continent could be divided into four main vegetation patterns: Open savanna; mosaic of open forests and savannas; pasture/steppe; cold desert/steppe (see [54]). According to the species suitability standards, it is noted that they did not show a good adaptation in large areas where the vegetation pattern was that of open Savanna. These results agrees with the considerations of [55]. Observing a more detailed vegetation pattern during the Last Glacial Maximum (25,000-15,000 BP), as presented in [56], we observed that the species studied here did not find suitable climatic conditions in tropical forest, tropical pasture and savanna.

Several authors point to the drastic climatic changes that occurred during the late Pleistocene and beginning of the Holocene, which caused changes in vegetation, as one of the ecological causes of the extinction of these mega herbivores that inhabited South America [55] and [57]). Such extinction would have continued changes in vegetation, due to the absence of these large

dispersers, also affecting the physical and trophic structure of the ecosystem, species composition, biogeochemistry and even climate [58–60]. The species in Figure 3 were chosen after observing, within the taxonomic order to which they belong, which obtained the greatest reduction in area in the last three thousand years of records. Our data (Fig. 2, Fig. 3 and see Supplementary Date 1) do not show drastic reductions in the areas of suitability of the species analyzed here, in their last thousands of years of existence. Although the reduction of these areas is evident in some of the cases (Fig. 3), areas suitable for the existence of these species always remained available.

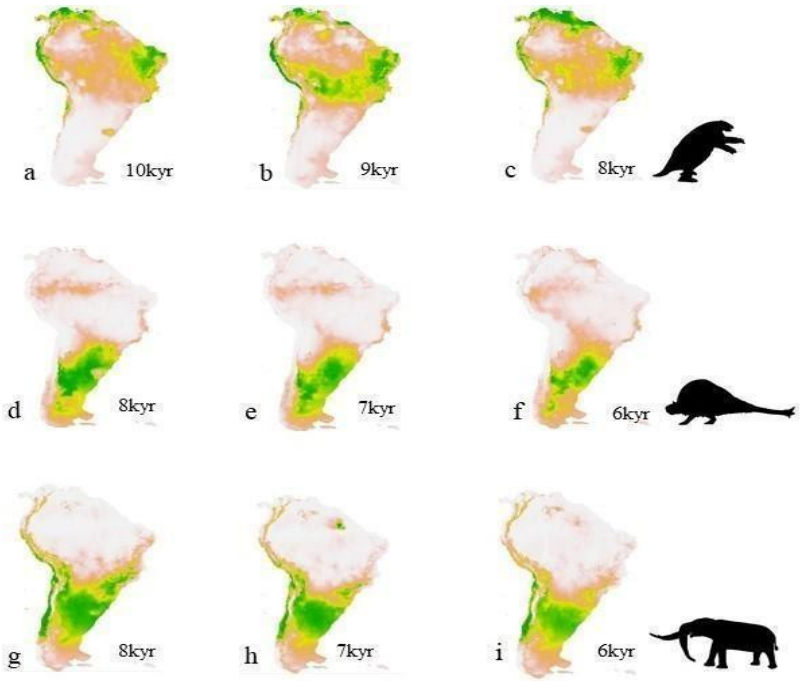


Figure 4 Modeled maps for the last three thousand years of registration. a, b, c - *Eremotherium laurillardi*; d, e, f - *Doedicurus clavicaudatus*; g, h, i - *Notiomastodon platensis*.

In the maps of *E. laurillardi* in Fig 3, we can see that there was a reduction in the area that corresponds to the Central-Westregion of Brazil, but an expansion in the northernmost area of the continent (Fig. 3c). For *D. clavicaudatus*, regions with enlarged areas were not observed, only a reduction in the area to the south of Argentina (Fig. 3f). *N. platensis*, as well as the species of the order Cingulata, did not present new areas of suitability and it is possible to

observe a small reduction mainly in the South of Brazil (Fig. 3i). The species that showed the most significant reduction was *E. laurillardi*, but as there was an increase in area, we cannot consider that they were very drastic changes so that it could influence the extinction of this species, as well as none of the other species studied.

Thus, our results do not suggest that climate change was the only agent responsible for the extinction of the South American megafauna, at the end of the Pleistocene beginning of the Holocene.

4 CONCLUSIONS

In this article, the megafauna group studied showed similar distribution patterns between species, with good predictive capacity for possible areas of suitability. In view of the results obtained, we can consider this methodology as valid, since the resulting patterns of suitability corroborate with the vegetation preferences of these species during the Pleistocene and with the areas of occurrence records available in the literature.

It is noteworthy that of the 14 species studied, *Notiomastodon platensis* was the one that showed the most significant divergent results in relation to what is found in the literature. Considering that some records are attributed to this species just because it is the only one of its kind described for the continent, it is important to consider a more in-depth analysis of these records in order to compare them with the diagnostic characteristics of this species. From this new analysis, it will be possible to confirm whether they are correctly attributed to *Notiomastodon platensis* or if they are records of another species of proboscid.

According to the predictions that we hypothesized initially, we conclude that the first situation, where each species would present an independent biogeographic behavior, has materialized. Observing the average maps (Fig.1) with the exception of *Catonyx chilensis* and *Eremotherium laurillardi*, the species showed a common pattern in the southern portion of the continent, but each species presented distinct areas restricted only to the south of the continent

or larger distributed by other regions. Analyzing the individual maps every thousand years resulting from each species, no drastic changes were observed in the areas of suitability, exept for only small reductions in these areas, in some cases. The species *Catonyx chiliensis*, *Eremotherium laurillardi*, *Megatherium americanum* and *Notiomastodon platensis*, showed changes in the suitable areas over the years that could indicate the extinction of these species in a certain region, but remained present in other regions. The species *Pampatherium typus* initially presented the southern region of the continent as more suitable and over the years other areas have emerged, such as in Peru and part of the Amazon region.

In the second predicted hypothesis, where a specific temporal moment of sudden changes in the paleodistribution of most of the considered species could occur, it did not sustain. Analyzing the species maps in the common range of 23 ka to 13 ka, in which there are records of occurrences for all species, there was no age with sudden reductions in the areas of species suitability, but we highlight the age of 13 ka where nine of the 14 species showed a reduction in some area.

All species still showed areas of suitability in the last thousand modeled years where there were records in the literature of the analyzed taxon fossils. Since the maps were modeled every thousand years and no abrupt changes were evident, we cannot consider that climatic changes and consequent changes in vegetation were the main factors responsible for the extinction of these species.

Finally, we see a potential for expanding the data to include records of more extinct species, such as carnivores, or small sized mammals, such as rodents, or even other taxonomic groups, such as crocodiles and other reptiles, as more of these occurrences become available. A larger number of chronological data could also significantly increase the resolution of the results and the number of groups with the potential to be analyzed as it was done in this work.

REFERÊNCIAS

1. Barnosky, A. D. & Lindsey, E. L. Timing of Quaternary megafaunal extinction in

South America in relation to human arrival and climate change. *Quat. Int.* **217**, 10–29 (2010).

2. Lima-Ribeiro, M. D. S. & Diniz-Filho, J. A. F. Modelando a distribuição geográfica das espécies no passado: Uma abordagem promissora em paleoecologia. *Rev. Bras. Paleontol.* **15**, 371–385 (2012).

3. Araujo, B. B. A., Oliveira-Santos, L. G. R., Lima-Ribeiro, M. S., Diniz-Filho, J. A. F. & Fernandez, F. A. S. Bigger kill than chill: The uneven roles of humans and climate on late Quaternary megafaunal extinctions. *Quat. Int.* **431**, 216–222 (2015).

4. Barnosky, A. D., Koch, P. L., Feranec, R. S., Wing, S. L. & Shabel, A. B. Assessing the causes of late pleistocene extinctions on the continents. *Science (80-.).* **306**, 70–75 (2004).

5. Araújo-Júnior, H. I. de. Classifying vertebrate assemblages preserved in Quaternary tank deposits: Implications for vertebrate taphonomy and paleoecology. *Palaeogeogr. Palaeoclimatol. Palaeoecol.* **445**, 147–152 (2016).

6. Araújo-Júnior, H. I. de, Porpino, K. de O., Ximenes, C. L. & Bergqvist, L. P. Unveiling the taphonomy of elusive natural tank deposits: A study case in the Pleistocene of northeastern Brazil. *Palaeogeogr. Palaeoclimatol. Palaeoecol.* **378**, 52–74 (2013).

7. Holland, S. M. The non-uniformity of fossil preservation. *Philos. Trans. R. Soc. B Biol. Sci.* **371**, 0–2 (2016).

8. Ximenes, C. L. Tanques Fossilíferos de Itapipoca, CE. *Sítios Geológicos e Paleontológicos do Bras.* **2**, 515 (2009).

9. Pearson, R. G. Network of Conservation Educators & Practitioners Species' Distribution Modeling for Conservation Educators and Practitioners. *Conserv.* **3**, 54–89 (2010).

10. Dahl-Jensen, D. *et al.* Eemian interglacial reconstructed from a Greenland folded ice core. *Nature* **493**, 489–494 (2013).

11. Clark, P. U. *et al.* The Last Glacial Maximum. *Science (80-.).* **325**, 710–714 (2009).

12. Baker, P. A. *et al.* The history of South American tropical precipitation for the past 25,000 years. *Science (80-.).* **291**, 640–643 (2001).

13. Eduardo, A. A. *et al.* Extending the paleontology–biogeography reciprocity with SDMs: Exploring models and data in reducing fossil taxonomic uncertainty. *PLoS One* **13**, 1–15 (2018).

14. Lima-Ribeiro, M. S., Varela, S., Nogués-Bravo, D. & Diniz-Filho, J. A. F. Potential suitable areas of giant ground sloths dropped before its extinction in South America: The evidences from bioclimatic envelope modeling. *Nat. a Conserv.* **10**, 145–151 (2012).

15. Maguire, K. C., Nieto-Lugilde, D., Fitzpatrick, M. C., Williams, J. W. & Blois, J. L. Modeling Species and Community Responses to Past, Present, and Future Episodes of Climatic and Ecological Change. *Annu. Rev. Ecol. Evol. Syst.* **46**, 343–368 (2015).

16. Svenning, J. C., Fløjgaard, C., Marske, K. A., Nógues-Bravo, D. & Normand, S. Applications of species distribution modeling to paleobiology. *Quat. Sci. Rev.* **30**, 2930–2947 (2011).

17. Varela, L. & Fariña, R. A. Co-occurrence of mylodontid sloths and insights on their potential distributions during the late Pleistocene. *Quat. Res. (United States)* **85**, 66–74 (2016).

18. Varela, L., Tambusso, P. S., Patiño, S. J., Di Giacomo, M. & Fariña, R. A. Potential Distribution of Fossil Xenarthrans in South America during the Late Pleistocene: co-Occurrence and Provincialism. *J. Mamm. Evol.* **25**, 539–550 (2018).

19. Carnaval, A. C. *et al.* Prediction of phylogeographic endemism in an environmentally complex biome. *Proc. R. Soc. B Biol. Sci.* **281**, (2014).

20. Phillips, S. J., Anderson, R. P. & Schapire, R. E. Maximum entropy modeling of species geographic distributions. *Int. J. Glob. Environ. Issues* 231–252 (2006) doi:10.1016/j.ecolmodel.2005.03.026.

21. Muscarella, R. *et al.* ENMeval: An R package for conducting spatially independent evaluations and estimating optimal model complexity for Maxent ecological niche models . *Methods Ecol. Evol.* **5**, 1198–1205 (2014).

22. Baldwin, R. A. Use of maximum entropy modeling in wildlife research. *Entropy* **11**, 854–866 (2009).

23. Angelieri, C. C. S. *et al.* Using species distribution models to predict potential landscape restoration effects on puma conservation. *PLoS One* **11**, 1–18 (2016).

24. Renan, S. *et al.* Living quarters of a living fossil—Uncovering the current distribution pattern of the rediscovered Hula painted frog (Latonia nigriventer) using environmental DNA. *Mol. Ecol.* **26**, 6801–6812 (2017).

25. Hipsley, C. A. & Müller, J. Relict endemism of extant Rhineuridae (amphisbaenia): Testing for phylogenetic niche conservatism in the fossil record. *Anat. Rec.* **297**, 473–481 (2014).

26. Lentini, P. E., Stirnemann, I. A., Stojanovic, D., Worthy, T. H. & Stein, J. A. Using fossil records to inform reintroduction of the kakapo as a refugee species. *Biol. Conserv.* **217**, 157–165 (2018).

27. Moreno, A. K. M. & Lima-Ribeiro, M. S. Ecological niche models, fossil record and the multi-temporal calibration for Panthera onca (Linnaeus, 1758) (Mammalia: Felidae). *Brazilian J. Biol. Sci.* **2**, 309–319 (2015).

28. Shenbrot, G. *et al.* A new recent genus and species of three-toed jerboas (Rodentia: Dipodinae) from China: A living fossil? *J. Zool. Syst. Evol. Res.* **55**, 356–368 (2017).

29. Fernández, F. J., Torres, J., Tammone, M., López, J. M. & Pardiñas, U. F. J. New data on the endemic cricetid rodent Holochilus lagigliai from central-western Argentina: Fossil record and potential distribution. *Mammalia* **81**, 621–625 (2017).

30. Jurestovsky, D. & Andrew Joyner, T. Applications of species distribution modeling for palaeontological fossil detection: late Pleistocene models of Saiga (Artiodactyla:

Bovidae, Saiga tatarica). *Palaeobiodiversity and Palaeoenvironments* **98**, 277–285 (2017).

31. Li, Y., Li, X., Song, Z. & Ding, C. Conservation guidelines for the endangered Brown-eared pheasant based on the geographic information system and the MaxEnt model. (2016) doi:10.7287/peerj.preprints.2018.

32. Varela, S., Lobo, J. M. & Hortal, J. Using species distribution models in paleobiogeography: A matter of data, predictors and concepts. *Palaeogeogr. Palaeoclimatol. Palaeoecol.* **310**, 451–463 (2011).

33. Terribile, L. C., Diniz-Filho, J. A. F. & de Marco, P. How many studies are necessary to compare niche-based models for geographic distributions? Inductive reasoning may fail at the end. *Brazilian J. Biol.* **70**, 263–269 (2010).

34. Barreto, F. C. C. MODELAGEM DE DISTRIBUIÇÃO POTENCIAL DE ESPÉCIES COMO FERRAMENTA PARA A CONSERVAÇÃO: SELEÇÃO E AVALIAÇÃO DE ALGORITMOS E APLICAÇÃO COM Heliconius nattereri FELDER, 1865 (NYMPHALIDAE: HELICONIINAE). *Tes* 68 (2008).

35. Corrêa, R. C. Uso da modelagem ecológica de nichos como ferramenta para o conhecimento da distribuição geográfica potencial de Coleoptera de importância forense no Brasil. *Tese Doutorado* 101 (2014).

36. Matos, R. da S. Avaliação das ferramentas de modelagem preditiva de nicho fundamental para espécies de aves do Parque Estadual da Serra do Mar e Núcleo São Sebastião – SP. *Diss. Mestr.* 122 (2010).

37. Elith, J. Quantitative Methods for Modeling Species Habitat: Comparative Performance and an Application to Australian Plants. *Quant. Methods Conserv. Biol.* 39–58 (2006) doi:10.1007/0-387-22648-6_4.

38. Curiel, M. & Lee, S. Megatherium americanum the Giant Ground Sloth. *Zool 430* 18 (2020).

39. Ferrero, B. S., Noriega, J. I., Brunetto, E. & Nuñez Otaño, N. Vertebrate continental assemblage from the Last Interglacial in southern South America (Entre Ríos, Argentina). Biostratigraphy and paleoenvironment. *Palaeogeogr. Palaeoclimatol. Palaeoecol.* **466**, 89–99 (2017).

40. Oliveira, É. & Pereira, J. Intertropical cingulates (Mammalia, Xenarthra) from the Quaternary of Southern Brazil: Systematics and paleobiogeographical aspects. *Rev. Bras. Paleontol.* **12**, 167–178 (2009).

41. Prevosti, F. J., Ubilla, M. & Perea, D. Large extinct canids from the Pleistocene of Uruguay: Systematic, biogeographic and paleoecological remarks. *Hist. Biol.* **21**, 79–89 (2009).

42. Corona, A., Perea, D. & McDonald, H. G. Catonyx cuvieri (Xenarthra, Mylodontidae, Scelidotheriinae) from the late Pleistocene of Uruguay, with comments regarding the systematics of the subfamily. *J. Vertebr. Paleontol.* **33**, 1214–1225 (2013).

43. De Iuliis, G. On the taxonomic status of Megatherium sundti Philippi, 1893 (Mammalia: Xenarthra: Megatheriidae). *Ameghiniana* **43**, 161–169 (2006).

44. Miño-Boilini, Á. R., Carlini, A. A., Chiesa, J. O., Lucero, N. P. & Zurita, A. E. First record of scelidodon chiliense (LYDEKKER) (Phyllophaga, Scelidotheriinae) from the lujanian stage (Late Pleistocene Early Holocene) of Argentina. *Neues Jahrb. fur Geol. und Palaontologie - Abhandlungen* **253**, 373–381 (2009).

45. Dantas, M. Primeiro registro de fósseis de mamíferos pleistocênicos em caverna de Sergipe, Brasil. *Rev. Bras. Paleontol.* **12**, 161–164 (2009).

46. Deschamps, C. & Tomassini, R. Late Cenozoic Vertebrates From the Southern Pampean Region: Systematic and Bio-Chronostratigraphic Update. *Publicación Electrónica la Asoc. Paleontológica Argentina* (2016) doi:10.5710/peapa.06.05.2016.113.

47. Pujos, F. & Salas, R. A systematic reassessment and paleogeographic review of fossil Xenarthra from PeruRéévaluation systématique et révision paléogéographique des Xénarthres fossiles du PérouReevaluación sistemática y revisión paleogeográfica de los Xenartros del Perú. *Bull. l'Institut français d'études Andin.* **33**, 331–377 (2004).

48. Rincón, A. D. & White, R. Los xenarthra cingulata del pleistoceno tardío (lujanense) De cerro misión, estado falcón, venezuela. *Bol. la Soc. Venez. Espeleol.* 2–11 (2007).

49. Silva, J. de A. da, Leal, L. A., Cherkinsky, A. & Dantas, M. A. T. Late Pleistocene meso-megamammals from Anagé, Bahia, Brazil: Taxonomy and isotopic paleoecology (δ13C). *J. South Am. Earth Sci.* **96**, 102362 (2019).

50. Lucas, S. G., Yuan, W. & Min, L. The palaeobiogeography of South American gomphotheres. *J. Palaeogeogr.* **2**, 19–40 (2013).

51. Mothé, D., Avilla, L. S. & Cozzuol, M. A. The South American Gomphotheres (Mammalia, Proboscidea, Gomphotheriidae): Taxonomy, Phylogeny, and Biogeography. *J. Mamm. Evol.* **20**, 23–32 (2013).

52. Mothé, D. *et al.* Sixty years after 'The mastodonts of Brazil': The state of the art of South American proboscideans (Proboscidea, Gomphotheriidae). *Quat. Int.* **443**, 52–64 (2017).

53. Oliveira, G. C. de, Viana, M. S. S. & Oliveira, E. V. Primeira ocorrência de Gomphotheriidae no município de Irauçuba, Ceará, Brasil. *Rev. Bras. Paleontol.* **18**, 339–342 (2015).

54. De Vivo, M. & Carmignotto, A. P. Holocene vegetation change and the mammal faunas of South America and Africa. *J. Biogeogr.* **31**, 943–957 (2004).

55. Gallo, V., Avilla, L. S., Pereira, R. C. L. & Absolon, B. A. Distributional patterns of herbivore megamammals during the late Pleistocene of South America. *An. Acad. Bras. Cienc.* **85**, 533–546 (2013).

56. Ray, N. & Adams, J. M. A GIS-based Vegetation Map of the World at the Last Glacial Maximum (25,000-15,000 BP). *Internet Archaeol.* 0–15 (2001) doi:10.11141/ia.11.2.

57. Johnson, C. N. Ecological consequences of late quaternary extinctions of megafauna. *Proc. R. Soc. B Biol. Sci.* **276**, 2509–2519 (2009).

58. Bakker, E. S. *et al.* Combining paleo-data and modern exclosure experiments to assess

the impact of megafauna extinctions on woody vegetation. *Proc. Natl. Acad. Sci. U. S. A.* **113**, 847–855 (2016).

59. Galetti, M. *et al.* Ecological and evolutionary legacy of megafauna extinctions. *Biol. Rev.* **93**, 845–862 (2018).

60. Malhi, Y. *et al.* Megafauna and ecosystem function from the Pleistocene to the Anthropocene. *Proc. Natl. Acad. Sci. U. S. A.* **113**, 838–846 (2016).

Acknowledgement:

We are grateful to the Graduate Program in Geosciences and Basin Analysis (PGAB) of the Federal University of Sergipe (UFS), where this research was developed. We would also like to thank the Foundation for the Support of Research and Technological Innovation of the State of Sergipe (FAPITEC-SE), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) and the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES) for the financial support afforded.

Author's contributions:

W.S.A, A.L, P.A.M and A.A.E designed the study, executed the project and prepared the manuscript; M.A.D.T contributed with surveys of occurrence records, construction of species maps and critically reviewed the manuscript; P.A.M contributed to the treatment of the modeled maps and critically reviewed the manuscript.

Competing interest

The authors declare no competing interests.

ANEXOS DO ARTIGO 1

Supplementary Table 1-Occurrence records used in the work

Species	Longitude	Latitude	Cal. Mean	SD	Reference
Catonyx chilensis	-81,262443	-4,581216			Varela et al. 2017
Catonyx chilensis	-74,210395	-13,161481			Varela et al. 2017
Catonyx chilensis	-75,376111	-12,2475			Varela et al. 2017
Catonyx chilensis	-64,736275	-21,5368			Varela et al. 2017
Catonyx chilensis	-79,334585	-7,46378	16000		Varela et al. 2017
Catonyx chilensis	-69,700594	-34,157275			Varela et al. 2017
Catonyx chilensis	-79,543971	-7,322969			Varela et al. 2017
Catonyx cuvieri	-53,332206	-33,5699			Varela et al. 2017
Catonyx cuvieri	-55,659444	-34,270278			Varela et al. 2017
Catonyx cuvieri	-57,880651	-34,419852			Varela et al. 2017
Catonyx cuvieri	-41	-3,1			Varela et al. 2017
Catonyx cuvieri	-48,735652	-24,541596			Varela et al. 2017
Catonyx cuvieri	-42,607157	-8,91949	12850		Varela et al. 2017
Catonyx cuvieri	-40,860518	-10,160643	22000		Varela et al. 2017
Catonyx cuvieri	-44,113041	-19,514262			Varela et al. 2017
Doedicurus clavicaudatus	-61,541667	-39,003611			Varela et al. 2017
Doedicurus clavicaudatus	-56,0425	-34,6175	30000		Varela et al. 2017
Doedicurus clavicaudatus	-59,109167	-38,211389	15500	5500	Varela et al. 2017
Doedicurus clavicaudatus	-60,2574651	-36,88978	15500	5500	Varela et al. 2017
Doedicurus clavicaudatus	-58,718611	-35,7225	15500	5500	Varela et al. 2017
Doedicurus clavicaudatus	-61,683333	-38,566667			Varela et al. 2017
Doedicurus clavicaudatus	-60,076389	-37,134444			Varela et al. 2017
Doedicurus clavicaudatus	-59,115556	-38,196667	13000	500	Varela et al. 2017
Doedicurus clavicaudatus	-53,332206	-33,5699			Varela et al. 2017
Doedicurus clavicaudatus	-64,295311	-36,622303			Varela et al. 2017
Doedicurus clavicaudatus	-60,630833	-33,008611			Varela et al. 2017
Doedicurus clavicaudatus	-56,306325	-34,706741	17620		Varela et al. 2017
Doedicurus clavicaudatus	-58,763056	-35,742222	12860		Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-65,325278	-10,050278			Varela et al. 2017

Continuação...

Eremotherium laurillardi	-79,543971	-7,322969		Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-41,144136	-10,8273		Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-81,133333	-4,65	13900	Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-40,766408	-10,973121		Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-43,887567	-19,645389		Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-73,38	-0,6		Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-72,32	-10,15		Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-68,55	-8,05		Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-57	-15,33		Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-37,73	-5,62		Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-49	-24,63		Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-42,5	-8,5		Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-56	-3,3	11340	Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-70	9,62	10710	Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-80,8	-2,2	8680	Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-40,55	-11,18	15000	Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-48,594876	-24584		Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-36,449181	-6,225088	18000	Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-41	-3,1	26000	Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-39,209423	-10,752495	18000	Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-53,332206	-33,5699		Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-42,607157	-8,91949	10000	Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-80,883333	-2,216667	23560	Varela et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-40,799672	-10,928398	16100	Auler et al. 2006
Eremotherium laurillardi	-48,71666667	-4,583333333	15130	Hube et al. 2013
Eremotherium laurillardi	-56,01388889	-4,250472222	135175	Rossetti et al. 2004
Eremotherium laurillardi	-36,57547222	-6,178638889	27190	Dantas et al. 2013
Eremotherium laurillardi	-37,68427778	-9,782861111	18715	Dantas et al. 2013
Eremotherium laurillardi	-37,75361111	-9,926944444	128775	França et al. 2014
Eremotherium laurillardi	-37,75361111	-9,926944444	12892	França et al. 2014
Eremotherium laurillardi	-37,75361111	-9,926944444	111585	França et al. 2014
Eremotherium laurillardi	-37,75361111	-9,926944444	11163	França et al. 2014

Continuação...

Eremotherium laurillardi	-37,75361111	-9,926944444	13436		França et al. 2014
Eremotherium laurillardi	-80,88333333	-2,216666667	23560		Lindsey e Lopez 2005
Eremotherium laurillardi	-97,67083333	-18,19555556	27610		Vallverdú et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-37,75361111	-9,926944444	12652		Dantas et al. 2014
Eremotherium laurillardi	-37,75361111	-9,926944444	12535		Dantas et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-35,92064167	-5,951066667	11565		Dantas et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-37,92583333	-10,01083333	13373		Dantas et al. 2017
Eremotherium laurillardi	-80,691533	8,398195	44840		Pearson 2005
Eremotherium laurillardi	-80,695076	7,979778	47040		Pearson 2005
Eremotherium laurillardi	-80,695076	7,979778	21490		Pearson 2005
Glossotherium robustum	-58,488132	-37,152623			Varela et al. 2017
Glossotherium robustum	-56,0425	-34,6175	30000		Varela et al. 2017
Glossotherium robustum	-60,511054	-33,155731	12000		Varela et al. 2017
Glossotherium robustum	-60,322945	-36,888807			Varela et al. 2017
Glossotherium robustum	-56,449766	-30,383379			Varela et al. 2017
Glossotherium robustum	-53,332206	-33,5699			Varela et al. 2017
Glossotherium robustum	-81,262443	-4,581216	14000	400	Varela et al. 2017
Glossotherium robustum	-58,780764	-38,161487	11000		Varela et al. 2017
Glossotherium robustum	-61,683333	-38,566667			Varela et al. 2017
Glossotherium robustum	-58,718611	-35,7225			Varela et al. 2017
Glossotherium robustum	-69,54464	11,482199	15300	1000	Varela et al. 2017
Glossotherium robustum	-59,109167	-38,211389			Varela et al. 2017
Glossotherium robustum	-56,45	-30,433333			Varela et al. 2017
Glossotherium robustum	-77,951785	0,71473			Varela et al. 2017
Glossotherium robustum	-56,866444	-29,672381			Varela et al. 2017
Glossotherium robustum	-56,545969	-15,332175			Varela et al. 2017
Glossotherium robustum	-69,522202	11,499191			Varela et al. 2017
Glossotherium robustum	-64,736275	-21,5368			Varela et al. 2017
Glossotherium robustum	-56,866799	-29,671958			Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-56,866444	-29,672381	14925		Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-68,585194	10,858417			Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-58,67058	-26,623531	58000		Varela et al. 2017

Continuação...

Glyptodon clavipes	-67,863801	-33,417861			Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-61,541667	-39,003611			Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-61,683333	-38,566667			Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-58,233333	-38,433333			Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-35,726389	-35,504167			Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-58,718611	-35,7225			Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-56,0425	-34,6175	30000		Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-56,45	-30,433333			Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-59,109167	-38,211389			Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-57	-31,25			Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-48,735652	-24,541596			Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-42,607157	-8,91949			Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-53,332206	-33,5699			Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-60,2574651	-36,88978			Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-62,424203	-62,096147			Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-60,076389	-37,134444			Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-57,966667	-29,666667	14850	50	Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-56,866799	-29,671958			Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-64,295311	-36,622303			Varela et al. 2017
Glyptodon clavipes	-56,306325	-34,706741	17620		Varela et al. 2017
Holmesina occidentalis	-80,883333	-2,216667	23560		Varela et al. 2017
Holmesina occidentalis	-81,262443	-4,581216	13500	500	Varela et al. 2017
Holmesina occidentalis	-68,585194	10,858417			Varela et al. 2017
Holmesina occidentalis	-80,923298	-2,225713			Varela et al. 2017
Holmesina occidentalis	-79,334585	-7,46378	16000		Varela et al. 2017
Holmesina paulacoutoi	-40,766408	-10,973121	15000		Varela et al. 2017
Holmesina paulacoutoi	-53,332206	-33,5699			Varela et al. 2017
Holmesina paulacoutoi	-40,924582	-8,482249	14900	3600	Varela et al. 2017
Holmesina paulacoutoi	-56,866799	-29,671958	13750	2750	Varela et al. 2017
Holmesina paulacoutoi	-64,362522	-27,650939	19900		Varela et al. 2017
Lestodon armatus	-56,0425	-34,6175	30000		Varela et al. 2017
Lestodon armatus	-60,2574651	-36,88978			Varela et al. 2017

Continuação...

Lestodon armatus	-53,332206	-33,5699		Varela et al. 2017
Lestodon armatus	-58,718611	-35,7225		Varela et al. 2017
Lestodon armatus	-59,109167	-38,211389		Varela et al. 2017
Lestodon armatus	-56,45	-30,433333		Varela et al. 2017
Lestodon armatus	-64,736275	-21,5368		Varela et al. 2017
Lestodon armatus	-56,267171	-34,752766	17500	Varela et al. 2017
Lestodon armatus	-57,880651	-34,419852	12000	Varela et al. 2017
Lestodon armatus	-60,737062	-38,323129		Varela et al. 2017
Lestodon armatus	-48,735652	-24,541596		Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-58,67058	-26,623531	58000	Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-76,376876	-12,20643		Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-81,262443	-4,581216		Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-74,210395	-13,161481		Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-73,542903	-13,298548		Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-64,736275	-21,5368		Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-68,366667	-34,75		Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-56,866799	-29,671958		Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-60,384722	-37,01		Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-60,511054	-33,1557312		Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-60,076389	-37,134444	7000	Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-59,18215	-38,184848		Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-69,59621	-35,468105		Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-64,295311	-36,622303		Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-68,366667	-34,75		Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-66,083333	-33,133333		Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-59,109167	-38,211389		Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-58,718611	-35,7225		Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-60,2574651	-36,88978		Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-58,233333	-38,433333		Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-61,683333	-38,566667		Varela et al. 2017
Megatherium americanum	-57,193115	-30,171903		Varela et al. 2017
Mylodon darwini	-56,0425	-34,6175	30000	Varela et al. 2017

Continuação...

Mylodon darwini	-53,332206	-33,5699				Varela et al. 2017
Mylodon darwini	73,7052	-38,211389				Varela et al. 2017
Mylodon darwini	-32,604285	-57,657868	12000			Varela et al. 2017
Mylodon darwini	-70,168513	-52,763549				Varela et al. 2017
Mylodon darwini	-70,004567	-51,992948	28600			Varela et al. 2017
Mylodon darwini	-72,613229	-51,572655				Varela et al. 2017
Mylodon darwini	-69,744594	-52,089039	13200		200	Varela et al. 2017
Mylodon darwini	-72,564673	-51,531204	13400			Varela et al. 2017
Mylodon darwini	-72,6	-51,566667	13000			Varela et al. 2017
Mylodon darwini	-70,049944	-52,033053	12500			Varela et al. 2017
Mylodon darwini	-72,604743	-53,5696	13500			Varela et al. 2017
Mylodon darwini	-72,619212	-51,564256	12600			Varela et al. 2017
Mylodon darwini	-71,490266	-31,92763	13500			Varela et al. 2017
Mylodon darwini	-58,033333	-31,416667				Varela et al. 2017
Mylodon darwini	-68,366667	-34,75				Varela et al. 2017
Mylodon darwini	-70,174444	-51,747778				Varela et al. 2017
Mylodon darwini	-69,737952	-52,11423	8600			Varela et al. 2017
Mylodon darwini	-67,867778	-47895	13000			Varela et al. 2017
Mylodon darwini	-64,495816	-31,714782	26000			Varela et al. 2017
Neosclerocalyptus paskoensis	-59,112488	-34,568241				Varela et al. 2017
Neosclerocalyptus paskoensis	-62,75	-37,183333				Varela et al. 2017
Neosclerocalyptus paskoensis	-59,651445	-33,672877				Varela et al. 2017
Neosclerocalyptus paskoensis	-58,233333	-38,433333				Varela et al. 2017
Neosclerocalyptus paskoensis	-34,563281	NA				Varela et al. 2017
Neosclerocalyptus paskoensis	-65,276241	-26,11122				Varela et al. 2017
Neosclerocalyptus paskoensis	-62,424203	-62,096147				Varela et al. 2017
Neosclerocalyptus paskoensis	-63,050977	-31,417879				Varela et al. 2017
Neosclerocalyptus paskoensis	-60,7	-32,7				Varela et al. 2017
Neosclerocalyptus paskoensis	-65,257774	-26,733045				Varela et al. 2017
Neosclerocalyptus paskoensis	-65,205692	-26,831053				Varela et al. 2017
Neosclerocalyptus paskoensis	-58,67058	-26,623531	58000	#VALOR!		Varela et al. 2017
Neosclerocalyptus paskoensis	-60,737062	-38,323129				Varela et al. 2017

Continuação...

Neosclerocalyptus paskoensis	-61,683333	-38,566667				Varela et al. 2017
Neosclerocalyptus paskoensis	-60,076389	-37,134444				Varela et al. 2017
Neosclerocalyptus paskoensis	-64,295311	-36,622303				Varela et al. 2017
Neosclerocalyptus paskoensis	-65,276241	-26,11122				Varela et al. 2017
Neosclerocalyptus paskoensis	-56,306325	-34,706741	17620			Varela et al. 2017
Notiomastodon platensis	-73,103611	-40,57	15108	170		Gonzáles-Guarda et al. 2017
Notiomastodon platensis	-73,103611	-40,57	15153		177	Gonzáles-Guarda et al. 2017
Notiomastodon platensis	-73,103611	-40,57	15153		912	Gonzáles-Guarda et al. 2017
Notiomastodon platensis	-73,103611	-40,57	14697		410	Gonzáles-Guarda et al. 2017
Notiomastodon platensis	-73,103611	-40,57	16092		368	Gonzáles-Guarda et al. 2017
Notiomastodon platensis	-73,103611	-40,57	14395		38	Gonzáles-Guarda et al. 2017
Notiomastodon platensis	-73,103611	-40,57	14427		317	Gonzáles-Guarda et al. 2017
Notiomastodon platensis	-73,103611	-40,57	12910		841	Gonzáles-Guarda et al. 2017
Notiomastodon platensis	-73,103611	-40,57	13188		129	Gonzáles-Guarda et al. 2017
Notiomastodon platensis	-73,103611	-40,57	13575		176	Gonzáles-Guarda et al. 2017
Notiomastodon platensis	-73,103611	-40,57	14185		278	Gonzáles-Guarda et al. 2017
Notiomastodon platensis	-73,103611	-40,57	32752		909	Gonzáles-Guarda et al. 2017
Notiomastodon platensis	-73,103611	-40,57	20610		2117	Gonzáles-Guarda et al. 2017
Notiomastodon platensis	-73,103611	-40,57	17537		1861	Gonzáles-Guarda et al. 2017
Notiomastodon platensis	-41,081211	-10,954819				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-46,948583	-19,643389	61000		5000	Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-43,924461	-19,635103				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-43,89	-19,626944				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-80,918386	-2,222267	18000	1000		Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-80,918386	-2,222267	40500	500		Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-77,895833	-0,532222	6535		5885	Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-71,261944	-31,769167				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-71,511389	-31,930278	10200		1200	Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-71,296389	-32615				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-70,686667	-33,027778				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-70,831667	-33,200556				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-70,834444	-33,346667				Mothe et al. 2017

Continuação...

Notiomastodon platensis	-70,708611	-33,484444				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-70,838611	-33,539444				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-71,166389	-34,471667	10640	740		Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-71,540833	-34,314167				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-72,136667	-36,626667				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-73,173056	-38,718611				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-72,197222	-39,574722				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-72,926667	-40,557778	9800	8900		Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-72,876667	-40,9375	8650	7750		Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-73,205833	-41,503333	12700		1100	Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-69,859722	-11,180833				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-69,859722	-11,180833				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-59,808028	-37676				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-59,808028	-37676				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-61,89975	-35,810833				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-57,550028	-35,071694				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-60,92675	-31461				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-59,199722	-38,283028				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-59,199722	-38,283028				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-60,697286	-31,610958				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-60,25	-36,966667				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-61,039556	-36,179111				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-65,8	-28,016694				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-58,466667	-37,116667				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-58,017222	-34,905278				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-60,740861	-31,629278				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-60,740861	-31,629278				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-58,630083	-34,761694				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-60,21105	-33,333467				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-60,102711	-34,062783				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-58,522783	-34,853922				Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-58,647825	-34,576108				Mothe et al. 2017

Continuação...

Notiomastodon platensis	-57,542625	-38,005522			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-57,542625	-38,005522			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-59,428403	-34,654603			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-58,739614	-38,554583			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-58,463556	-34,3735			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-58,463556	-34,3735			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-58,423297	-34,571153			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-60,073617	-38,851853			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-57,948781	-34,913392			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-57,897747	-34,862672			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-60,375625	-36,971031			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-57,406378	-35,641542			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-58,459467	-34,561139			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-60,511503	-31,741344			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-60,483644	-31,756972			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-60,495647	-31,774667			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-60,547231	-33,092458			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-60,547231	-33,092458			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-60,547231	-33,092458			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-60,547231	-33,092458			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-60,547231	-33,092458			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-60,547231	-33,092458			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-64,264167	-27,783372			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-57,621417	-32,158694	11500	500	Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-58,071389	-33,543056			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-58,317861	-33514			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-74,886111	-15,352778			Mothe et al. 2017
Notiomastodon platensis	-76,781497	-11,472525			Mothe et al. 2017
Pampatherium typus	-59,109167	-38,211389			Varela et al. 2017
Pampatherium typum	-58,233333	-38,433333			Varela et al. 2017
Pampatherium typum	-58,718611	-35,7225			Varela et al. 2017
Pampatherium typum	-58,67058	-26,623531	58000		Varela et al. 2017

Continuação...

Pampatherium typum	-56,866444	-29,672381	14925	Varela et al. 2017
Pampatherium typum		-29,671958		Varela et al. 2017

Supplementary Table 2 - Species and ranges modeled according to the range of occurrence

Espécie	Intervalo temporal(ka)	Intervalo modelado(ka)	Referências	Observação
Catonyx chilensis	44 a 8	23 a 8	Coltori et al. 2007 (Last Glacial mammals in South America: a new scenario from the Tarija Basin (Bolivia) / Ferrero 2008 (Scelidodon Ameghino (Tardigrada: Scelidotheriinae) en la Formación Tezanos Pinto (Pleistoceno tardío) de la provincia de Entre Ríos, Argentina)	Datação de camadas e/ou sedimentação
Catonyx cuvieri	42 a 11	23 a 11	Lopes e Pereira 2010 (Fossils of Scelidotheriinae Ameghino, 1904 (Xenarthra, Pilosa) in the Pleistocene deposits of Rio Grande do Sul, Brazil) / Auler et al. 2006 (U-series dating and taphonomy of Quaternary vertebrates from Brazilian caves)	Datação fóssil
Doedicurus clavicaudatus	30 a 6	23 a 6	Fariña et al 2014 (Arroyo del Vizcaíno, Uruguay: a fossil-rich 30-ka-old megafaunal locality with cut-marked bones) / Politis et al 2019 (Campo Laborde: A Late Pleistocene giant ground sloth kill and butchering site in the Pampas)	Datação fóssil
Eremotherium laurillardi	48 a 8	23 a 8	Lima-Ribeiro 2013 (Mudanças climáticas, colonização humana e a extinção da megafauna na América do Sul - Doutorado)	Datação fóssil
Glossotherium robustum	42 a 11	23 a 11	Pitana et al 2013 (Cranial and dental studies of Glossotherium robustum (Owen, 1842) (Xenarthra: Pilosa: Mylodontidae) from the Pleistocene of southern Brazil)	Datação fóssil
Glyptodon clavipes	58 a 10	23 a 10	Zurita et al 2009 (Paleontología del Chaco Oriental. Una nueva localidad con mamíferos fósiles pleistocenos en el río Bermejo (Formosa, Argentina)) / Kerber et al 2014 (Late Pleistocene vertebrates from Touro Passo Creek (Touro Passo Formation), southern Brazil: a review)	Datação de camadas e/ou sedimentação
Holmesina occidentalis	41 a 13	23 a 13	Czaplewski, Rincón e Morgan 2005 (Fossil Bat (Mammalia: Chiroptera) Remains from Inciarte Tar Pit,Sierra de Perijá, Venezuela) / Pujos e Sala 2004 (A systematic reassessment and paleogeographic review of fossil Xenarthra from Peru)	Datação fóssil / datação sítio

Continuação...				
Holmesina paulacoutoi	52 a 11	23 a 11	Francia, Zurita e Carlini 2015 (How Marine Isotope Stage 3 (MIS3) is reflected in northern Mesopotamia faunal assemblage of Argentina: The Xenarthra Cingulata case) / Keber et al 2014 (Late Pleistocene vertebrates from Touro Passo Creek (Touro Passo Formation), southern Brazil: a review)	Datação sítio/ datação sítio
Lestodon armatus	120 a 10	23 a 10	Brunetto et al 2015 (Late Pleistocene lithostratigraphy and sequences in the southwestern Mesopotamia (Argentina): Evidences of the last interglacial stage) / Martínez, Gutierrez e Tonni 2013 (Paleoenvironments and faunal extinctions: Analysis of the archaeological assemblages at the Paso Otero locality (Argentina) during the Late Pleistocene–Early Holocene)	Datação do sítio
Megatherium americanum	58 a 6	23 a 6	Zurita et al 2009 (Paleontología del Chaco Oriental. Una nueva localidad con mamíferos fósiles pleistocenos en el río Bermejo (Formosa, Argentina)) / Coltori et al. 2007 (Last Glacial mammals in South America: a new scenario from the Tarija Basin (Bolivia)	Datação de camadas e/ou sedimentação
Mylodon darwinii	80 a 13	23 a 13	Brandoni, Ferreiro e Brunetto 2010 (Mylodon darwini Owen (Xenarthra, Mylodontinae) from the Late Pleistocene of Mesopotamia, Argentina, with remarks on individual variability, paleobiology, paleobiogeography, and paleoenvironment) / Alberdi, Menegaz e Prado 1987 (Formas terminales de Hippidion (Mammalia, Perissodactyla) de los yacimientos del Pleistoceno tardío-Holoceno de la Patagonia (Argentina y Chile))	Datação do sítio / datação do fóssil
Neosclerocalyptus paskoensis	58 a 8	23 a 8	Zurita et al 2009 (Paleontología del Chaco Oriental. Una nueva localidad con mamíferos fósiles pleistocenos en el río Bermejo (Formosa, Argentina)) / Zurita et al 2011 (Neosclerocalyptus spp. (Cingulata: Glyptodontidae: Hoplophorini): cranial morphology and palaeoenvironments along the changing Quaternary.)	Datação de camas e/ou sedimentos

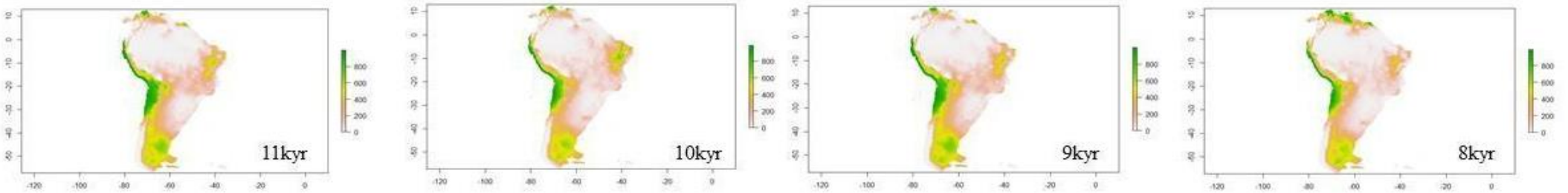
Continuação...				
Notiomastodon platensis	530 a 6	23 a 6	Dantas et al.2013 (A review of the time scale and potential geographic distribution of Notiomastodon platensis (Ameghino, 1888) in the late Pleistocene of South America)	Datação fóssil
Pampatherium typum	58 a 6	23 a 6	Zurita et al 2009 (Paleontología del Chaco Oriental: Una nueva localidad con mamíferos fósiles pleistocenos en el río Bermejo (Formosa, Argentina)) / Lopes 2009 (Alterações post mortem (pseudopaleopatologias) em fósseis de mamíferos pleistocênos do estado do Rio Grande do Sul, Brasil)	Datação de camadas e/ou sedimetos

Supplementary Table 3 - AUC values for the projections

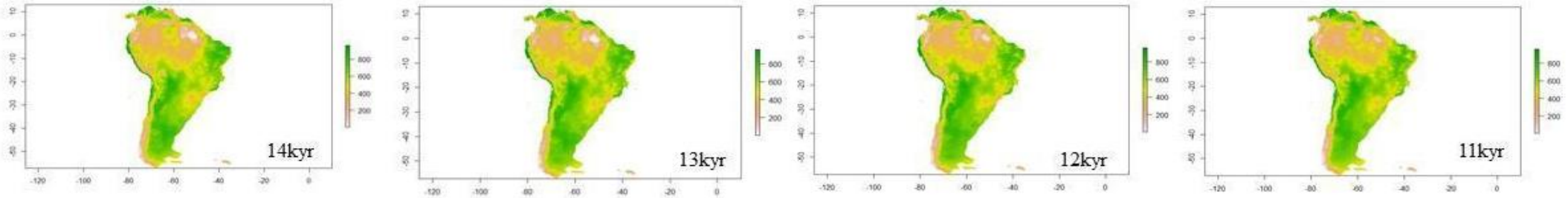
Espécies	**Número de instâncias**	**Média AUC's**
Catonyx chilenses (=*Scelidodon chilenses*)	14	0,929
Catonyx cuvieri	17	0,761
Doedicurus clavicaudatus	25	0,968
Eremotherium laurillardi	62	0,83
Glossotherium robustum	36	0,888
Glyptodon clavipes	38	0,922
Holmesina occidentalis	8	0,998
Holmesina paulacoutoi	10	0,811
Lestodon armatus	22	0,95
Megatherium americanum	39	0,909
Mylodon darwini	30	0,929
Neosclerocalyptus paskoensis	30	0,941
Notiomastodon platensis	112	0,919
Pampatherium typus	10	0,941

Supplementary Date 1 – Last modeled 4 ka

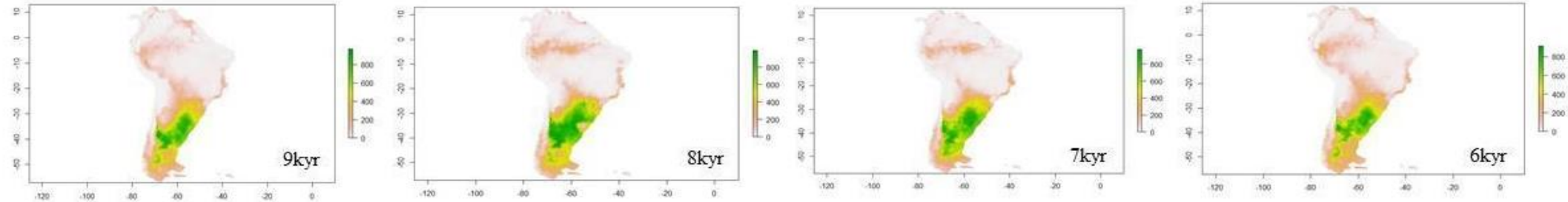
Catonyx chilensis



Catonyx cuvieri

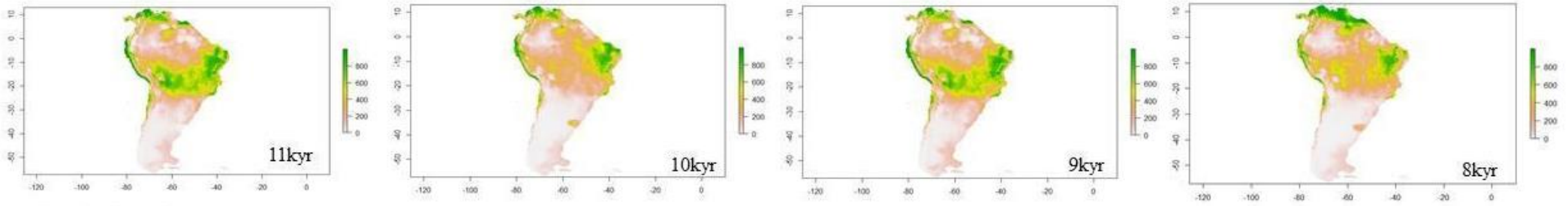


Doedicurus clavicaudatus

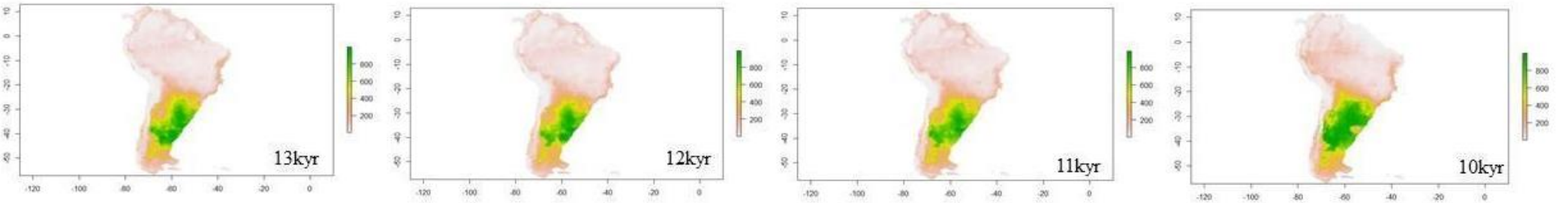


Continuação...

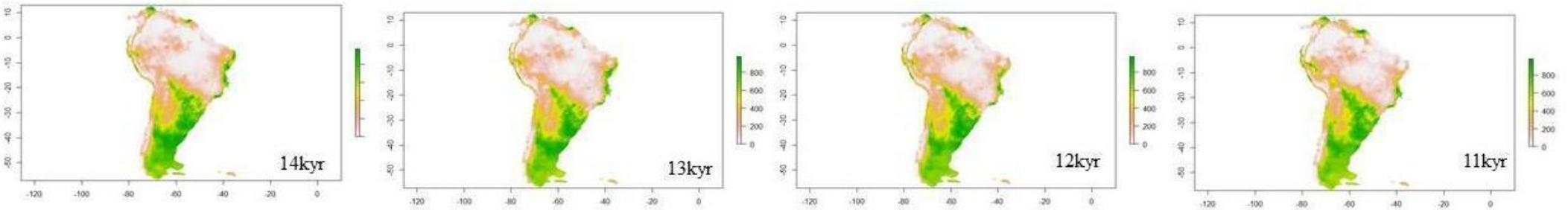
Eremotherium laurillardi



Glyptodon clavipes

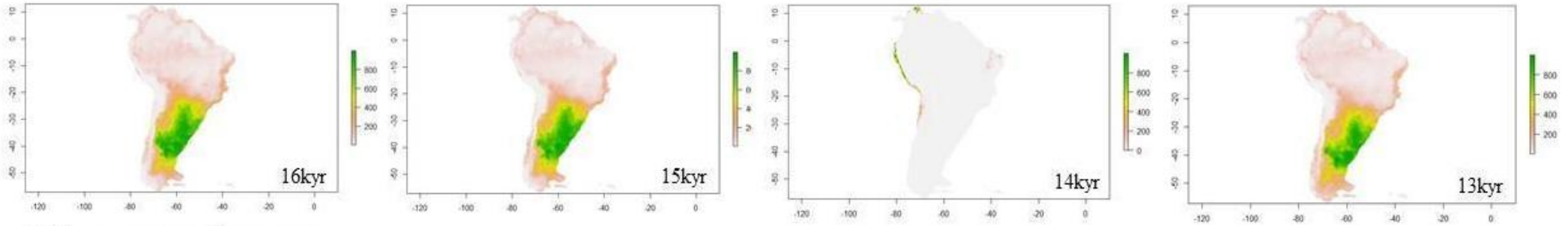


Glossotherium robustum

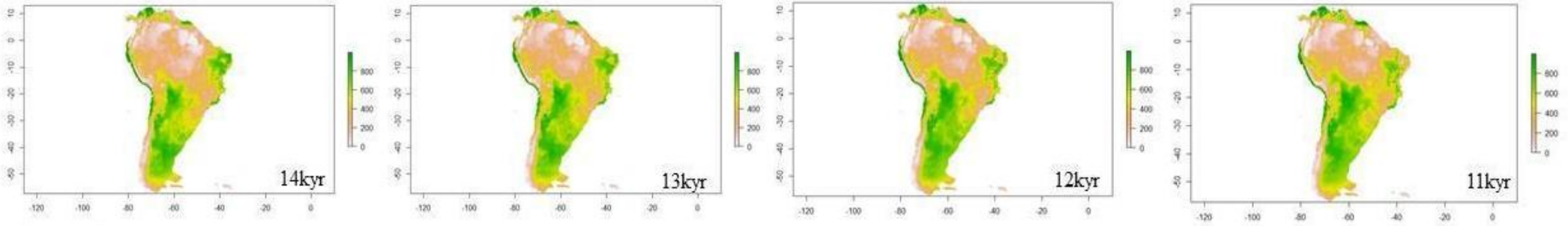


Continuação...

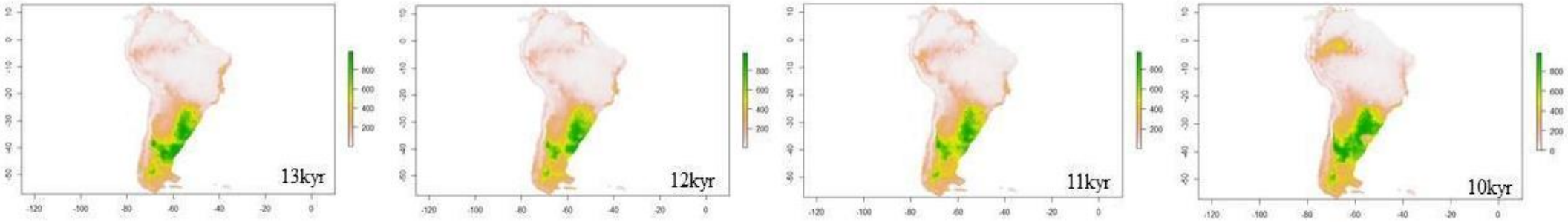
Holmesina occidentalis



Holmesina paulacoutoi

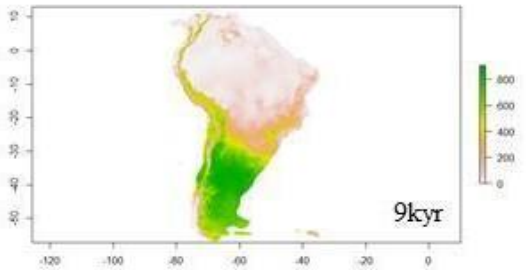


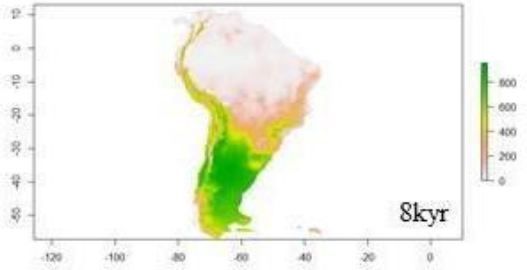
Lestodon armatus

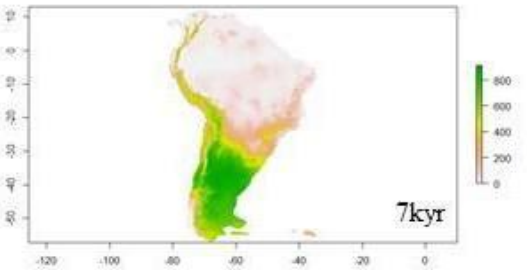


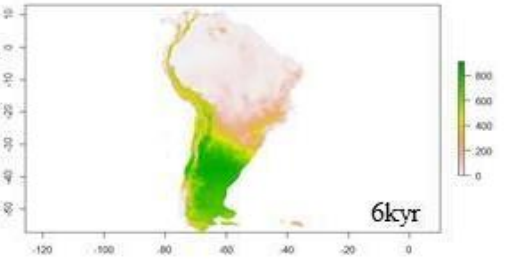
Continuação...

Megatherium americanum

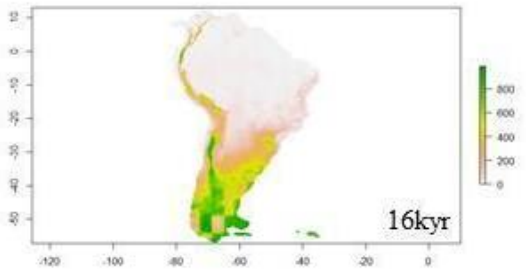


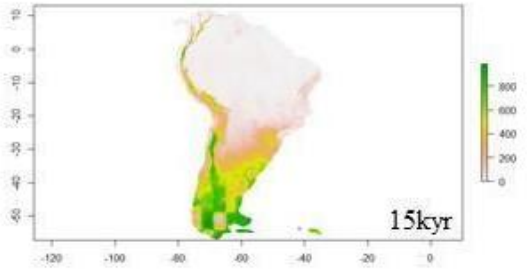


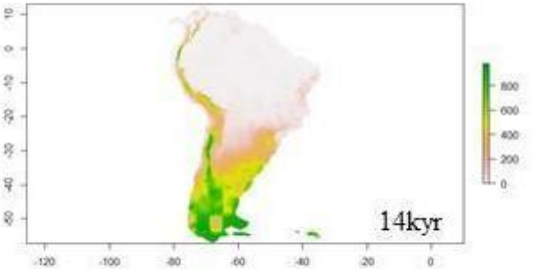


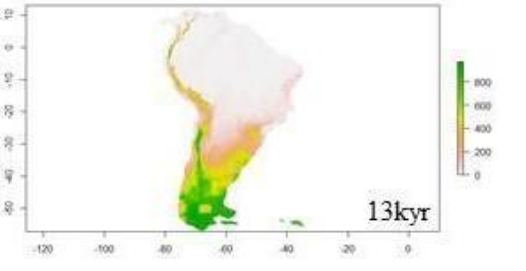


Milodon darwini

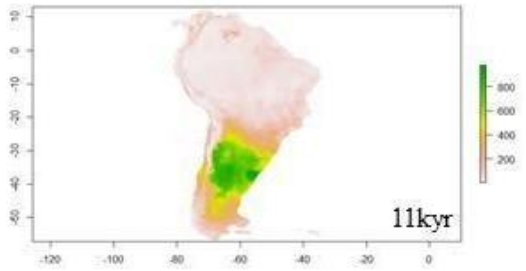


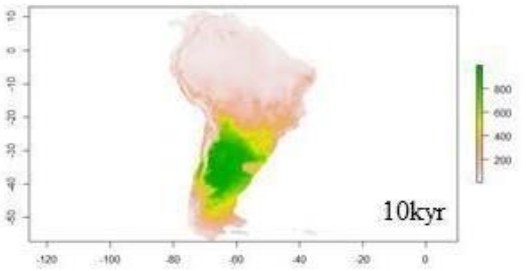


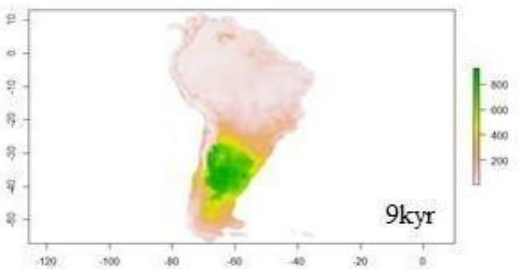


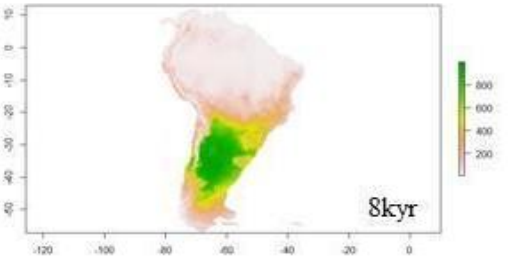


Neosclerocalyptus paskoensis



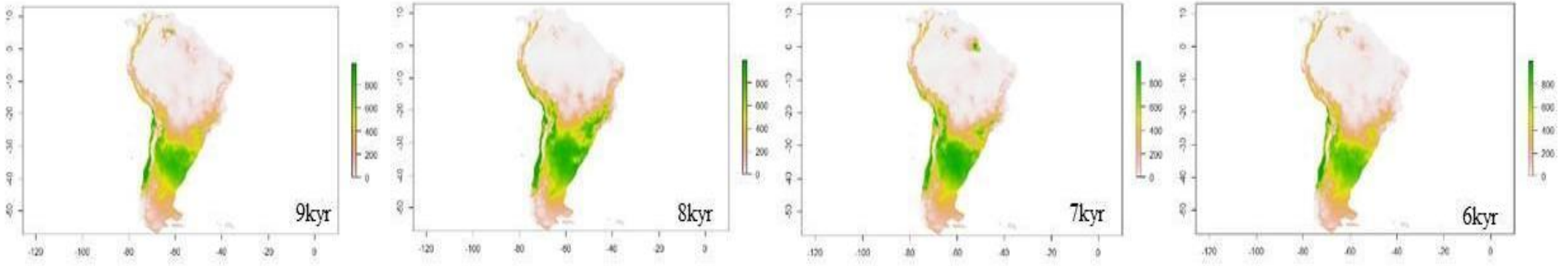




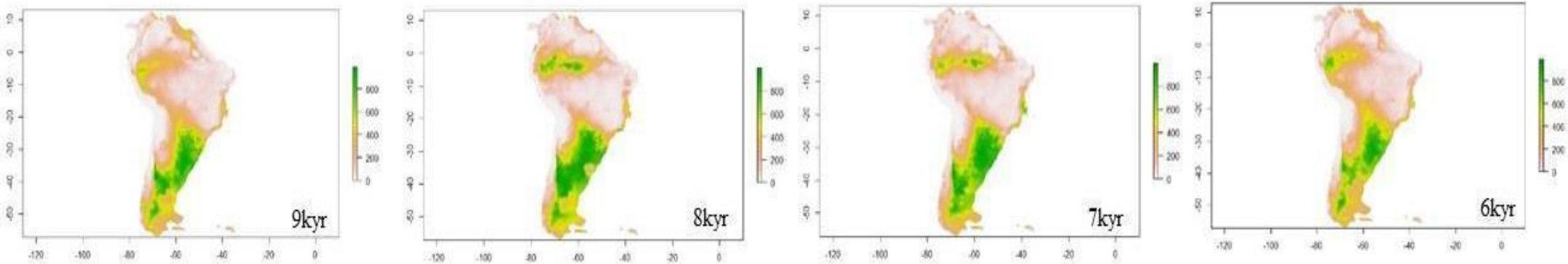


Continuação...

Notiomastodon platensis



Pampatherium typus



CAPÍTULO 3 – “Determinação de áreas prioritárias para prospecção de fósseis de herbívoros da megafauna quaternária”

Determinação de áreas prioritárias para prospecção de fósseis de herbívoros da megafauna quaternária

Aragão, W. S.[1,2,4], Martinez, P. A.[2], Riul, P.[3], Eduardo, A.A.[2], Liparini, A.[1,2]

[1] Universidade Federal de Sergipe - Campus São Cristóvão, Programa de Pós Graduação em Geociências e Análise de Bacias, Complexo Laboratorial Multiusuário da UFS – Galpão das Geociências – Sala 101,
[2] Laboratório de Pesquisas Integrativa em Biodiversidade, Departamento de Biologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Brasil
[3] Departamento de Engenharia e Meio Ambiente, Universidade Federal da Paraíba, Rio Tinto, Brasil.
[4]E-mail: wilcilenedearagao@gmail.com

RESUMO

Atualmente os trabalhos de prospecção fóssil são feitos em locais onde já se é conhecido por um bom potencial fossilífero e identificadas a partir dos históricos dessas localidades. Uma metodologia que auxilie na determinação de novas regiões fossilíferas otimizaria os trabalhos de campo, além de desenviesar as saídas a campo apenas a lugares com relatos prévios de ocorrências de fósseis, possibilitando assim a descoberta de novos sítios paleontológicos. O presente trabalho tem como objetivo determinar áreas com potencial fossilífero utilizando o *software Zonation* para indicar áreas prioritárias para busca de fósseis da megafauna. Nessa abordagem será avaliado o potencial do uso deste software, em duas etapas: (i) uma em escala continental, menos refinada, a partir dos mapas de potencial de distribuição modelados para as espécies extintas; (ii) outra em escala regional para áreas geográficas mais restritas, para as quais existam informações físicas, climáticas, geológicas e urbanas mais refinadas. O *Zonation* desenvolve um ranking prioritário de toda a paisagem classificando interativamente os locais, excluindo a unidade espacial que leva à menor perda agregada na biodiversidade. Foram utilizados mapas de adequabilidade de 14 espécies extintas da megafauna quaternária e mapas de índice de declive, população rural e presença de cavernas, com informações geográficas de maior resolução, para o Brasil. Os mapas de adequabilidade para as 14 espécies foram gerados no *Maxent* através de uma análise multitemporal, gerando projeções com intervalos temporais a cada mil anos, partindo de 23 ka até o registro datado mais recente de cada espécie. Na análise para o potencial fossilífero em escala continental, o mapa apresentou três grandes áreas principais com alto potencial fossilífero. São elas: (i) Nordeste do Brasil, (ii) região pampeana da Argentina, (iii) extremo norte do continente (Colômbia e Venezuela). Na análise regional, além de áreas já conhecidas, obtivemos resultados de possíveis novas áreas com potencial fossilífero, como a região central do estado de Sergipe. Podemos considerar o *Zonation* como uma metodologia altamente potencial para determinar áreas com prospecção de fósseis, mas faz-se necessário uma ampliação dos dados com um maior refinamento acrescentando mais mapas geomorfológicos e realização de saída de campo para testar e validar este *software*.

Palavras-chave: América do Sul; Análise multitemporal**;** Brasil; Fóssil; Mapas de adequabilidade; Paleontologia.

ABSTRACT

Currently, fossil prospecting works are carried out in places where it is already known for a good fossiliferous potential and identified from the histories of these locations. A methodology that assists in the determination of new fossiliferous regions would optimize field work, in addition to developing field trips only to places with previous reports of fossil occurrences, thus enabling the discovery of new paleontological sites. The present work aims to determine areas with fossiliferous potential using the Zonation software to indicate priority areas for searching for megafauna fossils. In this approach, the potential of using this software will be evaluated in two stages: (i) one on a continental scale, less refined, based on the distribution potential maps modeled for extinct species; (ii) another on a regional scale for more restricted geographic areas, for which there is more refined physical, climatic, geological and urban information. Zonation develops a priority ranking of the entire landscape interactively classifying the locations, excluding the spatial unit that leads to the lowest aggregate loss in biodiversity. Maps of suitability of 14 extinct species of the quaternary megafauna and maps of slope index, rural population and presence of caves were used, with geographic information of higher resolution, for Brazil. The suitability maps for the 14 species were generated in Maxent through a multitemporal analysis, generating projections with time intervals every thousand years, starting from 23 ka until the most recent dated record of each species. In the analysis for fossiliferous potential on a continental scale, the map presented three major main areas with high fossiliferous potential. They are: (i) Northeast Brazil, (ii) the Pampean region of Argentina, (iii) the far north of the continent (Colombia and Venezuela). In the regional analysis, in addition to already known areas, we obtained results from possible new areas with fossiliferous potential, such as the central region of the state of Sergipe. We can consider Zonation as a highly potential methodology to determine areas with prospecting for fossils, but it is necessary to expand the data with greater refinement by adding more geomorphological maps and carrying out fieldwork to test and validate this software.

Keywords: South America; Multitemporal analysis; Brazil; Fossil; Suitability maps; Palaeontology

1. Introdução

Ao longo da última década, muitos trabalhos vêm sendo desenvolvidos para identificar possíveis áreas de adequabilidade das espécies ou modelar seu nicho ecológico (Angeliere *et al.*,2016; Merow *et al*., 2013; Moreno e Lima-Ribeiro, 2015; Varela *et al*., 2011; Warren & Saifert, 2011; Iannella *et al.*,2019; Saunders *et al*., 2020). Alguns trabalhos usam esses mapas para determinar áreas de priorização de conservação de espécies atuais que apresentam riscos de extinção, entre outros fatores (Lehtomaki e Moilanen, 2013; Moilanen *et al*., 2011; Santangeli *et al*., 2019; Tognelli *et al*., 2011; Williams *et al*., 2012). Essas áreas compreendem regiões que foram identificadas como possíveis áreas de expansão de conservação de uma determinada espécie ou de um conjunto de espécies por apresentarem condições semelhantes a locais onde a espécie já habita. Essas regiões são determinadas com a finalidade de auxiliar na preservação diminuindo os riscos de extinção da mesma (Brum *et al*., 2017; Santangeli *et al*., 2019; Tognelli *et al*., 2011).

Além da conservação das espécies, algumas pesquisas utilizam esses mapas para determinar áreas apropriadas para conservação da diversidade biológica e para conservação de ecossistemas (Di Minin *et al*., 2013; Di Minin e Moilanen, 2012; Moilanen *et al*., 2008). Nesse sentido, o *Zonation* é um dos *softwares* empregados para tal análise, ao lado de outros como por exemplo, os algoritmos *C-plan* e *Marxan* (Kukkala e Moilanen, 2017). Até o presente momento, os trabalhos já publicados com esse intuito de identificar áreas prioritárias utilizaram apenas dados de espécies atuais (Brum *et al*., 2017; Santangeli *et al*., 2019; Tognelli *et al*., 2011) e não foram encontradas publicações onde tenham sido utilizados dados paleontológicos para o reconhecimento de áreas de alta diversidade no passado.

Atualmente os trabalhos de prospecção fóssil são feitos em locais já conhecidos por um bom potencial fossilífero e identificados a partir dos históricos dessas localidades. Antes de sair a campo é necessário fazer um planejamento completo, conhecer a área de estudo fazendo um levantamento bibliográfico do local e estudar o contexto geográfico da região, além de ser possível definir o tempo de prospecção e equipamentos necessários (Nobre e Carvalho, 2010). Uma metodologia que auxilie na determinação de regiões fossilíferas otimizaria os trabalhos de campo reduzindo o tempo utilizado para fazer os levantamentos dessas regiões em literaturas disponíveis, além de desenviesar as saídas a campo apenas em lugares onde já é conhecido com ocorrências de fósseis e possibilitando a descoberta de novos sítios paleontológicos.

O presente trabalho tem como objetivo determinar áreas com potencial fossilífero utilizando o *software Zonation* para indicar áreas prioritárias para busca de fósseis da megafauna. Nessa abordagem será avaliado o potencial do uso deste software, em duas etapas: (i) uma em escala continental, menos refinada, a partir dos mapas de potencial de distribuição modelados para as espécies extintas; (ii) outra em escala regional para áreas geográficas mais restritas, para as quais existam informações físicas, climáticas, geológicas e urbanas mais refinadas.

2. Localização e Grupo de Estudo

Megafauna é um grupo de mamíferos de grande porte com peso superior a 44 quilos (Hansen e Galetti, 2009). Esse grupo habitou todos os continentes (Fig.1) durante o Quaternário, com registros de ocorrências para algumas espécies até o Holoceno inicial (Barnosky *et al*., 2004; Doughty *et al*., 2016; Sandom *et al*., 2014; Stuart, 2015).

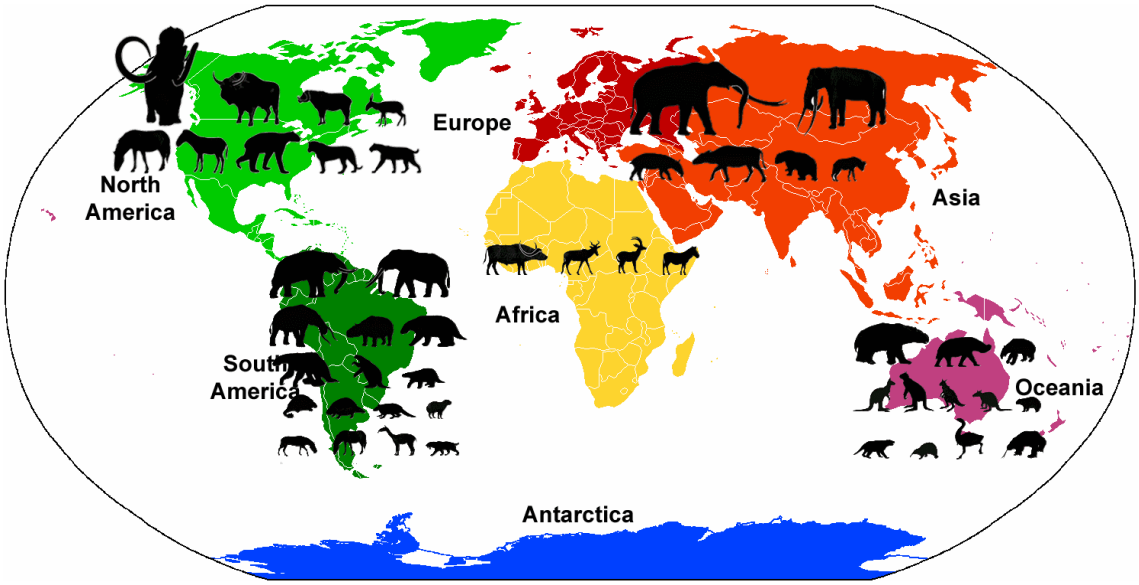


Fig.1. Principais grupos extintos da megafauna que habitaram os continentes. Adaptado de Stuart, 2015.

A América do Norte é um dos continentes que abrigava a maior diversidade desses grandes mamíferos. Estima-se que neste continente haviam cerca de 54 espécies divididas em grupos de mamutes (e.g *Mammuthus columbi*), bisões (e.g *Bison priscus*), preguiças (*Eremotherium laurillardi*) entre outros (Stuart, 2014). Calcula-se que a extinção no continente Norte Americano corresponde a aproximadamente 69% do total das espécies (Stuart, 2014).

A Eurásia, região formada pelos continentes Europa e Ásia, abrigava 48 espécies da megafauna e aproximadamente 17 delas foram extintas, divididas em grupos de rinocerontes-lanudos (e.g *Coelodonta antiquitatis*), elefantes (e.g *Palaeoloxodon antiquus*), hipopótamos (e.g *Hippopotamus amphibius*) e outros. A estimativa aproximada de extinção dessas espécies da Eurásia é de cerca de 37% com destaque para as espécies de elefantes, num total de três, que foram todas extintas (Stuart e Lister, 2012; Stuart, 2014).

A região da África subsaariana (exclui o norte do continente) ainda é rica em espécies da megafauna viventes desde o Pleistoceno. Estima-se que das 31 espécies apenas quatro espécies foram extintas: *Syncerus antiquus*, *Megalotragus priscus*, *Hippotragus leucophaeus*, *Equus capensis* que representam cerca de 13% do total (Stuart, 2014).

Para a Oceania não se sabe ao certo quantas espécies de megafauna que viveram desde o Pleistoceno foram extintas, devido às incertezas estratigráficas e problemas de datação direta (Stuart, 2014), mas estima-se que houve uma perda total dessas espécies há cerca de 46.000 anos (Roberts *et al*., 2001). Entre as espécies conhecidas extintas temos *Diprotodon optatum*, *Phascolonus gigas*, *Thylacoleo carnifex*, *Protemnodon brehus*, entre outros (Stuart, 2014 e Roberts *et al*., 2001).

O continente Sul Americano abrigou espécies da megafauna até o Holoceno inicial (Doughty *et al*., 2016). Durante a grande extinção do Pleistoceno tardio, estima-se que houve uma perda de cerca de 83% dessas espécies (Lima-Ribeiro e Diniz-Filho, 2013). Este continente foi habitado por uma grande variedade desses animais dos grupos de herbívoros e carnívoros, distribuídos principalmente entre os gêneros *Glossotherium, Lestodon, Mylodon, Scelidotherium, Eremotherium, Megatherium, Pampatherium, Glyptotherium, Glyptodon, Hoplophorus, Panochthus, Parapanochthus, Cuvieronius, Notiomastodon, Equus, Hippidion, Hemiauchenia, Palaeolama, Macrauchenia, Arctotherium, Smilodon* e *Protocyon* (Gallo *et al.*, 2013; Lima-Ribeiro e Diniz-Filho, 2013; Dantas e Cozzuol, 2016; Varella *et al.*, 2017). Na América do Sul algumas espécies das ordens Astrapotheria, Carnívora, Litopterna, Notoungulata, Proboscídea, Pyrotheriae, Xenungulata são endêmicas da América do Sul, ou seja são espécies exclusivas desse continente, como por exemplo, *Macrauchenia patachonica*,

Notiomastodon platensis, *Smilodon populator* e *Toxodon platensis* (Lucas, 2013; Buckley, 2015; Manzuetti *et al.*, 2018).

A América do Sul possui regiões com muitos estudos desenvolvidos sobre megafauna, principalmente em países como Bolívia em sítios como Valle de Tarija (Coltorti *et al*., 2010; Mothé *et al*., 2017; Tonni *et al*.,2009; Zurita *et al*., 2009; Zamorano e Oliva, 2020); Paso Otero, na Argentina (Prado *et al*., 2015; Martínez *et al*., 2012; Borrero, 2009; Scanferla *et al*., 2013; Cione *et al*., 2009); Formação Sopas no Uruguai (Pitana e Ribeiro, 2007; Ubilla, 2004; Ubilla *et al*., 2004; Oliveira e Pereira, 2009; Scherer *et al*., 2009). O Brasil é um país com grande potencial fossilífero. Vale destacar a Região Intertropical Brasileira (RIB) onde há uma grande quantidade de estudos que trabalham com os fósseis dessa região (Dantas, 2012; Dantas *et al*., 2013; Dantas, 2017; França *et al*., 2014 (a) França *et al*., 2014 (b); Araujo-Junior *et al*., 2013).

A Região Intertropical Brasileira (RIB) foi definida por Cartelle, 1999 como uma região zoogeográfica formada pelos estados do Nordeste (exceto Maranhão) juntamente com Goiás e os estados do Sudeste (exceto São Paulo) e com base na ocorrência de espécies de herbívoros e carnívoros com registros nesses estados, que são comumente encontrados em tanques e cavernas (Dantas e Cozzuol, 2016). Sergipe é um dos estados que compreende a RIB. Neste estado, além de uma grande variedade de grupos fósseis de invertebrados marinhos do Período Cretáceo (Bengtson *et al*., 2018; Franco-Neto, 2018; Manso e Souza-lima, 2012), há um diverso registro de vertebrados da megafauna, que viveram durante o Quaternário e eram mais comuns no Pleistoceno. Graças a esforços recentes de prospecção e coleta o número de espécies registradas para o Quaternário, no estado, apresentou um incremento, especialmente em regiões com a presença de tanques e cavernas naturais (Dantas, 2009; França *et al*., 2011) (Fig.2).

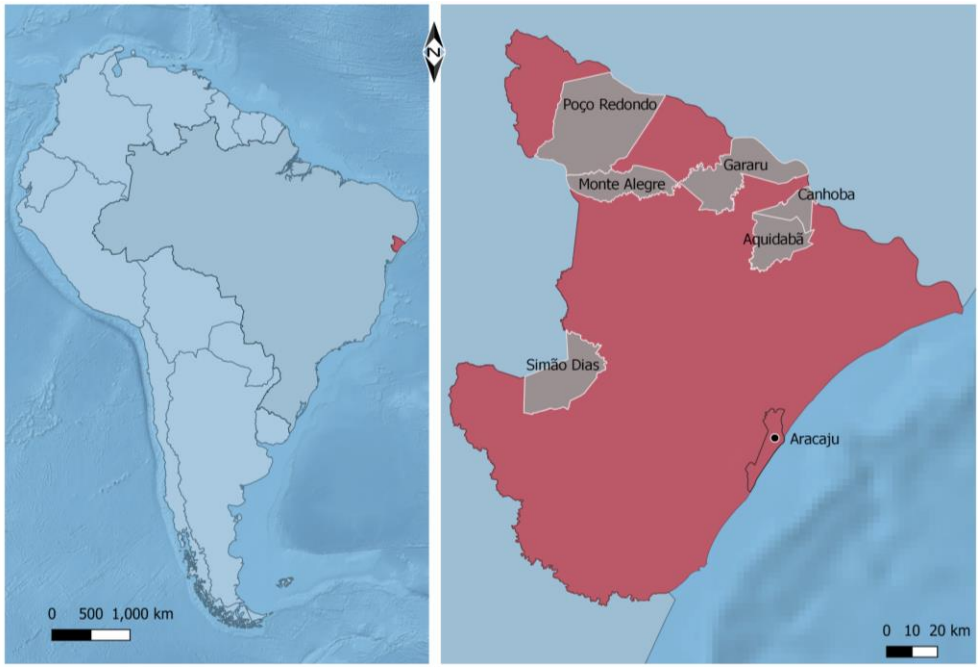


Fig.2. Mapa de Sergipe com destaque para os municípios onde há registros de fósseis da megafauna. Em cinza os municípios com registros fósseis da megafauna Quaternária. O município de Simão Dias apresenta fósseis encontrados em caverna e os outros municípios apresentam fósseis coletados em tanques naturais. Fonte: Modificado de base cartográfica da SEMARH.

As descobertas fósseis da megafauna quaternária em Sergipe tiveram início em 1884, com ocorrência predominantemente em afloramentos do tipo tanque (França *et al*., 2014a) e possui uma maior diversidade de espécies herbívoras. Do grupo dos herbívoros atualmente há registros de ocorrências fósseis das espécies *Catonyx cuvieri*, *Equus neogeus*, *Eremotherium laurillardi*, *Notiomastodon platensis*, *Pachyarmatherium brasiliense*, *Paleolama major*, *Toxodon platensis*, além de registros indeterminados de *Glyptotherium* e *Mylodontinae*. No

grupo dos carnívoros a única espécie com ocorrência para Sergipe é do dente de sabre *Smilodon populator* (Dantas e Cozzuol, 2016).

3. Métodos

3.1 Software Zonation

O *Zonation* é um *software* que desenvolve um ranking prioritário de toda a paisagem, em seguida, classifica interativamente os locais, excluindo a unidade espacial que leva à menor perda agregada na biodiversidade. Neste processo, chamado de meta-algoritmo do *Zonation*, os locais menos úteis são classificados como de menor prioridade (perto de 0) e as áreas de maior prioridade para a biodiversidade recebem as classificações mais altas (perto de 1) (Lehtomäki e Moilanen, 2013). Este *software* utiliza um conjunto de informações (*input*) necessárias para sua execução, por exemplo, mapas (formato TIFF) com modelos de distribuição das espécies estudadas e alguns parâmetros como pesos, serviços ecossistêmicos e conectividade e a partir desses dados ele gera um mapa com áreas quentes indicando que seriam áreas prioritárias.

O *Zonation* (versão 4.0) foi o *software* utilizado no presente trabalho para determinar as áreas prioritárias para prospecção e de acordo com Di Minin *et al*. (2014) são necessários três tipos de arquivos obrigatórios em todas as análises, que são:

I - Arquivo de projeto (formato .bat) criado em qualquer editor de texto e que deve especificar os arquivos de entrada e os arquivos de saída;

II - Uma lista de recursos de biodiversidade, arquivo de texto que pode ser criado no bloco de notas;

III - Um arquivo de configurações de execução (formato .dat) que define os recursos analíticos que serão usados na classificação de prioridade.

Com esse conjunto de arquivos para execução do *Zonation*, obtêm-se arquivos *outputs* com mapas indicando melhores áreas para conservação das espécies estudadas (Kukkala e Moilanen, 2017; Lehtomäki e Moilanen, 2013; Tognelli *et al*., 2011; Williams *et al*., 2012), que são as denominadas "áreas quentes do mapa" e gráficos com conjunto de curvas de desempenho indicando o limite onde cada recurso é retido na solução de conservação se diferentes frações da paisagem forem alocadas para conservação (Moilanen *et al*., 2011). A fig.3 resume os estágios das análises no *software Zonation.*

Foram feitas duas análises considerando escalas geográficas distintas: uma análise em escala continental, considerando toda a América do sul e outra em escala regional, onde informações geográficas referentes ao território brasileiro foram incluídas.

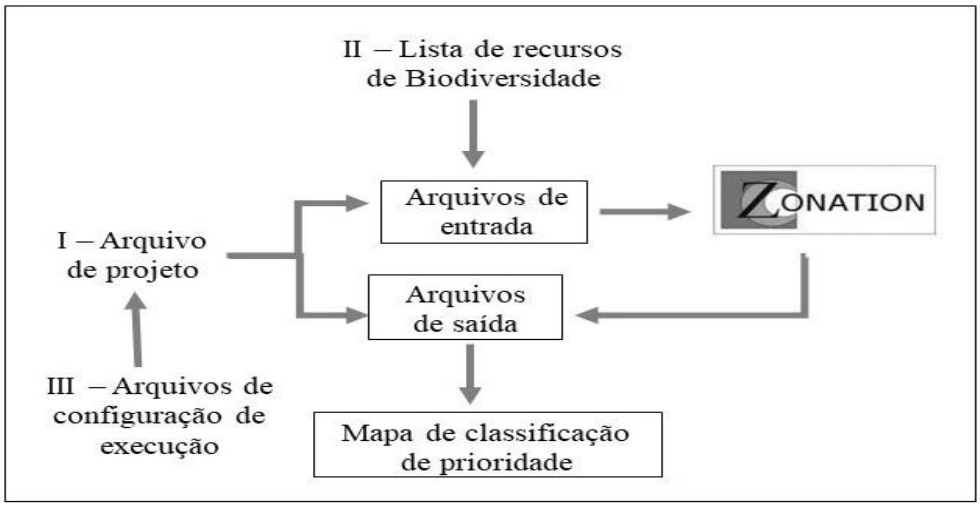


Fig.3. Resumo dos estágios de análises executadas no *Zonation* de acordo com Di Minin *et al*. (2014).

3.2 Análise em escala continental

Para a primeira análise foram utilizados mapas resultantes da modelagem de nicho ecológico de 14 espécies extintas, da megafauna quaternária sul americana. Foram incluídas as seguintes espécies: *Catonyx chiliensis*, *Catonyx cuvieri*, *Doedicurus clavicaudatus*, *Eremotherium laurillardi*, *Glossotherium robustum*, *Glyptodon clavipes*, *Holmesina occidentalis*, *Holmesina paulacoutoi*, *Lestodon armatus*, *Megatherium americanum*, *Mylodon darwini*, *Neosclerocalyptus paskoensis*, *Notiomastodon platensis* e *Pampatherium typus.*

A modelagem de nicho de cada espécie focal foi realizada previamente utilizando o *software Maxent* através de uma análise multitemporal, onde dados de ocorrências datados foram utilizados para gerar projeções com intervalos temporais a cada mil anos, partindo de 23 ka até o registro datado mais recente de cada espécie (Aragão *et al*., *in preparation*) e para todo continente sul americano. As modelagens de mil em mil anos foram adotadas como áreas potenciais de ocorrências para cada espécie em dado intervalo temporal. Um mapa com as médias dos mapas do potencial de ocorrência foi determinado para cada espécie. Esses mapas médios unificados foram considerados como representativo das melhores áreas de adequabilidade de cada espécie.

As resoluções padronizadas para os mapas com as modelagens de nicho para a América do sul podem ser observadas na tabela 1 a seguir:

Tabela 1
Resoluções dos mapas das modelagens.

Longitude (x)	0,042º
Latitude (y)	0,042º
xmin.	-81,58º
xmax.	-34,03º
ymin.	-57,13º
ymax	12,99º

3.3 Análise em escala regional

A segunda análise, com o objetivo de refinar o mapa final gerado pelo *Zonation*, considerou o resultado obtido na primeira análise a fim de se delimitar uma região geográfica mais restrita com potencial para ocorrência de uma maior diversidade de animais da megafauna no passado, mais próxima possível do centro atual onde essa pesquisa foi desenvolvida. Essa escolha se deu pela possibilidade de se testar a predição do modelo realizando saídas de campo otimizadas logisticamente.

Para essa segunda análise foram utilizados mapas com informações geográficas de maior resolução do Brasil, tal como registros de cavernas obtido do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas (CECAV); desníveis obtidos do banco de dados WorldClim e densidade rural retirado da *Socioeconomic Data and Applications Center* (SEDAC). Nessa etapa os mapas das espécies foram recortados para os limites do Brasil com o auxílio do *software R* usando a função *crop*, do pacote *raster*, de maneira que ficassem do mesmo tamanho dos demais mapas utilizados para refinar os resultados do *Zonation*. As resoluções padronizadas para esses mapas englobando toda região brasileira podem ser observadas na tabela 2. Seus limites foram definidos a partir do contorno do próprio mapa do Brasil (fonte extraída do IBGE). O mapa final foi gerado para o Brasil e em seguida foi feito um recorte para Sergipe

considerando os limites de -40° a -35° em longitude e -12° a -8° em latitude, mantendo a resolução de 0,042°, a fim de facilitar a visualização das melhores áreas potencialmente próximas ao nosso centro de pesquisas.

Tabela 2
Resoluções padronizadas englobando a região brasileira.

Longitude (x)	0,042º
Latitude (y)	0,042º
xmin.	-73,99º
xmax.	-34,03384º
ymin.	-33,76º
ymax	5,20º

Por fim, para comparar o padrão de distribuição observado no *Zonation* com as ocorrências que se tem registro, foi gerado um mapa com os pontos de ocorrências de todos os táxons estudados, a partir dos registros catalogados no *Paleobiology Database* (PBDB) e com filtrado restrito apenas para as ocorrências do Quaternário. Nessa etapa, foram baixadas todas as ocorrências das espécies, de maneira que foram plotados em um mapa único os pontos que indicam onde os fósseis foram encontrados. Desta forma, foi possível uma melhor visualização de áreas com maior predomínio de registros do grupo estudado.

3.4 Atribuição de pesos e interpretação dos mapas resultantes

Cada mapa teve peso específico atribuído (entre 1 e 5) referente ao grau de influência na definição de áreas prioritárias para a prospecção. Peso 1 corresponde a variáveis menos influentes até peso 5, a mais influente, seguindo a metodologia de Di Minin *et al.*, (2014). Desta forma os mapas das espécies foram classificados com peso 3, mapa de cavernas peso 5 e peso 4 para os mapas de desníveis e densidade rural.

A definição das áreas consideradas como sugestivas para prospecção e potencialmente fossilífera, foi feita a partir da análise do padrão de cores "*Classic Zonation*" disponível nas configurações do programa, as áreas do mapa com as cores rosa, vermelho escuro e vermelho claro, dentro da área estudada.

4. Resultados e discussão

A fig. 4 representa de maneira mais detalhada as etapas de análises feitas pelo *Zonation* com os arquivos utilizados como dados de input e as configurações de execução e classificação para análise.

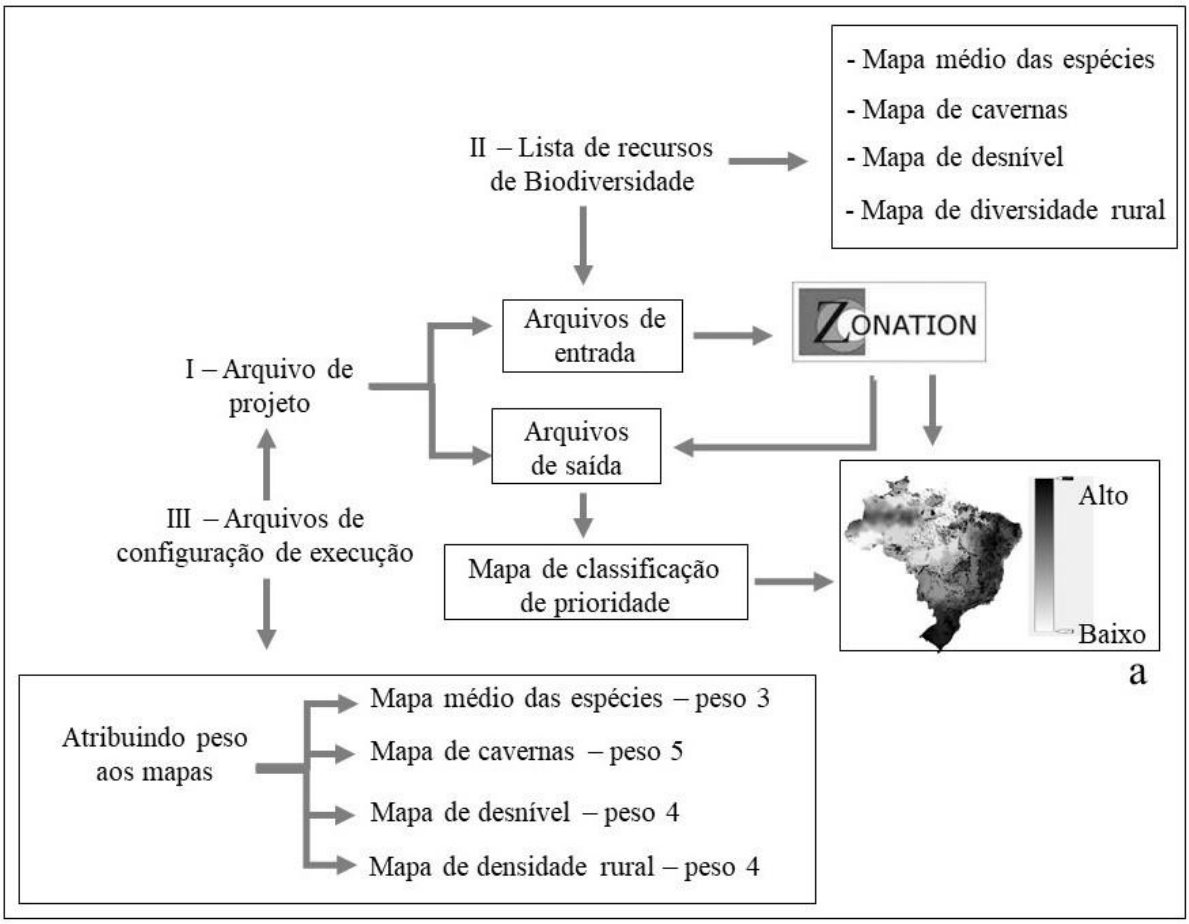


Fig.4. Fluxograma apresentando com mais detalhes as etapas de análises: Fase inicial contendo todos os arquivos de projeto (etapa I); arquivos utilizados como recursos de biodiversidade (etapa II); as configurações de execução e classificação de prioridade (etapa III); um exemplo de mapa de rank de priorização como resultado final (a) com um gradiente indicando que áreas com tons mais escuros (Alto) tem maior prioridade e áreas claras (Baixo) indicam áreas com menor prioridade.

4.1 Avaliação continental

A primeira análise feita a nível continental teve o objetivo de obter um aspecto geral de quais áreas o *Zonation* sugeriria com potencial fossilífero para a América do Sul utilizando apenas os mapas médios de adequabilidade da megafauna estudada. As áreas com cores mais próximas do vermelho claro, são as melhores regiões sugestivas como de grande potencial fossilífero (Fig. 3). Essas áreas indicariam regiões onde potencialmente poderíamos encontrar uma maior riqueza em termos de espécies fósseis herbívoras que poderiam ter co-ocorrido no passado. Observando o mapa pode-se verificar três principais áreas: (i) parte da região Nordeste do Brasil (Fig. 3a); (ii) região mais ao Sul do continente, compreendendo os países Uruguai e Argentina e Sul do Brasil (Fig. 3b); e (iii) a região mais noroeste do continente, na atual Venezuela/Colômbia (Fig. 3c). Esse resultado corrobora com trabalhos publicados que fizeram levantamentos de ocorrências na América do Sul e que confirmam a existência de abundância e riqueza de fósseis nessas três regiões (Domingo *et al*., 2012; Gallo *et al*., 2013; França *et al*., 2014b; Dantas *et al*., 2017).

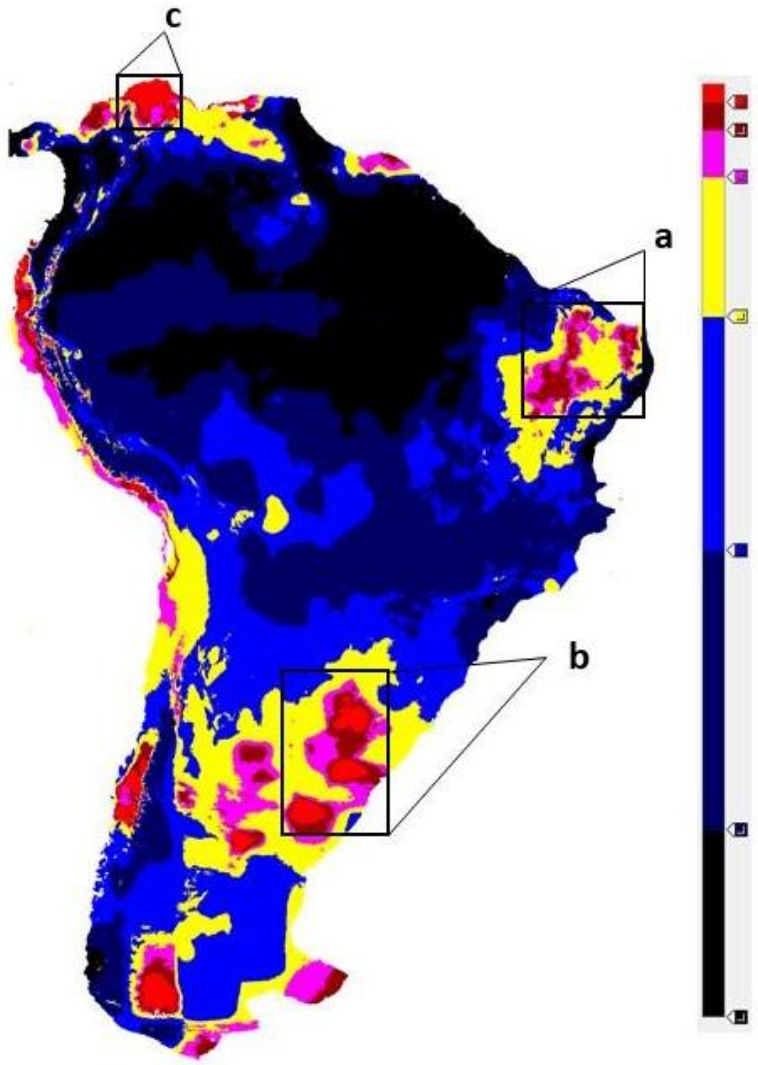


Fig.3. Mapa gerado pelo *software Zonation* para a América do Sul, considerando as 14 espécies listadas na seção Material e Métodos. A escala de cores indica que as áreas mais próximas da cor vermelho claro são as consideradas áreas quentes com maior probabilidade de ocorrência de fósseis e as áreas mais próximas da cor preta as áreas menos sugestivas. a- Nordeste do Brasil, b- Região Sul do continente compreendendo os países Uruguai e Argentina e Sul do Brasil, c- Região Noroeste do Continente.

Além das três áreas destacadas acima, na região mais ao Noroeste do continente, ocupando uma pequena área do Equador e do Peru, é possível identificar uma área vermelha indicando que também seria uma área com possibilidade de encontrar alta riqueza fossilífera. É conhecido na literatura trabalhos que estudam a megafauna nesses países como Ficarelli *et al*., 2003; Coltorti *et al*.,1998; Lindsay *et al*., 2020; Villavicencio e Werdelin, 2018; Rozas-Davila *et al*., 2016. O Chile também apresentou uma pequena região mais ao Sul do país, favorável para fósseis da megafauna e essa região coincide com o GT3 (*Generalized track*) proposto por Gallo *et al*., 2013. Neste trabalho, os autores estudaram registros de ocorrência de 27 espécies da megafauna com registros pela América do Sul e propõem trilhas generalizadas formadas a partir de vários registros de ocorrências que se sobrepõem (Fig .4). Além dessa área no Chile, as regiões **a** e **b** da figura 3 correspondem com os GTs 6 e 4 respectivamente, como é possível verificar na figura abaixo.

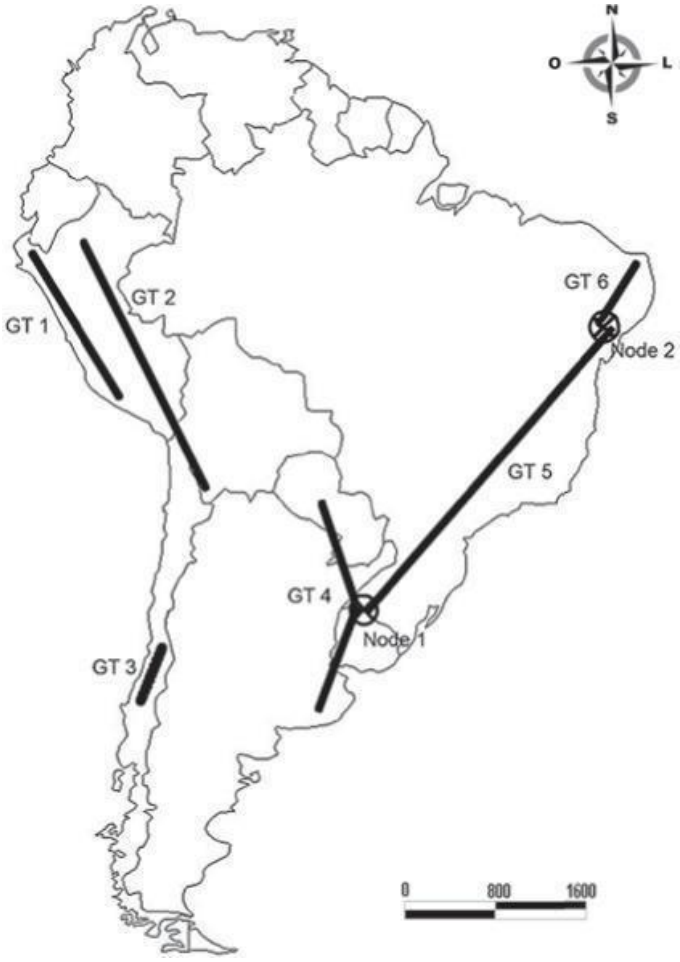


Fig.4. Trilhas e nós generalizados. GT3, GT4 e GT6 correspondem com algumas áreas resultantes. Fonte: Gallo *et al*., 2013.

Foi gerado um mapa no *Paleobiology Database* (PBDB) com pontos de ocorrências de todos os táxons estudados filtrados para o Quaternário, unificados em um mapa (Fig. 5), para comparar o padrão de distribuição observado neste mapa com o padrão obtido pelo *Zonation*.

Comparando os dois mapas, podemos observar que as áreas a e b da Figura 3, apresentam áreas semelhantes ao que pode ser observado nessas regiões correspondentes da Figura 5. Na Figura 5 é possível observar um "corredor" de ocorrências iniciando onde seria o Uruguai, passando pela Argentina e indo em direção ao Peru. Esse mesmo corredor é observado na Figura 3, mas com um padrão de cores diferentes e não apenas o vermelho menos intenso que indicaria que que toda a área seria potencialmente rica em fósseis, como as ocorrências registradas e observadas na Figura 5. O padrão das cores amarelo, rosa, vermelho escuro e vermelho claro estão presentes nesse corredor e na escala de cores do *Zonation* elas indicam que poderiam ser áreas com registro fóssil, amarelo e rosa apenas com menor possibilidade.

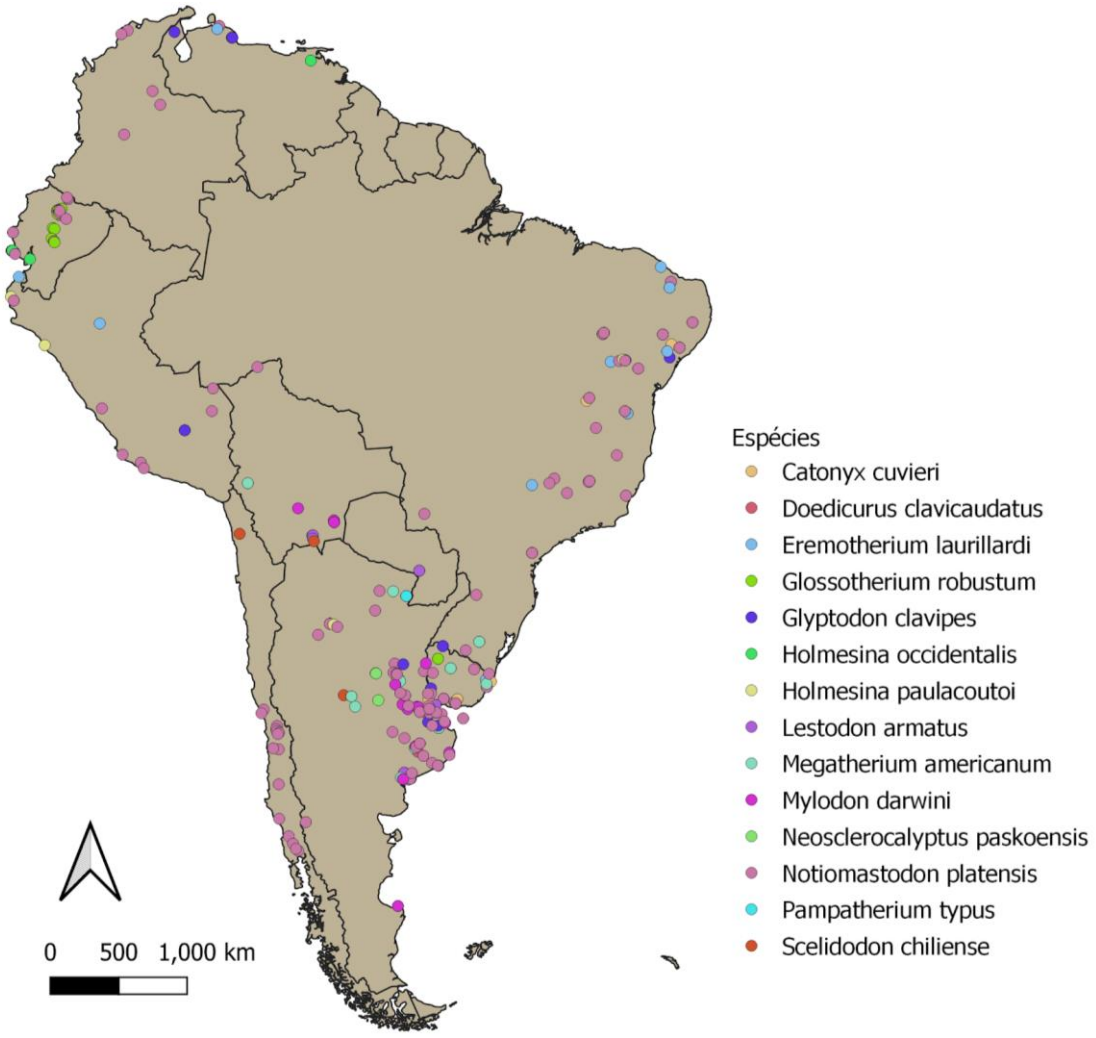


Fig.5. Mapa com todos os táxons estudados, de acordo com as ocorrências do *Paleobiology Database*. Link do PBDB onde foi feito o download das ocorrências fossilíferas para elaboração do mapa: https://paleobiodb.org/data1.2/occs/list.csv?base_name=Catonyx chiliensis, Catonyx cuvieri, Doedicurus clavicaudatus, Eremotherium laurillardi, Glossotherium robustum, Glyptodon clavipes, Holmesina occidentalis, Holmesina paulacoutoi, Lestodon armatus, Megatherium americanum, Mylodon darwini, Neosclerocalyptus paskoensis, Notiomastodon platensis, Pampatherium typus&show=coords,acconly - baixado em 24/10/2020.

O *Paleobiology Database* é um banco de dados alimentado de acordo com registros de ocorrência disponíveis na literatura, de maneira que a distribuição é apresentada com pontos representando os locais onde o fóssil foi encontrado. Já o *Zonation* apresenta as melhores áreas com um padrão de escalas de cores estimando uma área mais abrangente, diferente de locais exatos de ocorrência. Os mapas das espécies estudadas que foram utilizados no *Zonation*, não foram gerados apenas com as ocorrências das espécies, mas também dados climáticos do período estudado. O *Zonation* gerou um mapa apresentando um ranking estatístico de áreas que seriam favoráveis de acordo com as ocorrências e projeções de nicho climático, correspondendo a uma análise mais robusta do que apenas uma sobreposição dos registros de ocorrência.

No Brasil, a região da Amazônia também é uma área conhecida com ocorrência de fósseis da megafauna (Paula Couto, 1983; Rancy, 1991; Rossetti *et al*., 2004; Nascimento, 2008) e o mapa gerado não apontou a Amazônia como sendo uma área prioritária para busca de material fossilífero. Isso pode ser explicado pelo fato de que a maior parte das 14 espécies selecionadas para a modelagem não apresentaram a Amazônia como sendo uma área de alta adequabilidade para sua existência. Como o *Zonation* sobrepõem e prioriza as regiões mais adequadas para o

conjunto de todas as espécies consideradas, mesmo que algumas de fato ocorram na Amazônia, o programa só indicará as regiões onde potencialmente praticamente todas as espécies possam ocorrer conjuntamente. Esse resultado pode ser incrementado fazendo uma análise específica com espécies fósseis e mapas com características físicas, geográficas e sociais próprias da região amazônica, por exemplo.

O mapa do PBDB (Fig. 5), assim como o mapa gerado pelo *software*, não indicou que a região Amazônica é uma região onde há ocorrência dos fósseis selecionados para este estudo. Esse fato pode ser justificado por uma composição faunística distinta daquela escolhida para análise no presente trabalho.

4.2 Avaliação regional

Sergipe é um dos estados que compõem a região Nordeste do Brasil, com grande potencial fossilífero e foi a área selecionada para realizar a segunda análise. O resultado dessa análise foi considerado muito positivo, pois é possível observar no recorte do mapa que as áreas do Noroeste (Fig. 6a) e Oeste (Fig. 6b) do estado representadas principalmente pelos municípios de Poço Redondo e Simão Dias, respectivamente, são áreas sugestivas para prospecção de fósseis e esse resultado combina com os dados disponíveis na literatura (Dantas *et al*., 2005; Dantas, 2009; França *et al*., 2011; Dantas, 2010; Dantas, 2012).

A região Noroeste do estado resultante como área sugestiva (Fig. 5a) compreende os municípios de Canindé do São Francisco, Poço Redondo, Porto da Folha e Monte Alegre. Desses municípios há registros de megafauna apenas em tanques dos municípios de Poço Redondo e Monte Alegre. Esses registros são representados pelas espécies *Eremotherium laurillardi*, *Notiomastodon platensis*, *Catonyx cuvieri*, *Palaeolama major*, *Toxodon platensis*, *Smilodon populator* e *Pachyarmatherium* sp. (França *et al*., 2011). A área identificada como 6b é equivalente às regiões dos municípios de Simão Dias, Lagarto, São Domingos, Riachão do Dantas e Tobias Barreto. Dessa área, há registro de megafauna apenas em uma caverna em Simão Dias, onde foi encontrado fósseis de *Glyptodon clavipes* e de um roedor da espécie *Galea spixii*, mas este último não é considerado representante da megafauna (França *et al*., 2011). Sendo assim, não podemos considerar que a área 6b apresenta uma alta riqueza da megafauna, visto que há registros de apenas uma espécie e em uma localidade, diferente da área 5a onde há mais espécies, além de um maior número de localidades em cada município correspondente. O direcionamento de mais buscas para essa região seria encorajado, com potencial para achados fósseis de mais espécies.

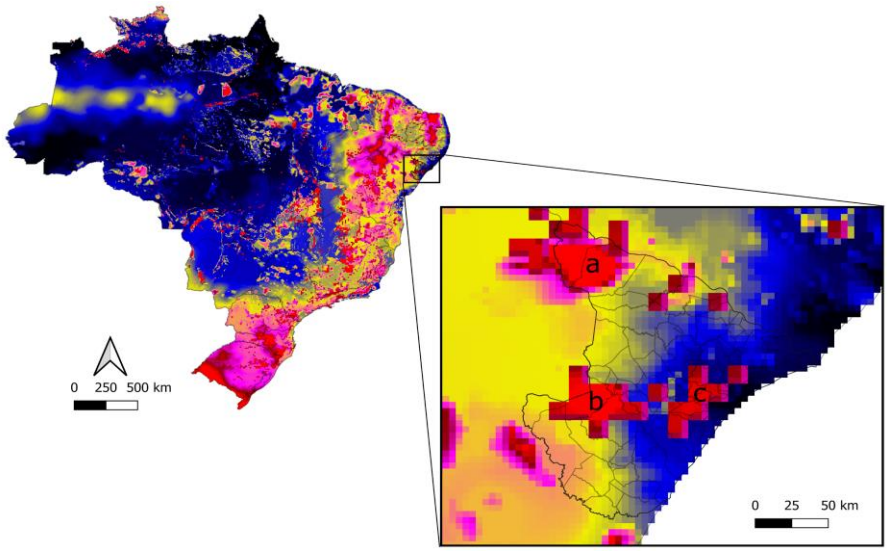


Fig.6. Recorte do mapa regional com destaque para o estado de Sergipe. As áreas com tons na cor vermelho vivo, são as áreas sugestivas para prospecção no estado. a- Região Noroeste, b- Região Oeste, c- Região Centro-Leste.

É importante destacar também a área compreendida pela região Centro-Leste de Sergipe (Fig. 6c) formada principalmente pelos municípios de Riachuelo, Laranjeiras, Maruim, Rosário do Catete e Nossa Senhora do Socorro e que resultou em uma área potencial para prospecção. Esses municípios são comumente conhecidos pela grande diversidade de animais invertebrados marinhos do período Cretáceo (Bengtson *et al*., 2018; Franco-Neto, 2018; Manso e Souza-lima, 2012), havendo apenas um registro de megafauna no município de Laranjeiras (Ver Omena *et al*., 2020).

Dessa forma, tal região seria sugestiva para prospecções futuras, como possível nova área com registros paleontológicos. Essa nova área pode ser utilizada como principal área para validar o uso deste *Software* e que faz parte das perspectivas futuras dessa pesquisa, bem como acréscimo de mapas geomorfológicos específicos para o estado.

Essa é uma região onde sabe-se que há muitas cavernas, catalogadas no Cadastro Nacional de Cavernas do Brasil. O município de Laranjeiras é o que apresenta um maior número de cavernas catalogadas (total de 15) esse seria um bom município para iniciar a busca por fósseis da megafauna nessa nova área sugerida pelo *Zonation*, considerando também o registro que é conhecido.

O recorte do mapa final foi feito para o estado de Sergipe por ser um estado conhecido como de grande potencial fossilífero e por ser uma região próxima de onde esse trabalho foi desenvolvido, facilitando o uso desse resultado para realização de saídas a campo em perspectivas futuras.

5. Conclusão

As duas análises propostas neste artigo apresentaram resultados positivos e consideráveis quando comparados com registros de ocorrências encontrados na literatura. Na primeira análise feita em escala continental, foram utilizados apenas mapas com áreas mais adequadas para as espécies estudadas, a fim de verificar esse primeiro resultado comparando com os trabalhos já publicados. Já na segunda análise feita em escala regional com maior atenção para o estado de Sergipe, além desses mapas das espécies, foram utilizados mapas geográficos do Brasil. Nesta última etapa o foco principal foram esses mapas geográficos com características que influenciam no encontro de possíveis áreas paleontológicas. Ao determinar quais áreas seriam sugestivas para prospecção de fósseis a partir do mapa gerado pelo *Zonation*, verificamos se são áreas já conhecidas com ocorrência de fóssil. Foi observado também sugestões com novas possíveis áreas para prospecção, nesse caso, foram analisadas características favoráveis para encontrar megafauna visto que é uma área com grande potencial paleontológico, mas não há na literatura registros desse grupo de grandes mamíferos para a região.

Vale destacar no resultado da escala continental, a região Amazônica que apesar de ser uma área com registros de megafauna, não foi sugerida no mapa final do *software*. Esse resultado pode ter sido influenciado pelos mapas médios utilizados, onde a maioria das espécies também não apresentaram essa área como adequada para sobrevivência, o que pode ser aperfeiçoado com o acréscimo de mais registros das espécies já estudadas, bem como acréscimo de outras espécies fósseis deste e de outros grupos extintos.

Na análise regional foi observado uma nova área com potencial fossilífero formada por municípios de Sergipe em que há poucos registros de megafauna (Fig. 6c). Nessa etapa de análise em que foram utilizados mapas geográficos do Brasil, um desses mapas foi o de ocorrência de cavernas no país. De acordo com o banco de dados do Cadastro Nacional de Cavernas do Brasil (CNC) há cavernas catalogadas nos municípios desse estado, o que pode ter influenciado o *Zonation* a determinar essa região como potencialmente fossilífera. Considerando que de modo geral há registros de megafauna também em cavernas, pode ser uma

boa área sugestiva para prospecção e verificar a possibilidade de ocorrência de novo afloramento paleontológico.

Diante dos resultados obtidos, podemos considerar o *Zonation* como uma metodologia de alto potencial para determinar áreas com prospecção de fósseis, visto que as áreas resultantes corroboram com as localidades já conhecidas em que há registros de fósseis. A incorporação de mapas com um maior refinamento de dados geomorfológicos do estado e a realização de saída de campo para testar e validar este *software* potencialmente enriquecedoras para a aplicação da metodologia proposta.

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Geociências e Análises de Bacias (PGAB) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde essa pesquisa foi desenvolvida. Agradecemos também a Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC-SE) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), órgãos de financiamento da bolsa cedida para a autora.

Referências

Angelieri, C.C.S., Adams-Hosking, C., Paschoaletto, K.M., De Barros Ferraz, M., De Souza, M.P., McAlpine, C.A., 2016. Using species distribution models to predict potential landscape restoration effects on puma conservation. PLoS One 11, 1–18. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0145232

Araújo-Júnior, H.I. de, Porpino, K. de O., Ximenes, C.L., Bergqvist, L.P., 2013. Unveiling the taphonomy of elusive natural tank deposits: A study case in the Pleistocene of northeastern Brazil. Palaeogeogr. Palaeoclimatol. Palaeoecol. 378, 52–74. https://doi.org/10.1016/j.palaeo.2013.04.001

Barnosky, A.D., Koch, P.L., Feranec, R.S., Wing, S.L., Shabel, A.B., 2004. Assessing the causes of late pleistocene extinctions on the continents. Science (80-.). 306, 70–75. https://doi.org/10.1126/science.1101476

Bengtson, P., Zucon, M.H., Sobral, A. da C.S., 2018. Cretaceous ammonite zonation of the Sergipe Basin, northeastern Brazil. Cretac. Res. 88, 111–122. https://doi.org/10.1016/j.cretres.2017.07.021

Borrero, L.A., 2009. The Elusive Evidence: The Archeological Record of the South American Extinct Megafauna. Vertebr. Paleobiol. Paleoanthropology 145–168. https://doi.org/10.1007/978-1-4020-8793-6_8

Brum, F.T., Graham, C.H., Costa, G.C., Hedges, S.B., Penone, C., Radeloff, V.C., Rondinini, C., Loyola, R., Davidson, A.D., 2017. Global priorities for conservation across multiple dimensions of mammalian diversity. Proc. Natl. Acad. Sci. U. S. A. 114, 7641–7646. https://doi.org/10.1073/pnas.1706461114

Buckley, M., 2015. Ancient collagen reveals evolutionary history of the endemic south american ‘ungulates.’ Proc. R. Soc. B Biol. Sci. 282. https://doi.org/10.1098/rspb.2014.2671

Cadastro Nacional de Cavernas do Brasil (CNC). http://cnc.cavernas.org.br/cnc/Regions.aspx#

Cartelle, C., 1999. Pleistocene mammals of the Cerrado and Caatinga of Brazil, in: Mammals of the Neotropics: The Central Neotropics: Ecuador, Peru, Bolivia, Brazil. pp. 27–46.

Cione, A.L., Tonni, E.P., Soibelzon, L., 2009. Did Humans Cause the Late Pleistocene-Early Holocene Mammalian Extinctions in South America in a Context of Shrinking Open Areas? Vertebr. Paleobiol. Paleoanthropology 125–144. https://doi.org/10.1007/978-1-4020-8793-6_7

Coltorti, M., Ficcarelli, G., Jahren, H., Espinosa, M.M., Rook, L., Torre, D., 1998. The last occurrence of Pleistocene megafauna in the Ecuadorian Andes. J. South Am. Earth Sci. 11, 581–586. https://doi.org/10.1016/S0895-9811(98)00037-6

Coltorti, M., Pieruccini, P., Paredes, F.R., 2010. Late Pleistocene stratigraphy, sedimentology and paleoenvironmental evolution of the Tarija-Padcaya basin (Bolivian Andes). Proc. Geol. Assoc. 121, 162–179. https://doi.org/10.1016/j.pgeola.2010.04.002

Dantas, M., 2009. Primeiro registro de fósseis de mamíferos pleistocênicos em caverna de Sergipe, Brasil. Rev. Bras. Paleontol. 12, 161–164. https://doi.org/10.4072/rbp.2009.2.06

Dantas, M.A.T., 2012. Contribuição Ao Conhecimento Da Megafauna Pleistocênica Da Região Intertropical Brasileira. Tese Doutorado 103.

Dantas, M.A.T., 2010. MEGAFAUNA PLEISTOCÊNICA DA FAZENDA CHARCO, POÇO REDONDO, SERGIPE – INTERPRETAÇÕES PALEOAMBIENTAIS. Diss. Mestr. 61.

Dantas, M.A.T., Cherkinsky, A., Bocherens, H., Drefahl, M., Bernardes, C., França, L. de M., 2017. Isotopic paleoecology of the Pleistocene megamammals from the Brazilian Intertropical Region: Feeding ecology (δ13C), niche breadth and overlap. Quat. Sci. Rev. 170, 152–163. https://doi.org/10.1016/j.quascirev.2017.06.030

Dantas, M.A.T., Cozzuol, M.A., 2016. Marine Isotope Stage 3 in Southern South America, 60 KA B.P.-30 KA B.P. Mar. Isot. Stage 3 South. South Am. 60 KA B.P.-30 KA B.P. 3, 207–226. https://doi.org/10.1007/978-3-319-40000-6

Dantas, M.A.T., Dutra, R.P., Cherkinsky, A., Fortier, D.C., Kamino, L.H.Y., Cozzuol, M.A., Ribeiro, A. de S., Vieira, F.S., 2013. Paleoecology and radiocarbon dating of the Pleistocene megafauna of the Brazilian Intertropical Region. Quat. Res. (United States) 79, 61–65. https://doi.org/10.1016/j.yqres.2012.09.006

Dantas, M.A.T., Zucon, M.H., Ribeiro, A.M., 2005. Megafauna pleistocênica da Fazenda Elefante, Gararu, Sergipe, Brasil. Geociencias 24, 277–287.

Di Minin, E., Macmillan, D.C., Goodman, P.S., Escott, B., Slotow, R., Moilanen, A., 2013. Conservation businesses and conservation planning in a biological diversity hotspot. Conserv. Biol. 27, 808–820. https://doi.org/10.1111/cobi.12048

Di Minin, E., Moilanen, A., 2012. Empirical evidence for reduced protection levels across biodiversity features from target-based conservation planning. Biol. Conserv. 153, 187–191. https://doi.org/10.1016/j.biocon.2012.04.015

Di Minin, E., Veach, V., Lehtomäki, J., Pouzols, F.M., Moilanen, A., 2014. A quick introduction to Zonation. Version 1 (for Zv4). User Manual.

Domingo, L., Prado, J.L., Alberdi, M.T., 2012. The effect of paleoecology and

paleobiogeography on stable isotopes of Quaternary mammals from South America. Quat. Sci. Rev. 55, 103–113. https://doi.org/10.1016/j.quascirev.2012.08.017

Doughty, C.E., Faurby, S., Svenning, J.C., 2016. The impact of the megafauna extinctions on savanna woody cover in South America. Ecography (Cop.). 39, 213–222. https://doi.org/10.1111/ecog.01593

Ficcarelli, G., Coltorti, M., Moreno-Espinosa, M., Pieruccini, P.L., Rook, L., Torre, D., 2003. A model for the Holocene extinction of the mammal megafauna in Ecuador. J. South Am. Earth Sci. 15, 835–845. https://doi.org/10.1016/S0895-9811(02)00145-1

França, L. de M., Dantas, M.A.T., Zucon, M.H., Cozzuol, M.A., 2011. MEGAFAUNA DO PLEISTOCENO FINAL DA FAZENDA SÃO JOSÉ, POÇO REDONDO, SERGIPE, BRASIL 21, 95–104.

França, L. de M., Fortier, D.C., Bocchiglieri, A., Trindade Dantas, M.A., Liparini, A., Cherkinsky, A., de Souza Ribeiro, A., 2014a. Radiocarbon dating and stable isotopes analyses of Caiman latirostris (Daudin, 1801) (Crocodylia, Alligatoridae) from the late Pleistocene of Northeastern Brazil, with comments on spatial distribution of the species. Quat. Int. 352, 159–163. https://doi.org/10.1016/j.quaint.2014.06.046

França, L. de M., Trindade Dantas, M.A., Bocchiglieri, A., Cherckinsky, A., de Souza Ribeiro, A., Bocherens, H., 2014b. Chronology and ancient feeding ecology of two upper Pleistocene megamammals from the Brazilian Intertropical Region. Quat. Sci. Rev. 99, 78–83. https://doi.org/10.1016/j.quascirev.2014.04.028

Franco-Neto, E., 2018. EMMANUEL FRANCO NETO Paleontologia e Paleoecologia dos moluscos biválvios da localidade Pedro Gonçalves , Formação Cotinguiba , Bacia de Sergipe Paleontologia e Paleoecologia dos moluscos biválvios da localidade Pedro Gonçalves , Formação Cotinguiba , Bac. Monografia 60.

Gallo, V., Avilla, L.S., Pereira, R.C.L., Absolon, B.A., 2013. Distributional patterns of herbivore megamammals during the late Pleistocene of South America. An. Acad. Bras. Cienc. 85, 533–546. https://doi.org/10.1590/S0001-37652013000200005

Hansen, D.M., Galetti, M., 2009. The Forgotten Megafauna. Science (80-.). 324, 42–43. https://doi.org/10.1126/science.1172393

Iannella, M., D'Alessandro, P., Longo, S., Biondi, M., 2019. New records and potential distribution by ecological niche modeling of Monoxia Obesula in the mediterranean area. Bull. Insectology 72, 135–133.

Kukkala, A.S., Moilanen, A., 2017. Ecosystem services and connectivity in spatial conservation prioritization. Landsc. Ecol. 32, 5–14. https://doi.org/10.1007/s10980-016-0446-y

Lehtomäki, J., Moilanen, A., 2013. Methods and workflow for spatial conservation prioritization using Zonation. Environ. Model. Softw. 47, 128–137. https://doi.org/10.1016/j.envsoft.2013.05.001

Lima-Ribeiro, M.S., Diniz-Filho, J.A.F., 2013. Modelos Ecológicos e a Extinção da Megafauna: Clima e Homem na América do Sul, Journal of Visual Languages & Computing.

Lindsey, E.L., Lopez Reyes, E.X., Matzke, G.E., Rice, K.A., McDonald, H.G., 2020. A monodominant late-Pleistocene megafauna locality from Santa Elena, Ecuador: Insight on the biology and behavior of giant ground sloths. Palaeogeogr. Palaeoclimatol. Palaeoecol. 544, 109599. https://doi.org/10.1016/j.palaeo.2020.109599

Lucas, S.G., Yuan, W., Min, L., 2013. The palaeobiogeography of South American gomphotheres. J. Palaeogeogr. 2, 19–40. https://doi.org/10.3724/SP.J.1261.2013.00015

Manso, C.L.D.C., Souza-lima, W., 2012. Novos Equinoides para o intervalo Aptiniano-Albiano (Cretáceo Inferior) da Sub-Bacia de Sergipe, Nordeste do Brasil. Geociências 31, 584–605.

Manzuetti, A., Perea, D., Ubilla, M., Rinderknecht, A., 2018. First record of Smilodon fatalis Leidy, 1868 (Felidae, Machairodontinae) in the extra-Andean region of South America (late Pleistocene, Sopas Formation), Uruguay: Taxonomic and paleobiogeographic implications. Quat. Sci. Rev. 180, 57–62. https://doi.org/10.1016/j.quascirev.2017.11.024

Martínez, G., Gutiérrez, M.A., Tonni, E.P., 2012. Paleoenvironments and faunal extinctions: Analysis of the archaeological assemblages at the Paso Otero locality (Argentina) during the Late Pleistocene-Early Holocene. Quat. Int. 299, 53–63. https://doi.org/10.1016/j.quaint.2012.08.2103

Merow, C., Smith, M.J., Silander, J.A., 2013. A practical guide to MaxEnt for modeling species' distributions: What it does, and why inputs and settings matter. Ecography (Cop.). 36, 1058–1069. https://doi.org/10.1111/j.1600-0587.2013.07872.x

Moilanen, A., Anderson, B.J., Eigenbrod, F., Heinemeyer, A., Roy, D.B., Gillings, S., Armsworth, P.R., Gaston, K.J., Thomas, C.D., 2011. Balancing alternative land uses in conservation prioritization. Ecol. Appl. 21, 1419–1426. https://doi.org/10.1890/10-1865.1

Moilanen, A., Leathwick, J., Elith, J., 2008. A method for spatial freshwater conservation prioritization. Freshw. Biol. 53, 577–592. https://doi.org/10.1111/j.1365-2427.2007.01906.x

Moreno, A.K.M., Lima-Ribeiro, M.S., 2015. Ecological niche models, fossil record and the multi-temporal calibration for Panthera onca (Linnaeus, 1758) (Mammalia: Felidae). Brazilian J. Biol. Sci. 2, 309–319. https://doi.org/10.1212/WNL.36.1.134-a

Mothé, D., Aguanta, W.F., Belatto, S.L., Avilla, L., 2017. First record of notiomastodon platensis (Mammalia, proboscidea) from Bolivia. Rev. Bras. Paleontol. 20, 149–152. https://doi.org/10.4072/rbp.2017.1.12

Nascimento, E.R. do, 2008. Os Xenarthra Pilosa (Megatheriidae), Notoungulata(Toxodontidae) e Proboscidea (Gomphotheriidae) da formação Rio Madeira, Pleistoceno Superior, Estado de Rondônia, Brasil. (Tesis M. Sc). 113 P.

Nobre, P.H., Carvalho, I de S. Fósseis: Coleta e métodos de estudo. in: Carvalo, I. de S (Org.) Paleontologia: Conceitos e Métodos. Rio de Janeiro: Interciência, 2010. 397-410.

Oliveira, É., Pereira, J., 2009. Intertropical cingulates (Mammalia, Xenarthra) from the Quaternary of Southern Brazil: Systematics and paleobiogeographical aspects. Rev. Bras. Paleontol. 12, 167–178. https://doi.org/10.4072/rbp.2009.3.01

Omena, É. C.; Silva, J. L. L. Da; Sial, A. N.; Cherkinsky, A.; Dantas, M. A. T., 2020. Late Pleistocene meso-megaherbivores from Brazilian Intertropical Region: isotopic diet (δ 13C), niche differentiation, guilds and paleoenvironmental reconstruction (δ 13C, δ 18O). **Historical Biology**, v. 00, n. 00, p. 1–6.

Paula-Couto, C., 1983. Fossil mammals from the Cenozoic of Acre, Brazil. Iheringia - Ser. Geol. 8, 101–120.

Pitana, V.G., Ribeiro, A.M., 2007. Novos materiais de Propraopus Ameghino, 1881 (Mammalia, Xenarthra, Cingulata) do Pleistoceno final, Rio Grande do Sul, Brasil. Novos Mater. Propraopus Ameghino, 1881 (Mammalia, Xenarthra, Cingulata) do Pleistoceno Final. Rio Gd. do Sul, Bras. 3, 60–67. https://doi.org/10.4013/5866

Prado, J.L., Martinez-Maza, C., Alberdi, M.T., 2015. Megafauna extinction in South America: A new chronology for the Argentine Pampas. Palaeogeogr. Palaeoclimatol. Palaeoecol. 425, 41–49. https://doi.org/10.1016/j.palaeo.2015.02.026

Rancy, A., 1991. Pleistocene mammals and paleoecology of the western Amazon /. Pleistocene Mamm. Paleoecol. West. Amaz. https://doi.org/10.5962/bhl.title.109324

Roberts, R.G., Flannery, T.F., Ayliffe, L.K., Yoshida, H., Olley, J.M., Prideaux, G.J., Laslett, G.M., Baynes, A., Smith, M.A., Jones, R., Smith, B.L., 2001. New ages for the last Australian megafauna: Continent-wide extinction about 46,000 years ago. Science (80-.). 292, 1888–1892. https://doi.org/10.1126/science.1060264

Rossetti, D. de F., Toledo, P.M. de, Moraes-Santos, H.M., Santos Júnior, A.E. de A., 2004. Reconstructing habitats in central Amazonia using megafauna, sedimentology, radiocarbon, and isotope analyses. Quat. Res. 61, 289–300. https://doi.org/10.1016/j.yqres.2004.02.010

Rozas-Davila, A., Valencia, B.G., Bush, M.B., 2016. The functional extinction of Andean megafauna. Ecology 97, 2533–2539. https://doi.org/10.1002/ecy.1531

Sandom, C., Faurby, S., Sandel, B., Svenning, J.C., 2014. Global late Quaternary megafauna extinctions linked to humans, not climate change. Proc. R. Soc. B Biol. Sci. 281. https://doi.org/10.1098/rspb.2013.3254

Santangeli, A., Girardello, M., Buechley, E., Botha, A., Minin, E. Di, Moilanen, A., 2019. Priority areas for conservation of Old World vultures. Conserv. Biol. 33, 1056–1065. https://doi.org/10.1111/cobi.13282

Saunders, S.P., Michel, N.L., Bateman, B.L., Wilsey, C.B., Dale, K., LeBaron, G.S., Langham, G.M., 2020. Community science validates climate suitability projections from ecological niche modeling. Ecol. Appl. 30, 1–17. https://doi.org/10.1002/eap.2128

Scanferla, A., Bonini, R., Pomi, L., Fucks, E., Molinari, A., 2013. New Late Pleistocene megafaunal assemblage with well-supported chronology from the Pampas of southern South America. Quat. Int. 305, 97–103. https://doi.org/10.1016/j.quaint.2012.08.005

Scherer, C., Pitana, V., Ribeiro, A.M., 2009. Proterotheriidae and Macraucheniidae (Litopterna, Mammalia) from the Pleistocene of Rio Grande do Sul State, Brazil. Rev. Bras. Paleontol. 12, 231–246. https://doi.org/10.4072/rbp.2009.3.06

Stuart, A.J., 2014. Late Quaternary megafaunal extinctions on the continents: a short review. Geol. J. https://doi.org/10.1002/gj

Stuart, A.J., Lister, A.M., 2012. Extinction chronology of the woolly rhinoceros Coelodonta antiquitatis in the context of late Quaternary megafaunal extinctions in northern Eurasia. Quat. Sci. Rev. 51, 1–17. https://doi.org/10.1016/j.quascirev.2012.06.007

Tognelli, M.F., Abba, A.M., Bender, J.B., Seitz, V.P., 2011. Assessing conservation priorities of xenarthrans in Argentina. Biodivers. Conserv. 20, 141–151. https://doi.org/10.1007/s10531-010-9951-5

Tonni, E.P., Soibelzon, E., Cione, A.L., Carlini, A.A., Scillato Yané, G.J., Zurita, A.E., Ríos, F.P., 2009. Preliminar correlation of the Pleistocene sequences of the Tarija valley (Bolivia) with the Pampean chronological standard. Quat. Int. 210, 57–65. https://doi.org/10.1016/j.quaint.2009.06.015

Ubilla, M., 2004. Mammalian biostratigraphy of Pleistocene fluvial deposits in northern Uruguay, South America. Proc. Geol. Assoc. 115, 347–357. https://doi.org/10.1016/S0016-7878(04)80014-2

Ubilla, M., Perea, D., Aguilar, C.G., Lorenzo, N., 2004. Late Pleistocene vertebrates from northern Uruguay: Tools for biostratigraphic, climatic and environmental reconstruction. Quat. Int. 114, 129–142. https://doi.org/10.1016/S1040-6182(03)00048-X

Varela, S., Lobo, J.M., Hortal, J., 2011. Using species distribution models in paleobiogeography: A matter of data, predictors and concepts. Palaeogeogr. Palaeoclimatol. Palaeoecol. 310, 451–463. https://doi.org/10.1016/j.palaeo.2011.07.021

Varela, L., Tambusso, P. S., Patiño, S. J., Di Giacomo, M., & Fariña, R. A. (2017). Potential Distribution of Fossil Xenarthrans in South America during the Late Pleistocene: co-Occurrence and Provincialism. *Journal of Mammalian Evolution*, *25*(4), 539–550. https://doi.org/10.1007/s10914-017-9406-9

Villavicencio, N.A., Werdelin, L., 2018. The Casa del Diablo cave (Puno, Peru) and the late Pleistocene demise of megafauna in the Andean Altiplano. Quat. Sci. Rev. 195, 21–31. https://doi.org/10.1016/j.quascirev.2018.07.013

Warren, D.L., Seifert, S.N., 2011. Warren_et_al-2011-Ecological_Applications. Ecol. Appl. 21, 335–342.

Williams, J.W., Kharouba, H.M., Veloz, S., Vellend, M., Mclachlan, J., Liu, Z., Otto-Bliesner, B., He, F., 2012. The ice age ecologist: Testing methods for reserve prioritization during the last global warming. Glob. Ecol. Biogeogr. 22, 289–301. https://doi.org/10.1111/j.1466-8238.2012.00760.x

Zamorano, M., Oliva, C., 2020. Restos de †Panochthus Burmeister (Xenarthra; Cingulata; Glyptodontidae) registrados en áreas de altura: descripción y comentarios. Rev. del Mus. La Plata 5, 411–422.

Zurita, A.E., Miño-Boilini, Á.R., Soibelzon, E., Carlini, A.A., Ríos, F.P., 2009. The diversity of Glyptodontidae (Xenarthra, Cingulata) in the Tarija Valley Bolivia systematic, biostratigraphic and paleobiogeographic aspects of a particular assemblage. Neues Jahrb.

fur Geol. und Palaontologie - Abhandlungen 251, 225–237.
https://doi.org/10.1127/0077-7749/2009/0251-0225

CAPÍTULO 4 – CONCLUSÃO

Esse trabalho foi desenvolvido em duas propostas de estudo:

- (i) utilizando uma inovação metodológica para compreender de forma contínua a variação da paleodistribuição pela América do Sul das espécies *Catonyx cuvieri*, *Catonyx chilensis*, *Eremotherium laurillardi*, *Glossotherium robustum*, *Lestodon armatus*, *Megatheirum americanum*, *Mylodon darwini*, *Doedicurus clavicaudatus*, *Glyptodon clavipes*, *Holmesina occidentalis*, *Holmesina paulacoutoi*, *Neosclerocalyptus paskoensis*, *Pampatherium typus* e *Notiomastodon platensis*, representantes da megafauna do Quaternário, em períodos próximos ao seu último registro datado;
- (ii) através do uso dos mapas gerados na proposta anterior e mapas geográficos do Brasil, propor uma nova metodologia com o uso de um *software* para tentar prever áreas potenciais para prospecção de fósseis.

Nas duas propostas obtivemos resultados consideráveis positivos, mas também alguns aspectos negativos para serem analisados e corrigidos ou adaptados para melhores resultados em perspectivas futuras.

Na primeira proposta, as espécies apresentaram um padrão de distribuição independente, mas semelhante entre a maioria das espécies. Não foram observadas variações bruscas nesses padrões em nenhuma das espécies, bem como todas ainda apresentaram possíveis áreas adequadas no último mil ano modelado e que se tem registros de ocorrências das mesmas. Um aspecto que pode ser considerado negativo nessa proposta, foi a quantidade de espécies estudadas e o número de ocorrências utilizadas na construção dos mapas de adequabilidade. E esses resultados podem ter uma influência direta em parte dos resultados da segunda proposta.

A segunda proposta foi desenvolvida em duas etapas que se complementam. Na primeira etapa a análise foi feita a nível continental utilizando os mapas resultantes da proposta anterior e o *software Zonation* para tentar estimar áreas em que pode ser encontrado fósseis das espécies estudadas. O uso dos mapas da primeira proposta pode ser considerado um aspecto negativo da metodologia, visto que a maioria das espécies não apresentaram regiões adequadas em boa parte da região Norte do Brasil. Sabe-se que essa é uma área com ocorrências fossilíferas, mas o mapa final não apresentou essa área como uma boa área para para encontrar fósseis. A segunda etapa utilizou os mapas das espécies com recorte para o Brasil e mapas com registros de cavernas, densidade rural e declive, para refinar o resultado da primeira etapa e fazer uma análise a nível regional, para o estado de Sergipe. Os resultados obtidos como áreas

potenciais para prospecção, coincidem com as áreas onde já se sabe que apresentam afloramentos paleontológicos. Além de sugerir uma nova área até então desconhecida, em termos do seu potencial para prospecção fóssil. Um aspecto negativo pode ter sido a utilização de poucos mapas geográficos, de maneira que a utilização de mais informações geográficas pode melhorar os resultados dessas áreas sugestivas.

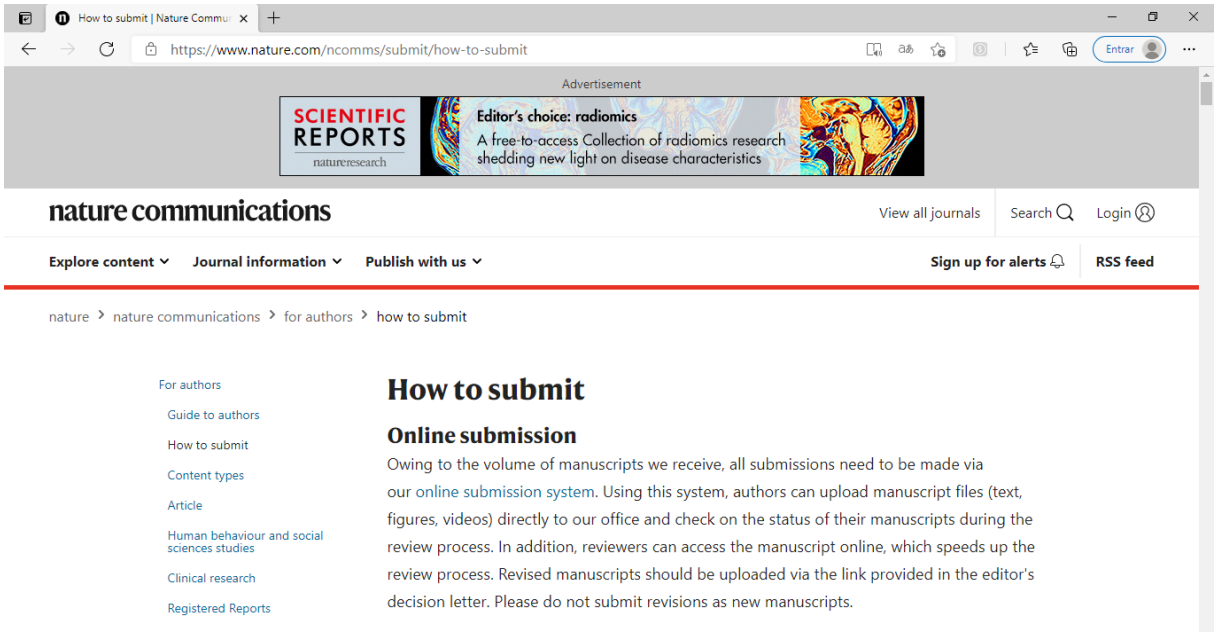
Sendo assim, podemos considerar que a metodologia de elaboração de mapas de adequabilidade com uso de camadas climáticas a cada mil anos e simulação das instâncias realizada na primeira proposta, como uma metodologia válida para determinar quais seriam as melhores áreas de sobrevivência e/ou adaptação das espécies estudadas, visto que os resultados apresentaram um padrão de distribuição semelhante ao que é encontrado na literatura, com exceção da espécie *Notiomastodon platensis.* O uso desses mapas para completar um conjunto de dados e arquivos de execução para o *Zonation* e juntamente com os mapas geográficos pode ser considerada como uma metodologia altamente potencial, já que as áreas geradas pelo software, correspondem aos locais já conhecidos como potencialmente fossilíferos.

Para obter melhores resultados do *Zonation* é necessário a realização de mais estudos considerando um número maior e mais diverso de espécies, registros de ocorrências e mais informações geomorfológicas da região, além da realização de saídas de campo para testar e validar a performance preditiva do programa. Essas são as principais propostas a serem desenvolvidas em perspectivas futuras.

ANEXOS

ANEXO 1 – NORMAS PARA SUBMISSÃO NAS REVISTAS

Artigo 1 - NATURE COMMUNICATIONS



Editorial and publishing policies

Before a manuscript is submitted, please review our journal policies, and ensure that the submission complies with our policy requirements.

Submission policies

Submission to *Nature Communications* is taken to imply that there is no significant overlap between the submitted manuscript and any other papers from the same authors under consideration or in press elsewhere. (Abstracts or unrefereed web preprints do not compromise novelty). The authors must include copies of all related manuscripts with any overlap in authorship that are under consideration or in press elsewhere. If a related manuscript is submitted elsewhere while the manuscript is under consideration at *Nature Communications*, a copy of the related manuscript must be sent to the editor.

The primary affiliation for each author should be the institution where the majority of their work was done. If an author has subsequently moved, the current address may also be stated.

If the manuscript includes personal communications, please provide a written statement of permission from any person who is quoted. E-mail permission messages are acceptable.

Follow this link for further information on the review process and how editors make decisions.

After acceptance, a copy editor may make changes to the manuscript so that it is readable and clear to those outside the field, and so that papers conform to our style. Contributors are sent proofs and are welcome to discuss proposed changes with the editors, but *Nature Communications* reserves the right to make the final decision about matters of style and the size of figures.

The editors also reserve the right to reject a paper even after it has been accepted if it becomes apparent that there are serious problems with the scientific content or with violations of our publishing policies.

Additional editorial policies can be found on the Nature journals joint policies page. This page includes information on manuscripts reviewed at other Nature journals, competing interests declarations, pre-publication publicity, deposition of data as a condition of publication, availability of data and reagents after publication, human and animal subjects, digital image integrity, biosecurity, refutations, complaints, correction of mistakes, duplicate publication, confidentiality and plagiarism.

Costs

Nature Communications does not charge submission fees or page charges. However, authors submitting to *Nature Communications* from 20th October 2014 are required to publish their work open access, through payment of an article processing charge (APC), in the case of eventual acceptance. Please see the open access page for APC pricing and details of our free funding support service.

General information for preparing manuscripts

Manuscripts should be prepared for online submission. Online submissions include a cover letter, a manuscript text file, individual figure files and optional Supplementary Information files. For first submissions (i.e. not revised manuscripts), authors may choose to incorporate the manuscript text and figures into a single file (Microsoft Word, TeX/LaTeX or PDF) up to 30 MB in size — the figures may be inserted within the text at the appropriate positions, or grouped at the end. Supplementary Information should be combined and supplied as a separate file, preferably in Word format.

Nature Communications is read by scientists from diverse backgrounds. In addition, many are not native English speakers. Authors should, therefore, give careful thought to how their findings may be communicated clearly. Although a basic knowledge of science may be assumed, please bear in mind that the language and concepts that are standard in one field may be unfamiliar to non-specialists. Thus, technical jargon should be avoided as far as possible and clearly explained where its use is unavoidable.

Abbreviations, particularly those that are not standard, should also be kept to a minimum. Where unavoidable, abbreviations should be defined in the text or legends at their first occurrence, and abbreviations should be used thereafter. The background, rationale and main conclusions of the study should be clearly explained. Titles and abstracts in particular should be written in language that will be readily intelligible to any scientist. We strongly recommend that authors ask a colleague with different expertise to review the manuscript before submission, in order to identify concepts and terminology that may present difficulties to non-specialist readers.

If you want to participate in double-blind peer review, prepare your manuscript in a way that conceals the identities of all the authors and tick the appropriate box during online submission. We recommend that authors refer to our double-blind peer review guidelines when preparing a double-blind peer review manuscript. Note that editors do not ensure that the paper is properly anonymised; that is the authors' responsibility.

Follow this link for information about the different types of contributions, along with their length and figure limits. The journal's format requirements are described below.

Language editing

*Nature Communication*s is read by scientists from diverse backgrounds. In addition, many are not native English speakers. Authors should therefore give careful thought to how their findings may be communicated clearly. Although a shared basic knowledge of the relevant research area may be assumed, please bear in mind that the language and concepts that are standard in one subfield may be unfamiliar to non-specialists. Thus, technical jargon should be avoided as far as possible and clearly explained where its use is unavoidable. Abbreviations, particularly those that are not standard, should also be kept to a minimum. The background, rationale and main conclusions of the study should be clearly explained. Titles and abstracts in particular should be written in language that will be readily intelligible to any scientist.

Even though no paper will be rejected for poor language, non–native English speakers occasionally receive feedback from editors and reviewers regarding language and grammar usage in their manuscripts. You may wish to consider asking a colleague whose native language is English to read your manuscript and/or to use a professional editing service such as those provided by our affiliates Nature Research Editing Service or American Journal Experts. Please note that the use of a language editing service is not a requirement for publication in *Nature Communications*.

Cover letter

Authors should provide a cover letter that includes the affiliation and contact information for the corresponding author. Authors should briefly discuss the work's importance and explain why the work is considered appropriate for the diverse readership of *Nature Communications*. Authors are asked to provide the names and contact information for qualified scientific reviewers and they may request the exclusion of certain referees. Finally, authors should indicate whether they have had any prior discussions with a *Nature Communications* editor about the work described in the manuscript.

Manuscript text

For first submissions (i.e. not revised manuscripts), authors may choose to incorporate the manuscript text and figures into a single file (Microsoft Word, TeX/LaTeX or PDF) up to 30 MB in size — the figures may be inserted within the text at the appropriate positions, or grouped at the end. Supplementary Information should be combined and supplied as a separate file, preferably in Word format.

Alternatively authors can follow the guidelines outlined below, which must be followed when submitting files for revisions.

All textual content should be provided in a single file, prepared using either Microsoft Word or TeX/LaTeX; figures should be provided in individual files. The manuscript text file should include the following parts, in order: a title page with author affiliations and contact information (the corresponding author should be identified with an asterisk); the sections required for each content type (see information for different content types) then References, Acknowledgements (optional), Author Contributions (Articles only), Competing Interests statement, Figure Legends and Tables.

Microsoft Word — *Nature Communications* does not use a manuscript template for Word documents. The manuscript file should be formatted as double-spaced, single-column text without justification. Pages should be numbered using an Arabic numeral in the footer of each

page. Standard fonts are recommended and the 'symbols' font should be used for representing Greek characters.

TeX/LaTeX — To submit a TeX/LaTeX file, please use any of the standard class files such as article.cls, revtex.cls or amsart.cls. All textual material should be provided as a single file in default Computer Modern fonts. Please avoid non- standard fonts and packages and remove all personal macros before submitting. For graphics, we recommend graphicx.sty. Please use numerical references only for citations, and include the references within the manuscript file itself. If you wish to use BibTeX, please copy the reference list from the .bbl file, paste it into the main manuscript .tex file, and delete the associated \bibliography and \bibliographystyle commands. Before submission, please ensure that the complete .tex file compiles successfully on your own system with no errors or warnings. There is no need to spend time visually formatting the manuscript: our style will be imposed automatically when the paper is prepared for publication.

Chemical and biological nomenclature and abbreviations

Molecular structures are identified by bold, Arabic numerals assigned in order of presentation in the text. Once identified in the main text or a figure, compounds may be referred to by their name, by a defined abbreviation, or by the bold Arabic numeral
(as long as the compound is referred to consistently as one of these three).

When possible, authors should refer to chemical compounds and biomolecules using systematic nomenclature, preferably using IUPAC. Standard chemical and biological abbreviations should be used. Unconventional or specialist abbreviations should be defined at their first occurrence in the text.

Gene nomenclature

Authors should use approved nomenclature for gene symbols, and use symbols rather than italicized full names (for example *Ttn*, not *titin*). Please consult the appropriate nomenclature databases for correct gene names and symbols. A useful resource is Entrez Gene. Approved human gene symbols are provided by HUGO Gene Nomenclature Committee (HGNC), e- mail: hgnc@genenames.org; see alsowww.genenames.org. Approved mouse symbols are provided by The Jackson Laboratory, e-mail:nomen@informatics.jax.org; see also www.informatics.jax.org/mgihome/nomen.

For proposed gene names that are not already approved, please submit the gene symbols to the appropriate nomenclature committees as soon as possible, as these must be deposited and approved before publication of an article.

Avoid listing multiple names of genes (or proteins) separated by a slash, as in '*Oct4/Pou5f1*', as this is ambiguous (it could mean a ratio, a complex, alternative names or different subunits). Use one name throughout and include the other at first mention: '*Oct4* (also known as *Pou5f1*)'.

Methods

The Methods section should be written as concisely as possible but should contain all elements necessary to allow interpretation and replication of the results. This section should be subdivided by short headings referring to methods used and we encourage the inclusion of specific sections for statistics, reagents and animal models. Commercial suppliers of reagents or instrumentation should be identified only when the source is critical to the outcome of the experiments. Sources for kits should be identified.

Experimental protocols that describe the synthesis of new compounds should be included. The systematic name of the compound and its bold Arabic numeral are used as the heading for the experimental protocol. Thereafter, the compound is represented by its assigned bold numeral. Authors should describe the experimental protocol in detail, referring to amounts of reagents in parentheses, when possible (e.g. 1.03 g, 0.100 mmol). Standard abbreviations for reagents and solvents are encouraged. Safety hazards posed by reagents or protocols should be identified clearly. Isolated mass and percent yields should be reported at the end of each protocol.

Authors can deposit other step-by-step protocols used in their study to Protocol Exchange, an open resource maintained by NPG. Protocols deposited by the authors will be linked to the Methods section upon publication.

References

References should be numbered sequentially first throughout the text, then in tables, followed by figures and, finally, boxes; that is, references that only appear in tables, figures or boxes should be last in the reference list. Only one publication is given for each number. Only papers that have been published or accepted by a named publication or recognized preprint server should be in the numbered list. Published conference abstracts, numbered patents and research datasets that have been assigned a digital object identifier (DOI) may be included in the reference list. Grant details and acknowledgments are not permitted as numbered references. Footnotes are not used.

BibTeX bibliography files cannot be accepted. LaTeX submission must contain all references within the manuscript .tex file itself (see above TeX/LaTeX section for more details).

Nature Communications uses standard *Nature* referencing style. All authors should be included in reference lists unless there are six or more, in which case only the first author should be given, followed by 'et al.'. Authors should be listed last name first, followed by a comma and initials (followed by full stops) of given names. Article titles should be in Roman text, only the first word of the title should have an initial capital and the title should be written exactly as it appears in the work cited, ending with a full stop. Book titles should be given in italics and all words in the title should have initial capitals. Journal names are italicized and abbreviated (with full stops) according to common usage. Volume numbers and the subsequent comma appear in bold. The full page range should be given, where appropriate.

Titles of cited articles are required for Articles, Letters, Reviews and Progress articles. Example: Eigler, D. M. & Schweizer, E.
K. Positioning single atoms with a scanning tunnelling microscope. *Nature* **344**, 524-526 (1990).

For Commentaries or News & Views, titles of cited articles are not included. Example: Iijima, S. *Nature* **354**, 56-58 (1991).

For book citations, the publisher and city of publication are required. Example: Jones, R. A. L. *Soft Machines: Nanotechnology and Life Ch. 3* (Oxford Univ. Press, Oxford, 2004).

Research datasets may be cited in the reference list if they have been assigned digital object identifiers (DOIs) and include authors, title, publisher (repository name), identifier (DOI expressed as a URL). Example:

Hao, Z., AghaKouchak, A., Nakhjiri, N. & Farahmand, A. Global Integrated Drought Monitoring and Prediction System (GIDMaPS) data sets. figshare http://dx.doi.org/10.6084/m9.figshare.853801 (2014).

To cite a preprint, please follow this style: Babichev, S. A., Ries, J. & Lvovsky, A. I. Quantum scissors: teleportation of single- mode optical states by means of a nonlocal single photon. Preprint at http://arXiv.org/quant-ph/0208066 (2002).

Acknowledgements

Acknowledgements should be brief and should not include effusive comments. Grant or contribution numbers may be acknowledged.

Author contributions

Nature Communications requires an author contributions statement as described in the Authorship section of our joint Editorial policies.

Competing interests

A competing interests statement is required for all content of the journal. This statement will be published at the end of all papers, whether or not a competing interest is reported.

ORCID for corresponding authors

As part of our efforts to improve transparency in authorship, we request that all corresponding authors of published papers provide their Open Researcher and Contributor Identifier (ORCID) ID, before resubmitting the final version of the manuscript. ORCID helps the scientific community achieve unambiguous attribution of all scholarly contributions.

Corresponding authors should link their ORCID to their account in the manuscript tracking system (MTS). From the MTS homepage, click **Modify my Springer Nature account** and then **ORCID Create/link an Open Researcher Contributor ID (ORCID)** in the Personal Profile tab. This will re-direct you to the ORCID website. If you already have an ORCID account, enter your ORCID email and password and click on **Authorize**. If you don't have one, you can create one at this stage. Linking ORCID and MTS accounts can be done at any time prior to acceptance. For more information please visit ORCID at Springer Nature. If you experience technical issues please contact the Platform Support Helpdesk.

Non-corresponding authors do not have to link their ORCID but are encouraged to do so. Please note that it is not possible to add/modify ORCID details at proof.

Figure legends

Figure legends begin with a brief title sentence for the whole figure and continue with a short description of what is shown in each panel and the symbols used; methodological details should be kept to a minimum as much as possible. Each legend should total no more than 350 words. Text for figure legends should be provided in numerical order after the references.

Tables

Please submit tables at the end of your text document (in Word or TeX/LaTeX, as appropriate). Tables that include statistical analysis of data should describe their standards of error analysis and ranges in a table legend.

Equations

Equations and mathematical expressions should be provided in the main text of the paper. Equations that are referred to in the text are identified by parenthetical numbers, such as (1), and are referred to in the manuscript as "equation (1)".

General figure guidelines

Authors are responsible for obtaining permission to publish any figures or illustrations that are protected by copyright, including figures published elsewhere and pictures taken by professional photographers. The journal cannot publish images downloaded from the internet without appropriate permission.

Figures should be numbered separately with Arabic numerals in the order of occurrence in the text of the manuscript. One- or two-column format figures are required. When appropriate, figures should include error bars. A description of the statistical treatment of error analysis should be included in the figure legend. Please note that schemes are not used; sequences of chemical reactions or experimental procedures should be submitted as figures, with appropriate captions. A limited number of uncaptioned graphics depicting chemical structures — each labelled with their name, by a defined abbreviation, or by the bold Arabic numeral — may be included in a manuscript. Although suggestions can be made by the authors, the final decision regarding the positioning and grouping of such structures rests with the editorial team.

Figure lettering should be in a clear, sans-serif typeface (for example, Helvetica); if possible, the same typeface in approximately the same font size should be used for all figures in a paper. Use symbol font for Greek letters. All display items should be on a white background, and should avoid excessive boxing, unnecessary colour, spurious decorative effects (such as three-dimensional 'skyscraper' histograms) and highly pixelated computer drawings. The vertical axis of histograms should not be truncated to exaggerate small differences. Labelling must be of sufficient size and contrast to be readable, even after appropriate reduction. The thinnest lines in the final figure should be no smaller than one point wide. Reasonable requests to enlarge figures will be considered, but editors will make the final decision on figure size. Authors will see a proof of figures.

Figures divided into parts should be labelled with a lower-case bold a, b, and so on, in the same type size as used elsewhere in the figure. Lettering in figures should be in lower-case type, with only the first letter of each label capitalized. Units should have a single space between the number and the unit, and follow SI nomenclature (for example, ms rather than msec) or the nomenclature common to a particular field. Thousands should be separated by commas (1,000). Unusual units or abbreviations should be spelled out in full or defined in the legend. Scale bars should be used rather than magnification factors, with the length of the bar defined in the legend rather than on the bar itself. In legends, please use visual cues rather than verbal explanations such as "open red triangles".

Authors are encouraged to consider the needs of colourblind readers (a substantial minority of the male population) when choosing colours for figures. Many colourblind readers cannot interpret visuals that rely on discrimination of green and red, for example. Thus, we ask authors to recolour green-and-red heatmaps, graphs and schematics for which colours are chosen arbitrarily. Recolouring primary data, such as fluorescence or rainbow pseudo-coloured

images, to colour-safe combinations such as green and magenta, turquoise and red, yellow and blue or other accessible colour palettes is strongly encouraged.

Unnecessary figures should be avoided: data presented in small tables or histograms, for instance, can generally be stated briefly in the text instead. Figures should not contain more than one panel unless the parts are logically connected; each panel of a multipart figure should be sized so that the whole figure can be reduced by the same amount and reproduced at the smallest size at which essential details are visible.

Nature Communications will no longer publish, or send out for peer review, manuscripts which use the image Lena. Authors are advised to substitute the image before submission of their manuscript. Authors of submitted manuscripts which include the image Lena will be requested to substitute the image, or justify the scientific necessity for using the image, prior to peer review.

When a manuscript is accepted for publication, we will ask for high-resolution figure files, possibly in a different electronic format. This information will be included in the acceptance letter. See below for details of digital image production and submission.

Figures

Please read the digital images integrity and standards policy.

To assist with the peer review process, figures and tables may be included within the manuscript text. However, for publication, high-quality image files need to be prepared for each figure. When possible, we prefer to use original digital figures to ensure the highest-quality reproduction in the journal. For optimal results, prepare figures to fit the pdf page size (210 x 276 mm), and supply the figure in the format in which they were compiled. When creating and submitting digital files, please follow the guidelines below. Failure to do so, or to adhere to the following guidelines, can significantly delay publication of your work.

Authors are responsible for obtaining permission to publish any figures or illustrations that are protected by copyright, including figures published elsewhere and pictures taken by professional photographers. The journal cannot publish images downloaded from the internet without appropriate permission.

1. ***Line art, graphs, charts and schematics***

All line art, graphs, charts and schematics should be supplied in vector format, such as Encapsulated PostScript (.EPS), Adobe Illustrator (.AI), or Portable Document Format (.PDF), and should be saved or exported as such directly from the application in which they were made.

We prefer to work with Adobe Illustrator but can accept Word and PowerPoint files.

They should not be flattened, compressed, converted or saved as bitmaps, jpegs or other non-vector file types. If line-art figures cannot be supplied as vector files they should be supplied at 1,200 DPI and prepared to fit the page size.

2. ***Photographic and bitmapped images***

All photographic and bitmapped images should be supplied in TIFF format at a minimum of

300 DPI and as close to the page size as possible. For final page size please use our column widths as a guide. A single column width measures 88 mm and a double column width measures 180 mm. In practice this means that the absolute width of single-column figures should be no less than 1,040 pixels wide and double-column figures should be no less than 2,080 pixels wide (excluding peripheral white space).

We can accept Word and PowerPoint files but please supply any placed images as separate tiffs, prepared as above. Please supply colour photographic images in RGB colour mode.

Please do not scan laser printouts of figures and send them to us as digital files. The dot pattern on a laser print often creates a moiré pattern when scanned.

Figures that do not meet these standards will not reproduce well and may delay publication until we receive high-resolution images.

3. ***Chemical structures***

We aim to produce chemical structures in a consistent format throughout our articles. Please use the Nature Research Chemical Structures Guide and ChemDraw template to ensure that you prepare your figures in a format that will require minimal changes by our art and production teams. Submit final files at 100% as .cdx files.

4. ***Stereo images***

Stereo diagrams should be presented for divergent 'wall-eyed' viewing, with the two panels separated by ~5.5 cm. In the final accepted version of the manuscript, the stereo images should be submitted at their final page size.

Featured image

Authors of accepted papers are encouraged to submit images for consideration as an image of the week. Illustrations are selected for their scientific interest and aesthetic appeal. Please submit electronic files at acceptance and include a clear and concise legend explaining the image.

Supplementary Information

Any Supplementary Information should be submitted with the manuscript and will be sent to referees during peer review. We request that authors avoid "data not shown" statements and instead include data necessary to evaluate the claims of the paper as Supplementary Information. Supplementary Information is not copy-edited by *Nature Communications* after acceptance, so authors should ensure that it is clearly and succinctly presented, and that the style and terminology conform with the rest of the paper. The following guidelines detail the creation, citation and submission of Supplementary Information. Please note that modification of Supplementary Information after the paper is published requires a formal correction, so authors are encouraged to check their Supplementary Information carefully before submitting the final version.

Where there is Supplementary Information to be included as part of a paper published in *Nature Communications*, please follow these guidelines, or acceptance may be delayed.

- Designate each item as Supplementary Table, Figure, Movie, Audio, Note, Data, Discussion, Equation or Methods, as appropriate. Each type of Supplementary Information should be

continuously numbered (for example, Supplementary Table 1, Supplementary Table 2, Supplementary Movie 1, Supplementary Movie 2, Supplementary Data 1, Supplementary Data 2 and so on).

- Please provide a title for Supplementary Tables and a title and a caption for Supplementary Figures. Please also include a title and caption for any Supplementary Movie, Audio or Data files in a cover letter or separate document. A Supplementary Note should be used only in consultation with the editors and for specific elements best presented in Supplementary Information, such as stand-alone descriptions related to methods (for example, algorithm description or compound synthesis and characterization).
- We discourage deposition of references within the Supplementary Information as they will not be live links and will not contribute towards citation measures for the papers concerned. Authors who nevertheless wish to post a list of Supplementary References should ensure that the Supplementary Information is self-contained (it should not refer to the list of References in the main paper; any such papers should be duplicated in the list of Supplementary References) and that Supplementary References are numbered sequentially from 1.
- Refer to each piece of Supplementary Information at the appropriate point(s) in the main article. Be sure to include the word "Supplementary" each time one is mentioned.
- Use the following examples as a guide (note: abbreviate "Figure" as "Fig." except at the start of a sentence).
  "Table 1 provides a selected subset of the most active compounds. The entire list of 96 compounds can be found as Supplementary Table 1."
  "The biosynthetic pathway of l-ascorbic acid in animals involves intermediates of the d-glucuronic acid pathway (see Supplementary Fig. 2). Figure 2 shows..."
- Figure files should be submitted as web-ready files through *Nature Communications* online submission system. Manuscripts will not be accepted for publication by *Nature Communications* until Supplementary Information is received.
- Please submit the Supplementary Information as a single Word file, if possible, otherwise a single PDF. For separate data, audio and video files we can accept any of these formats: Adobe Acrobat file (.pdf), Audio Visual Interleave (.avi), Compressed Archive File (.zip), Encapsulated Postcript (.eps), Flash Movie (.swf), Graphics Interchange Format (.gif), HTML document (.html), JPEG image (.jpg), MPEG animation (.mpg), MS Excel spreadsheet (.xls, .xlsx), MS Power Point file (.ppt, .pptx), MS Word document (.doc, .docx), Plain ASCII text (.txt), PostScript (.ps), QuickTime movie (.mov), Rich Text Format (.rtf), Systems Biology Markup Language (.sbml, .xml, .owl), TAR archive file (.tar), TIFF image (.tif), Waveform audio file (.wav), WordPerfect document (.wpd).
- File sizes should be as small as possible, with a maximum size of 30 MB, so that they can be downloaded quickly. The combined total size of all files must not exceed 150 MB. Remember to include a brief title and legend (incorporated into the file to appear near the image) as part of every figure submitted, and a title as part of every table.
  Further queries about submission and preparation of Supplementary Information should be directed to the editor handling the manuscript.

Nature Communications ISSN 2041-1723 (online)
nature.com sitemap

Artigo 2 - QUATERNARY SCIENCE REVIEWS

QUATERNARY SCIENCE REVIEWS
The International Journal of Earth, Climate and Life Interactions

GUIDE FOR AUTHORS

Your Paper Your Way

We now differentiate between the requirements for new and revised submissions. You may choose to submit your manuscript as a single Word or PDF file to be used in the refereeing process. Only when your paper is at the revision stage, will you be requested to put your paper in to a 'correct format' for acceptance and provide the items required for the publication of your article.
To find out more, please visit the Preparation section below.

INTRODUCTION

Quaternary Science Reviews caters for all aspects of Quaternary science, and includes, for example, geology, geomorphology, geography, archaeology, soil science, palaeobotany, palaeontology, palaeoclimatology and the full range of applicable dating methods. The dividing line between what constitutes the review paper and one which contains new original data is not easy to establish, so QSR also publishes papers with new data especially if these perform a review function. All the Quaternary sciences are changing rapidly and subject to re-evaluation as the pace of discovery quickens; thus the eclectic and comprehensive role of Quaternary Science Reviews keeps readers abreast of the wider issues relating to new developments in the field. Quaternary Science Reviews includes Special Issues on topical subjects arising from recent scientific meetings, in response to significant chances in Quaternary subject matter, or to acknowledge the achievements of some outstanding Quaternary Scientist.

Types of paper

Quaternary Science Reviews publishes **Research Papers** of high quality and global significance that meet the criteria of being of broad interest to a diverse, international audience. They should not exceed 13,000 words and 12 figures without prior agreement from the Editor-in-Chief. From time to time, authors may be approached by the Editors to contribute an **Invited Review Article** to the journal.

Short Communications are primarily intended to be compact versions of Research Papers for a fast-track editorial handling. They should not exceed 3000 words in length, nor contain more than 4 figures or tables.

Quaternary Science Reviews sees an important part of its mission acting as a vehicle for the advancement of scholarly debate and reporting of emerging research directions in the Quaternary Sciences. A 'Forum' section has been established to facilitate debates and communication within the community, and will include **Letters to the Editor**, **Opinion Papers**, **Comments** and **Replies.** From time to time, authors may be approached by the Editors to contribute an **Invited Opinion Paper** to the journal.
Intended to appeal to a large readership, Forum manuscripts should be written in a manner that makes them particularly accessible and easy-to-understand to the general public and students - a strict limit of 1500 words, one figure and 12-15 references therefore applies. Forum articles will provide wider context or complementary commentary about key Research or Review Papers published in QSR; they may also provide authoritative views from Quaternary Scientists about topics of debate or may deal with emerging directions of research.

Authors wishing to specifically comment on a recently published QSR article should thus submit a '**Comment**' (maximum 1500 words, 1 figure) and directed only towards the main issue(s) that are being questioned in the original article. It is not a vehicle for extensive review or for publishing new findings. The original author(s) will be invited to write a '**Reply**' that must be similarly brief (maximum 1500 words, 1 figure) and respond only to the issues in question. Both parties are limited to one Comment and Reply each. These comments and replies must be submitted within six months of publication of the original article; the author of the Reply must submit it within one month of being notified of the Comment.

All word counts do not include References.

Please ensure that you select the appropriate article type from the list of options when making your submission. Authors contributing to special issues should ensure that they select the appropriate special issue from the first drop down list.

Information for prospective guest editors intending to submit a proposal for a special issue in the journal can be found here.

Submission checklist

You can use this list to carry out a final check of your submission before you send it to the journal for review. Please check the relevant section in this Guide for Authors for more details.

Ensure that the following items are present:

One author has been designated as the corresponding author with contact details:
- E-mail address
- Full postal address

All necessary files have been uploaded:
Manuscript:
- Include keywords
- All figures (include relevant captions)
- All tables (including titles, description, footnotes)
- Ensure all figure and table citations in the text match the files provided
- Indicate clearly if color should be used for any figures in print

Graphical Abstracts / Highlights files (where applicable)
Supplemental files (where applicable)

Further considerations
- Manuscript has been 'spell checked' and 'grammar checked'
- All references mentioned in the Reference List are cited in the text, and vice versa
- Permission has been obtained for use of copyrighted material from other sources (including the Internet)
- A competing interests statement is provided, even if the authors have no competing interests to declare
- Journal policies detailed in this guide have been reviewed
- Referee suggestions and contact details provided, based on journal requirements

For further information, visit our Support Center.

BEFORE YOU BEGIN

Ethics in publishing

Please see our information pages on Ethics in publishing and Ethical guidelines for journal publication.

Declaration of interest

All authors must disclose any financial and personal relationships with other people or organizations that could inappropriately influence (bias) their work. Examples of potential conflicts of interest include employment, consultancies, stock ownership, honoraria, paid expert testimony, patent applications/ registrations, and grants or other funding. Authors should complete the declaration of interest statement using this template and upload to the submission system at the Attach/Upload Files step. If there are no interests to declare, please choose: 'Declarations of interest: none' in the template. This statement will be published within the article if accepted. More information.

Submission declaration and verification

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract, a published lecture or academic thesis, see 'Multiple, redundant or concurrent publication' for more information), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, including electronically without the written consent of the copyright-holder. To verify originality, your article may be checked by the originality detection service Crossref Similarity Check.

Preprints
Please note that preprints can be shared anywhere at any time, in line with Elsevier's sharing policy. Sharing your preprints e.g. on a preprint server will not count as prior publication (see 'Multiple, redundant or concurrent publication' for more information).

Use of inclusive language

Inclusive language acknowledges diversity, conveys respect to all people, is sensitive to differences, and promotes equal opportunities. Articles should make no assumptions about the beliefs or commitments of any reader, should contain nothing which might imply that one individual is superior to another on the grounds of race, sex, culture or any other characteristic, and should use inclusive language throughout. Authors should ensure that writing is free from bias, for instance by using 'he or she', 'his/her' instead of 'he' or 'his', and by making use of job titles that are free of stereotyping (e.g. 'chairperson' instead of 'chairman' and 'flight attendant' instead of 'stewardess').

Author contributions

For transparency, we encourage authors to submit an author statement file outlining their individual contributions to the paper using the relevant CRediT roles: Conceptualization; Data curation; Formal analysis; Funding acquisition; Investigation; Methodology; Project administration; Resources; Software; Supervision; Validation; Visualization; Roles/Writing - original draft; Writing - review & editing. Authorship statements should be formatted with the names of authors first and CRediT role(s) following. More details and an example

Changes to authorship

Authors are expected to consider carefully the list and order of authors **before** submitting their manuscript and provide the definitive list of authors at the time of the original submission. Any addition, deletion or rearrangement of author names in the authorship list should be made only **before** the manuscript has been accepted and only if approved by the journal Editor. To request such a change, the Editor must receive the following from the **corresponding author**: (a) the reason for the change in author list and (b) written confirmation (e-mail, letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed.

Only in exceptional circumstances will the Editor consider the addition, deletion or rearrangement of authors **after** the manuscript has been accepted. While the Editor considers the request, publication of the manuscript will be suspended. If the manuscript has already been published in an online issue, any requests approved by the Editor will result in a corrigendum.

Article transfer service

This journal is part of our Article Transfer Service. This means that if the Editor feels your article is more suitable in one of our other participating journals, then you may be asked to consider transferring the article to one of those. If you agree, your article will be transferred automatically on your behalf with no need to reformat. Please note that your article will be reviewed again by the new journal. More information.

Copyright

Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' (see more information on this). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement.

Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permission of the Publisher is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations. If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases.

For gold open access articles: Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete an 'Exclusive License Agreement' (more information). Permitted third party reuse of gold open access articles is determined by the author's choice of user license.

Author rights

As an author you (or your employer or institution) have certain rights to reuse your work. More information.

Elsevier supports responsible sharing

Find out how you can share your research published in Elsevier journals.

Role of the funding source

You are requested to identify who provided financial support for the conduct of the research and/or preparation of the article and to briefly describe the role of the sponsor(s), if any, in study design; in the collection, analysis and interpretation of data; in the writing of the report; and in the decision to submit the article for publication. If the funding source(s) had no such involvement then this should be stated.

Open access

Please visit our Open Access page from the Journal Homepage for more information.

Language (usage and editing services)

Please write your text in good English (American or British usage is accepted, but not a mixture of these). Authors who feel their English language manuscript may require editing to eliminate possible grammatical or spelling errors and to conform to correct scientific English may wish to use the English Language Editing service available from Elsevier's Author Services.

Submission

Our online submission system guides you stepwise through the process of entering your article details and uploading your files. The system converts your article files to a single PDF file used in the peer-review process. Editable files (e.g., Word, LaTeX) are required to typeset your article for final publication. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, is sent by e-mail.

Submit your article

Please submit your article via https://www.evise.com/profile/api/navigate/JQSR

Referees

Please submit the names and institutional e-mail addresses of several potential referees. For more details, visit our Support site. Note that the editor retains the sole right to decide whether or not the suggested reviewers are used.

Additional information

Articles must be written in good English, and authors whose native language is not English are encouraged to seek help at an early stage.

PREPARATION

NEW SUBMISSIONS

Submission to this journal proceeds totally online and you will be guided stepwise through the creation and uploading of your files. The system automatically converts your files to a single PDF file, which is used in the peer-review process.

As part of the Your Paper Your Way service, you may choose to submit your manuscript as a single file to be used in the refereeing process. This can be a PDF file or a Word document, in any format or lay-out that can be used by referees to evaluate your manuscript. It should contain high enough quality figures for refereeing. If you prefer to do so, you may still provide all or some of the source files at the initial submission. Please note that individual figure files larger than 10 MB must be uploaded separately.

References

There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/ book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the article number or pagination must be present. Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct.

Formatting requirements

There are no strict formatting requirements but all manuscripts must contain the essential elements needed to convey your manuscript, for example Abstract, Keywords, Introduction, Materials and Methods, Results, Conclusions, Artwork and Tables with Captions.

If your article includes any Videos and/or other Supplementary material, this should be included in your initial submission for peer review purposes.

Divide the article into clearly defined sections.

Please ensure the text of your paper is double-spaced and has consecutive line numbering - this is an essential peer review requirement.

Figures and tables embedded in text
Please ensure the figures and the tables included in the single file are placed next to the relevant text in the manuscript, rather than at the bottom or the top of the file. The corresponding caption should be placed directly below the figure or table.

Peer review

This journal operates a single blind review process. All contributions will be initially assessed by the editor for suitability for the journal. Papers deemed suitable are then typically sent to a minimum of two independent expert reviewers to assess the scientific quality of the paper. The Editor is responsible for the final decision regarding acceptance or rejection of articles. The Editor's decision is final. More information on types of peer review.

REVISED SUBMISSIONS

Use of word processing software
Regardless of the file format of the original submission, at revision you must provide us with an editable file of the entire article. Keep the layout of the text as simple as possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier). See also the section on Electronic artwork.
To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your word processor.

Article structure

Subdivision - numbered sections
Divide your article into clearly defined and numbered sections. Subsections should be numbered 1.1 (then 1.1.1, 1.1.2, ...), 1.2, etc. (the abstract is not included in section numbering). Use this numbering also for internal cross-referencing: do not just refer to 'the text'. Any subsection may be given a brief heading. Each heading should appear on its own separate line.

Introduction
State the objectives of the work and provide an adequate background, avoiding a detailed literature survey or a summary of the results.

Regional setting
For papers that focus on an area, provide a brief synopsis of the physical and geological characteristics of the area, sufficient to give the new work context, but again avoid a detailed literature survey.

Material and methods
Provide sufficient details to allow the work to be reproduced by an independent researcher. Methods that are already published should be summarized, and indicated by a reference. If quoting directly from a previously published method, use quotation marks and also cite the source. Any modifications to existing methods should also be described.

Results
Results should be clear and concise.

Discussion
This should explore the significance of the results of the work, not repeat them. A combined Results and Discussion section is often appropriate. Avoid extensive citations and discussion of published literature.

Conclusions
The main conclusions of the study may be presented in a short Conclusions section, which may stand alone or form a subsection of a Discussion or Results and Discussion section.

Data Availability
Authors are encouraged to include a 'Data Availability' section in their manuscript which is visible in ALL reading formats and may refer to data hosted in ANY repository. It should be placed before the references to provide readers with information about where they can obtain the research data required to reproduce the work reported in the manuscript, and typically consists of a simple sentence giving the URL(s) of and citation(s) to the dataset(s). Full information can be found here.

Appendices
If there is more than one appendix, they should be identified as A, B, etc. Formulae and equations in appendices should be given separate numbering: Eq. (A.1), Eq. (A.2), etc.; in a subsequent appendix, Eq. (B.1) and so on. Similarly for tables and figures: Table A.1; Fig. A.1, etc.

Essential title page information

• ***Title.*** Concise and informative. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible.
• ***Author names and affiliations.*** Please clearly indicate the given name(s) and family name(s) of each author and check that all names are accurately spelled. You can add your name between parentheses in your own script behind the English transliteration. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lower-case superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address. Provide the full postal address of each affiliation, including the country name and, if available, the e-mail address of each author.
• ***Corresponding author.*** Clearly indicate who will handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. This responsibility includes answering any future queries about Methodology and Materials. **Ensure that the e-mail address is given and that contact details are kept up to date by the corresponding author.**
• ***Present/permanent address.*** If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a 'Present address' (or 'Permanent address') may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.

Highlights

Highlights are mandatory for this journal as they help increase the discoverability of your article via search engines. They consist of a short collection of bullet points that capture the novel results of your research as well as new methods that were used during the study (if any). Please have a look at the examples here: example Highlights.

Highlights should be submitted in a separate editable file in the online submission system. Please use 'Highlights' in the file name and include 3 to 5 bullet points (maximum 85 characters, including spaces, per bullet point).

Abstract

A concise and factual abstract is required. The abstract should state briefly the purpose of the research, the principal results and major conclusions. An abstract is often presented separately from the article, so it must be able to stand alone. For this reason, References should be avoided, but if essential, then cite the author(s) and year(s). Also, non-standard or uncommon abbreviations should be avoided, but if essential they must be defined at their first mention in the abstract itself.

Keywords
Authors are requested to provide between 3 and 10 keywords. At least one keyword should be selected from each of the four categories provided in the list here. This list is not exhaustive so authors can also suggest additional keywords for their submission.

Graphical abstract
Although a graphical abstract is optional, its use is encouraged as it draws more attention to the online article. The graphical abstract should summarize the contents of the article in a concise, pictorial form designed to capture the attention of a wide readership. Graphical abstracts should be submitted as a separate file in the online submission system. Image size: Please provide an image with a minimum of 531 × 1328 pixels (h × w) or proportionally more. The image should be readable at a size of 5 × 13 cm using a regular screen resolution of 96 dpi. Preferred file types: TIFF, EPS, PDF or MS Office files. You can view Example Graphical Abstracts on our information site.
Authors can make use of Elsevier's Illustration Services to ensure the best presentation of their images and in accordance with all technical requirements.

Abbreviations
Define abbreviations that are not standard in this field in a footnote to be placed on the first page of the article. Such abbreviations that are unavoidable in the abstract must be defined at their first mention there, as well as in the footnote. Ensure consistency of abbreviations throughout the article.

Acknowledgements
Collate acknowledgements in a separate section at the end of the article before the references and do not, therefore, include them on the title page, as a footnote to the title or otherwise. List here those individuals who provided help during the research (e.g., providing language help, writing assistance or proof reading the article, etc.).

Formatting of funding sources
List funding sources in this standard way to facilitate compliance to funder's requirements:

Funding: This work was supported by the National Institutes of Health [grant numbers xxxx, yyyy]; the Bill & Melinda Gates Foundation, Seattle, WA [grant number zzzz]; and the United States Institutes of Peace [grant number aaaa].

It is not necessary to include detailed descriptions on the program or type of grants and awards. When funding is from a block grant or other resources available to a university, college, or other research institution, submit the name of the institute or organization that provided the funding.

If no funding has been provided for the research, please include the following sentence:

This research did not receive any specific grant from funding agencies in the public, commercial, or not-for-profit sectors.

Units
Follow internationally accepted rules and conventions: use the international system of units (SI). If other units are mentioned, please give their equivalent in SI.

Math formulae
Please submit math equations as editable text and not as images. Present simple formulae in line with normal text where possible and use the solidus (/) instead of a horizontal line for small fractional terms, e.g., X/Y. In principle, variables are to be presented in italics. Powers of e are often more conveniently denoted by exp. Number consecutively any equations that have to be displayed separately from the text (if referred to explicitly in the text).

Footnotes
Footnotes should be used sparingly. Number them consecutively throughout the article. Many word processors build footnotes into the text, and this feature may be used. Should this not be the case, indicate the position of footnotes in the text and present the footnotes themselves separately at the end of the article.

Artwork

Electronic artwork
General points
- Make sure you use uniform lettering and sizing of your original artwork.
- Preferred fonts: Arial (or Helvetica), Times New Roman (or Times), Symbol, Courier.
- Number the illustrations according to their sequence in the text.
- Use a logical naming convention for your artwork files.
- Indicate per figure if it is a single, 1.5 or 2-column fitting image.
- For Word submissions only, you may still provide figures and their captions, and tables within a single file at the revision stage.
- Please note that individual figure files larger than 10 MB must be provided in separate source files.

A detailed guide on electronic artwork is available.
You are urged to visit this site; some excerpts from the detailed information are given here.
Formats
Regardless of the application used, when your electronic artwork is finalized, please 'save as' or convert the images to one of the following formats (note the resolution requirements for line drawings, halftones, and line/halftone combinations given below):
EPS (or PDF): Vector drawings. Embed the font or save the text as 'graphics'.
TIFF (or JPG): Color or grayscale photographs (halftones): always use a minimum of 300 dpi.
TIFF (or JPG): Bitmapped line drawings: use a minimum of 1000 dpi.
TIFF (or JPG): Combinations bitmapped line/half-tone (color or grayscale): a minimum of 500 dpi is required.
Please do not:

- Supply files that are optimized for screen use (e.g., GIF, BMP, PICT, WPG); the resolution is too low.
- Supply files that are too low in resolution.
- Submit graphics that are disproportionately large for the content.

Color artwork
Please make sure that artwork files are in an acceptable format (TIFF (or JPEG), EPS (or PDF), or MS Office files) and with the correct resolution. If, together with your accepted article, you submit usable color figures then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in color online (e.g., ScienceDirect and other sites) regardless of whether or not these illustrations are reproduced in color in the printed version. **For color reproduction in print, you will receive information regarding the costs from Elsevier after receipt of your accepted article.** Please indicate your preference for color: in print or online only. Further information on the preparation of electronic artwork.

Figure captions
Ensure that each illustration has a caption. A caption should comprise a brief title (**not** on the figure itself) and a description of the illustration. Keep text in the illustrations themselves to a minimum but explain all symbols and abbreviations used.

Text graphics
Text graphics may be embedded in the text at the appropriate position. If you are working with LaTeX and have such features embedded in the text, these can be left. See further under Electronic artwork.

Tables

Please submit tables as editable text and not as images. Tables can be placed either next to the relevant text in the article, or on separate page(s) at the end. Number tables consecutively in accordance with their appearance in the text and place any table notes below the table body. Be sparing in the use of tables and ensure that the data presented in them do not duplicate results described elsewhere in the article. Please avoid using vertical rules and shading in table cells.

References

Data references
This journal encourages you to cite underlying or relevant datasets in your manuscript by citing them in your text and including a data reference in your Reference List. Data references should include the following elements: author name(s), dataset title, data repository, version (where available), year, and global persistent identifier. Add [dataset] immediately before the reference so we can properly identify it as a data reference. The [dataset] identifier will not appear in your published article.

Reference management software
Most Elsevier journals have their reference template available in many of the most popular reference management software products. These include all products that support Citation Style Language styles, such as Mendeley. Using citation plug-ins from these products, authors only need to select the appropriate journal template when preparing their article, after which citations and bibliographies will be automatically formatted in the journal's style. If no template is yet available for this journal, please follow the format of the sample references and citations as shown in this Guide. If you use reference management software, please ensure that you remove all field codes before submitting the electronic manuscript. More information on how to remove field codes from different reference management software.

Users of Mendeley Desktop can easily install the reference style for this journal by clicking the following link:
http://open.mendeley.com/use-citation-style/quaternary-science-reviews
When preparing your manuscript, you will then be able to select this style using the Mendeley plug-ins for Microsoft Word or LibreOffice.

Reference formatting
There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the article number or pagination must be present. Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct. If you do wish to format the references yourself they should be arranged according to the following examples:

Reference style
Text: All citations in the text should refer to:
1. *Single author:* the author's name (without initials, unless there is ambiguity) and the year of publication;
2. *Two authors:* both authors' names and the year of publication;
3. *Three or more authors:* first author's name followed by 'et al.' and the year of publication.
Citations may be made directly (or parenthetically). Groups of references can be listed either first alphabetically, then chronologically, or vice versa.
Examples: 'as demonstrated (Allan, 2000a, 2000b, 1999; Allan and Jones, 1999)…. Or, as demonstrated (Jones, 1999; Allan, 2000)… Kramer et al. (2010) have recently shown …'
List: References should be arranged first alphabetically and then further sorted chronologically if necessary. More than one reference from the same author(s) in the same year must be identified by the letters 'a', 'b', 'c', etc., placed after the year of publication.
Examples:
Reference to a journal publication:
Van der Geer, J., Hanraads, J.A.J., Lupton, R.A., 2010. The art of writing a scientific article. J. Sci. Commun. 163, 51–59. https://doi.org/10.1016/j.Sc.2010.00372.
Reference to a journal publication with an article number:
Van der Geer, J., Hanraads, J.A.J., Lupton, R.A., 2018. The art of writing a scientific article. Heliyon. 19, e00205. https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2018.e00205.
Reference to a book:
Strunk Jr., W., White, E.B., 2000. The Elements of Style, fourth ed. Longman, New York.
Reference to a chapter in an edited book:
Mettam, G.R., Adams, L.B., 2009. How to prepare an electronic version of your article, in: Jones, B.S., Smith , R.Z. (Eds.), Introduction to the Electronic Age. E-Publishing Inc., New York, pp. 281–304.
Reference to a website:
Cancer Research UK, 1975. Cancer statistics reports for the UK. http://www.cancerresearchuk.org/aboutcancer/statistics/cancerstatsreport/ (accessed 13 March 2003).
Reference to a dataset:
[dataset] Oguro, M., Imahiro, S., Saito, S., Nakashizuka, T., 2015. Mortality data for Japanese oak wilt disease and surrounding forest compositions. Mendeley Data, v1. https://doi.org/10.17632/xwj98nb39r.1.

Journal abbreviations source
Journal names should be abbreviated according to the List of Title Word Abbreviations.

Video
Elsevier accepts video material and animation sequences to support and enhance your scientific research. Authors who have video or animation files that they wish to submit with their article are strongly encouraged to include links to these within the body of the article. This can be done in the same way as a figure or table by referring to the video or animation content and noting in the body text where it should be placed. All submitted files should be properly labeled so that they directly relate to the video file's content. In order to ensure that your video or animation material is directly usable, please provide the file in one of our recommended file formats with a preferred maximum size of 150 MB per file, 1 GB in total. Video and animation files supplied will be published online in the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect. Please supply 'stills' with your files: you can choose any frame from the video or animation or make a separate image. These will be used instead of standard icons and will personalize the link to your video data. For more detailed instructions please visit our video instruction pages. Note: since video and animation cannot be embedded in the print version of the journal, please provide text for both the electronic and the print version for the portions of the article that refer to this content.

Data visualization
Include interactive data visualizations in your publication and let your readers interact and engage more closely with your research. Follow the instructions here to find out about available data visualization options and how to include them with your article.

Supplementary data
Elsevier accepts electronic supplementary material to support and enhance your scientific research. Supplementary files offer the author additional possibilities to publish supporting applications, high-resolution images, background datasets, sound clips and more. Supplementary files supplied will be published online alongside the electronic version of your article in Elsevier Web products, including

ScienceDirect: http://www.sciencedirect.com. In order to ensure that your submitted material is directly usable, please provide the data in one of our recommended file formats. Authors should submit the material in electronic format together with the article and supply a concise and descriptive caption for each file. For more detailed instructions please visit our artwork instruction pages at https://www.elsevier.com/artworkinstructions.

Research data

This journal requires and enables you to share data that supports your research publication and enables you to interlink the data with your published articles. Research data refers to the results of observations or experimentation that validate research findings. To facilitate reproducibility and data reuse, this journal also encourages you to share your software, code, models, algorithms, protocols, methods and other useful materials related to the project.

Below are a number of ways in which you can associate data with your article. When sharing data in one of these ways, you are expected to cite the data in your manuscript and reference list. Please refer to the "References" section for more information about data citation. For more information on depositing, sharing and using research data and other relevant research materials, visit the research data page.

Data linking

If you have made your research data available in a data repository, you can link your article directly to the dataset. Elsevier collaborates with a number of repositories to link articles on ScienceDirect with relevant repositories, giving readers access to underlying data that gives them a better understanding of the research described.

There are different ways to link your datasets to your article. When available, you can directly link your dataset to your article by providing the relevant information in the submission system. For more information, visit the database linking page.

For supported data repositories a repository banner will automatically appear next to your published article on ScienceDirect.

In addition, you can link to relevant data or entities through identifiers within the text of your manuscript, using the following format: Database: xxxx (e.g., TAIR: AT1G01020; CCDC: 734053; PDB: 1XFN).

Mendeley Data

This journal supports Mendeley Data, enabling you to deposit any research data (including raw and processed data, video, code, software, algorithms, protocols, and methods) associated with your manuscript in a free-to-use, open access repository. During the submission process, after uploading your manuscript, you will have the opportunity to upload your relevant datasets directly to *Mendeley Data*. The datasets will be listed and directly accessible to readers next to your published article online.

For more information, visit the Mendeley Data for journals page.

To maximise the visibility of your data, authors are invited to add a citation to their datasets by including a data reference in their Reference List as per the 'Data References' instructions elsewhere on this page.

Data in Brief

You have the option of converting any or all parts of your supplementary or additional raw data into one or multiple data articles, a new kind of article that houses and describes your data. Data articles ensure that your data is actively reviewed, curated, formatted, indexed, given a DOI and publicly available to all upon publication. You are encouraged to submit your article for *Data in Brief* as an additional item directly alongside the revised version of your manuscript. If your research article is accepted, your data article will automatically be transferred over to *Data in Brief* where it will be editorially reviewed and published in the open access data journal, *Data in Brief*. Please note an open access fee of 600 USD is payable for publication in *Data in Brief*. Full details can be found on the Data in Brief website. Please use this template to write your Data in Brief.

ANEXO 2 – COMPORVANTE DE SUBMISSÃO DO ARTIGO 1

Receipt of submission: NCOMMS-21-15604 Caixa de entrada ×

naturecommunications@nature.com 16:21 (há 2 horas)
para mim

Dear Ms de Aragao,

Thank you for submitting your manuscript entitled "Mapping suitability patterns of the extinct Quaternary megafauna in South America: a new methodological approach".

Your submission has been assigned a tracking number of NCOMMS-21-15604. Please quote this tracking number in the subject line of any correspondence.

You may check the status of your submission by selecting the "Check manuscript status" link at the following URL:

https://mts-ncomms.nature.com/cgi-bin/main.plex?el=A7S1CKBt1A6MRyx2F6A9ftdCUTQXPnD7XXcs1dvxo6BIwZ

Best regards,

Manuscript Administration
Nature Communications
4 Crinan Street
London N1 9XW
E-mail: naturecommunications@nature.com

Our flexible approach during the COVID-19 pandemic
If you need more time at any stage of the peer-review process, please do let us know. While our systems will continue to remind you of the original timelines, we aim to be as flexible as possible during the current pandemic.

This email has been sent through the Springer Nature Tracking System NY-610A-NPG&MTS

Confidentiality Statement:

This e-mail is confidential and subject to copyright. Any unauthorised use or disclosure of its contents is prohibited. If you have received this email in error please notify our Manuscript Tracking System Helpdesk team at http://platformsupport.nature.com .

Details of the confidentiality and pre-publicity policy may be found here http://www.nature.com/authors/policies/confidentiality.html

Privacy Policy | Update Profile

ANEXO 3 – JUSTIFICATIVA DOS COAUTORES

Pablo A. Martinez – Possui licenciatura em Genética pela Universidad Nacional Misiones (2007), Mestrado em Ecologia na UFRN (2010), e Doutorado em Ecologia na UFRN (2013). Têm trabalhado com diversas ferramentas como citogenética molecular, morfometria geométrica, filogeografia, analises comparativos, modelagem de nicho e análises espaciais. Está interessado em compreender como os processos históricos e ecológicos modulam as variações fenotípicas e a distribuição dos vertebrados (Texto lattes).
http://lattes.cnpq.br/5991773287291413

Contribuiu auxiliando no tratamento dos mapas modelados utilizados no capítulo 2 "Mapas de adequabilidade e padrões de distribuição de fósseis da megafauna Quaternária na América do Sul: uma nova abordagem metodológica" e dos mapas de geológicos utilizados no capítulo 3 "Determinação de áreas prioritárias para prospecção de fósseis de herbívoros da megafauna Quaternária".

Pablo Riul – Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Paraíba (2004), Mestre em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Federal da Paraíba (2007) e Doutor em Ecologia (2015) pela Universidade Federal de Santa Catarina (Doutorado sanduíche na Universidad Rey Juan Carlos, Madri, Espanha). Atualmente é professor Adjunto II do Departamento de Sistemática e Ecologia da UFPB onde coordena o Programa de Pós Graduação em Ecologia e Monitoramento ambiental (PPGEMA) do Campus IV. Tem experiência na área de Ecologia, com ênfase em Biodiversidade e Macroecologia de organismos costeiros, com interesses principalmente nos seguintes temas: Biodiversidade de comunidades associadas a bancos de rodolitos e distribuição de organismos marinhos da zona costeira.
http://lattes.cnpq.br/4057417762152773

Auxiliou no uso do *Zonation* e nas dúvidas sobre as funcionalidades deste *software* utilizado no capítulo 3 "Determinação de áreas prioritárias para prospecção de fósseis de herbívoros da megafauna Quaternária".